

PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 18, Maio/Junho, 2006



no presente

*Ensaio do fotógrafo Luciano Azevedo
enfoca Acervo da Fazenda Pinturas e
Museu do Sertanejo, em Acari*

Paulo Varela
Poeta luta pela valorização
da cultura potiguar

São João do Sabugi
Terra do melhor São João do sertão

Entrevista
Produtor cultural
José Dias Júnior

Macaíba
Ponto de cultura do RN

CULTURA DAQUI. CONSUMA SEM MODERAÇÃO.

O Rio Grande do Norte também produz cultura.
E produz cultura de qualidade, seja em teatro, música,
literatura ou outras áreas. Consuma a cultura daqui.
Sua alma vai sentir os benefícios.



A Preá está na Internet: www.fja.rn.gov.br

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120
Fone/fax: (84) 3232.5327/3232.5304

Governadora
Wilma Maria de Faria

Presidente
Isaura Amélia Rosado

**PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO
RIO GRANDE DO NORTE**
ISSN 1679-4176
ANO IV Nº 18
MAIO/JUNHO/2006

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERIODICIDADE
BIMESTRAL

EDITOR
TÁCITO COSTA
tacitocosta@estadao.com.br

EDITOR ASSISTENTE
SÉRGIO VILAR
sergiovilar@digizap.com.br

ESTAGIÁRIA
RAMILHA DE SOUZA

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
LUCIO MASAACKI
infinitaimagem@infinitaimagem.com.br
(84)8805-1004

REVISOR
JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

CAPA
FOTOS: LUCIANO AZEVEDO

A palavra da casa

Isaura Amélia Rosado

A realização, mais recentemente, do seminário “Bom-Dia Sertões”, em Natal e Mossoró, do Encontro Nacional de Folclore, a programação comemorativa pela passagem dos 20 anos de “encantamento” do mestre Câmara Cascudo, o Seminário e o Encontro de Bandas de Música, a reativação do Coral Canto do Povo, tendo como regente o Padre Pedro, dentre outros eventos, mostram que a Fundação José Augusto continuou realizando o seu trabalho.

Devido aos trâmites burocráticos, e por ele mesmo, está aí mais uma Preá, que vem cumprindo bem a sua missão de levar a produção cultural feita no Estado a todo o país.

Todos sabem, principalmente aqueles que estão de alguma forma, envolvidos com a cultura, as dificuldades para se produzir nesta área. São dificuldades arrefecidas em alguns momentos, mas no geral elas persistem ao longo da história.

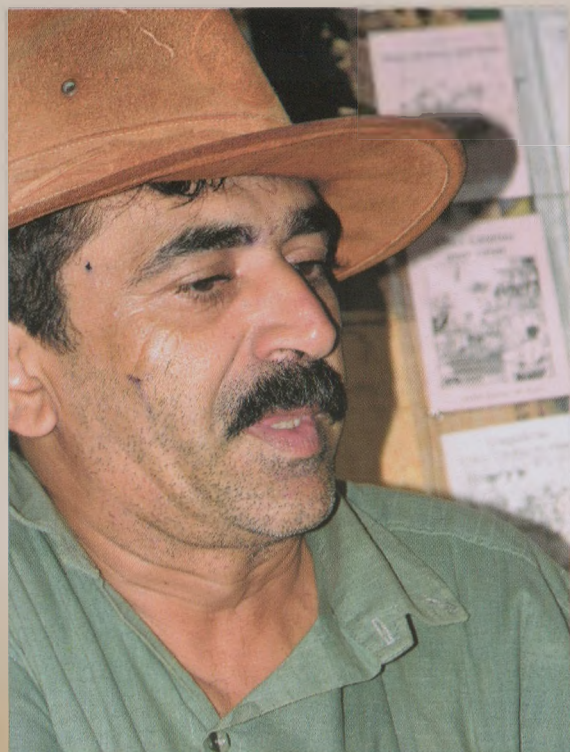
Por isso, é preciso louvar e lembrar, até mesmo para servir como exemplo, quando um governo, instituição ou mesmo pessoa física, se destaca no apoio à cultura.

Hoje, o sentimento generalizado, tanto na população quanto entre os formadores de opinião e artistas é que o Governo Wilma, pelo que realizou nos últimos quatro anos, está entre os que mais fizeram pela cultura do Rio Grande do Norte.

Quem se der ao trabalho de comparar, sob qualquer ângulo, dos recursos investidos às ações e intervenções em prol da cultura, verá que tivemos um governo ímpar, inovador e marcante como foi o de Augusto Maranhão, referência nesta área.

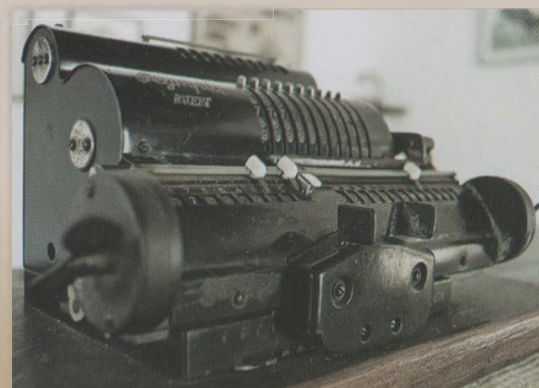
Uma administração que, de forma inédita e inteligente, manteve projetos da administração anterior (o Seis e Meia, por exemplo), melhorou outros e criou programas revolucionários, como o das Casas de Cultura.

Por tudo isso, precisamos avançar. Esse trabalho não pode ser interrompido. Vamos tornar o Rio Grande do Norte uma referência no Brasil, quando o assunto for cultura. 🇬🇧



O poeta Paulo Varela afirma que o RN desconhece seus valores culturais e que falta bairrismo aos potiguares

O fotógrafo Luciano Azevedo fotografou o acervo da Fazenda Pinturas e do Museu do Sertanejo, no município de Acari

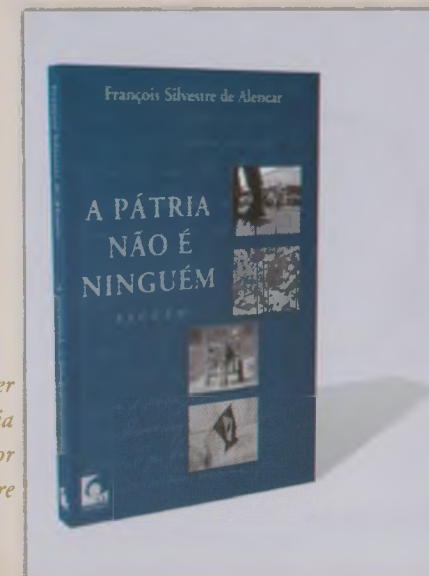


Grupo de jovens escritores lança o site "Verborragicos", para publicar seus trabalhos e divulgar a literatura potiguar



O premiado escritor Bartolomeu Correia de Melo faz sua estréia na Preá com o conto "Tira Teima", que aborda a figura do cangaceiro Lampião

O fotógrafo Anchieta Xavier escreve sobre o romance "A Pátria não é Ninguém", do escritor François Silvestre



índice

Expediente / A palavra da casa	3
Cartas	6
Paulo Varela: "Falta bairrismo aos potiguares"	8
Ensaio fotográfico - ao presente	14
Dez anos de Harmus e amor à música	20
As cores e letras de Júlio César	22
Os mais ou menos	25
Noite de Zambê	26
O Homem Urso	28
Bilhete para quem mora do outro lado do Planeta	30
A arte da poesia	32
13 por 1	34

Poesia Potiguar - Kalliane Sibelli	35
Sobre A Pátria não é Ninguém	39
Romanceiro de Princesa	42
No princípio era o verbo...	44
Tira Teima	46
Para além do buraco negro	50
São João do Sabugi - Terra de cultura viva e de moradia tranquila	52
Entrevista: José Dias Júnior	65
Macaíba - Ponto de cultura do RN	74
Livros	88
PS	90

C A R T A S

Greta Garbo

Grato pelo envio da bem elaborada Preá 16. Um espetáculo o artigo sobre Greta Garbo. Pena que não tenhamos em São Paulo uma publicação cultural deste porte. Dizem por aí que somos um Estado “riquíssimo”.

Renato Braga
São Paulo-SP

Ariano e Nisia

Tive um final de semana maravilhoso, pois encontrei-me com a Preá pela primeira vez e de ‘quebra’ com Ariano Suassuna (set./out.2005); um pouco atrasada para estes encontros, mas chegou na hora certa. Uma aluna mostrou-me a revista e logo apossei-me, na promessa de que entraria em contato com você, pedindo para nos enviar um exemplar para a Biblioteca e se não for demais, com os números atrasados. A aluna trabalha na Embrapa de Planaltina-DF. Eu sou Coordenadora do Curso de Letras da UEG (Universidade Estadual de Goiás), UnU de Formosa, distante 80 km de Brasília, e seria um prazer recebê-la. À noite, fazendo palavras cruzadas, encontrei num caça-palavra o assunto principal: Nisia Floresta, nascida em Papari, cidade que

leva seu nome, no RN. Sugiro (se já não o foi) como matéria das próximas edições. Parabéns pela qualidade gráfica, textual, fotográfica, enfim, ela é tudo de bom.

Nadja Cayser de Oliveira
Educatória - Goiás

Florânia

Agora, que meu filho Gustavo Porpino não faz mais parte do time da Preá, sinto-me mais confortável de dizer o que penso sobre essa excelente revista. O último número, com a última “Palavra da Casa” do “moleque” François Silvestre, está tão boa quanto às anteriores. Fiquei muito satisfeito de voltar a ler o excelente texto de Jóis Alberto entrevistando Eugênio Neto. Espero que Jóis continue colaborando com a revista. As duas matérias de Sérgio Vilar sobre Florânia e São José de Mipibu e a entrevista com Affonso Romano de Sant’Anna estão ótimas. A matéria sobre Florânia me transportou à minha infância e juventude quando ia passar as férias lá, levado por Dom José Delgado. Florânia das meninas bonitas e das pinhas e das galinhas caipiras mais gostosas do mundo. Parabéns e longa vida à Preá.

Geraldo Batista de Araújo
Escritor - Natal-RN. geraldo@concursos-rn.com.br

Homenagem

Muito obrigado pelo prazer de receber a Preá. Acho que é um agradecimento curto, mas muito verdadeiro. Segue um poema motivado pela Preá 16.

Ah, minha Natal!
terra onde tem andador
poeta
e poeta-doutor
- ia me esquecendo da poetisa
que por contingência da vida
também é filósofa -
mas eu acho
que as palavras fazem mais cegas
no andador que no doutor
que naquele espaço pequeno
o poeta-andador
ri mais com as estreitezas da vida
- a poetisa?
são delas as palavras que nascem no ventre
do sopra
ali pelas redondezas de um céu que dizem
da boca
Ah, minha Natal!
eu aqui no Sul
onde muitos doutores também se dizem
poetas
e onde poetas calçam as misérias humanas
e palavras podem não fazer cegas
mas elas perfuram a alma...
engraçado: E não sangra

Carlos Pessoa Rosa
Editor www.meiotom.art.br - Atibaia - SP

Iracema

Continuo recebendo regularmente a revista Preá. Sempre uma autêntica fonte de informação cultural. Parabéns a você e equipe. Meus cumprimentos pela bela entrevista com a filósofa-poeta Iracema Macedo. Fiquei com vontade de parabenizá-la, mas na revista não saiu o e-mail dela. Enviei um para o Departamento de Filosofia da UFMG. Espero que chegue a ela. Felicidades!

Carlos Alberto de Assis Cavalcanti
Prof. do Centro de Ensino Superior de Arcoverde - PE

Quixote

Prezado João da Mata, gostei muito do seu artigo sobre o Quixote. Fiquei impressionada com a quantidade de informação que você fornece em tão pouco espaço. Achei muito interessante a chamada para as recriações feitas em diversas linguagens e em diversos lugares, além das notícias sobre edições. Acho que para um leitor que ainda não se aproximou da obra, seu artigo pode desencadear o desejo da leitura. Não conheço o romance do Inglês de Sousa que você menciona e fiquei bem curiosa. Vou anexar à mensagem um artigo que acabo de es-

crever para uma publicação em Montevideo, não porque traga grandes idéias e sim porque dá notícias de um grupo que se formou em Porto Alegre, entre 1946 e 47, em pleno IV centenário do nascimento de Cervantes: Grupo Quixote. Talvez você tenha notícias sobre o grupo, apesar de não ser muito conhecido.

Maria Augusta da Costa Vieira
Professora de literatura da USP

Affonso Romano

Apesar das minhas impertinências, o escritor Enéas Athanázio me tem sido quase um pai, no que se refere à cultura, pelo menos. Vai daí que me enviou recentemente esta vossa revista, verde de esperança desde a capa. Trazendo o concurso de poesia já no verso da capa – como sempre, sem os dados todos. Foi imensa a minha surpresa, desde o bom gosto e equilíbrio das cores nas páginas, passando por uma diagramação esmerada e ilustrações belíssimas.

De grande valor a entrevista do “filósofo” Affonso Romano de Sant’Anna – é dele a frase “quem escreve, escreve para não morrer, quem lê o faz para

se sentir vivo” (ou quase isso) – mas o livro é eterno pelo simples fato de que, enquanto o homem planta feijões na Lua, outros cá embaixo ainda usam carvão para fazer a comida e, esses, sustentarão a (r) existência do livro como lazer e instrução. Que tal entrevistarem Inácio de Loyola Brandão e Carlos Eduardo Novaes?

Florânia existe mesmo? Parece ficção, espécie de paraíso na Terra. Difícil crer numa cidadezinha com tantos artistas, com tanta arte nas casas e nas ruas. Deveria ser tombada aí pelo (seu) Governo. O melhor desta revista “estatal” (perdoem-me o termo) é a isenção, a honestidade na apresentação/representação de seus valores, de suas riquezas e paisagens. Vade retro aquele ufanismo basbaque do tipo “divulgar a nossa terra”. Sente-se na Preá o sentimento maior de “exaltar a cultura do povo brasileiro”, nos felizes dizeres do maestro João Claudiano, na pág. 7.

Parabéns é pouco para vocês que constroem com inteligência e carinho esse monumental registro da cultura viva no Rio Grande do Norte e no país. Só me resta dar-lhe meu incentivo a fim de que não desistam.

Nato Azevedo (Escritor)
Ananindeua-PA

PAULO VARELA

“Falta bairrismo aos potiguares”



Por Sérgio Vilar

Fotos: Areta Luna

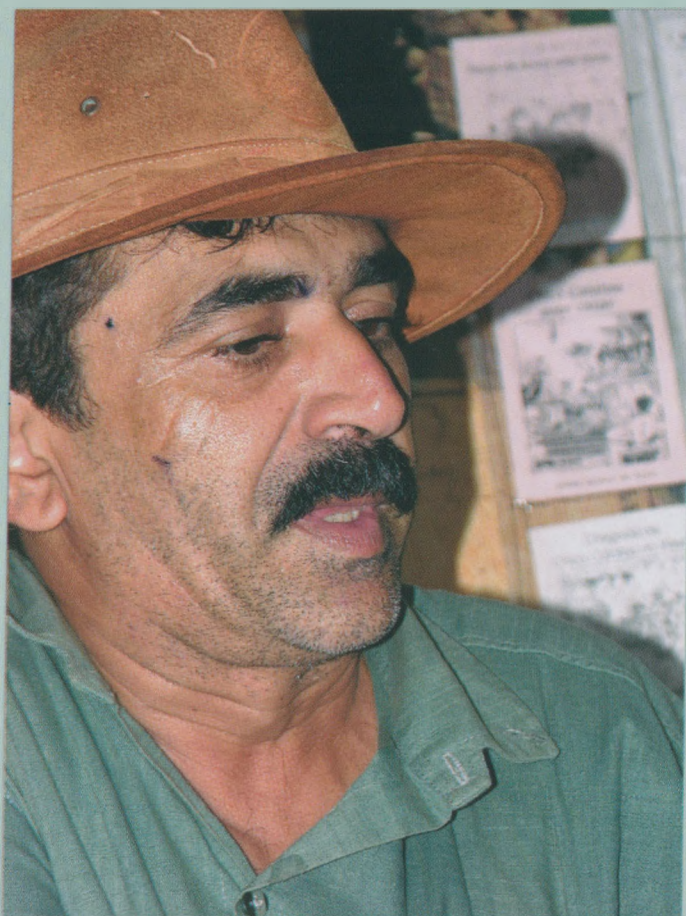
Faltam alguns segundos para o cordelista entrar no palco do Teatro Alberto Maranhão. Demonstra algum nervosismo. Anda de um lado para outro com a cabeça baixa e em ritmo apressado. “Pronto?”, pergunta. É hora de entrar. As cortinas do palco não se abrem. Ele apenas afasta um lado da cortina, lá no canto, e entra tímido, dando boa noite à platéia. Não, não foi dessa vez que o poeta popular, Paulo Varela conquistou espaço no TAM para apresentar seu show. A oportunidade foi uma brecha entre o show da atração local e nacional, dentro do Projeto Seis e Meia, para que pudesse recitar sua poesia, seus causos matutos, rimados, ritmados, recheados de humor e de costumes sertanejos. Sucesso total. Gargalhadas. Aplausos.

Paulo Varela tem 41 anos e é de Açu, terra da poesia, enaltecida por Cascudo como cidade literária da Província, do verso fescenino, licencioso e invariavelmente cômico. O mestre parece descrever o cordelista, que veio para Natal só mesmo para tentar vida melhor, mostrar seu trabalho. Vive na capital há um ano. O nome do único filho mostra sua paixão: Paulo Ângelo Assuense de Macedo Varela. Ele disse que os outros que virão de seu segundo casamento também levarão o adjetivo “assuense” no nome. E a terra dos vales esverdeados, dos carnaubais e casarios ainda é fonte primeira de inspiração para a poesia de Varela. É que lá o poeta diz encontrar os paradoxos necessários para uma poesia rica. É o seu quintal perdido da infância: um misto de pobreza e riqueza, do sertão árido e úmido; o belo-horrível da caatinga.

Seu pai foi o retrato da improvisação e necessidade sertaneja: pescador, caçador, vendedor, agricultor. “Tinha época que

se plantava. A chuva vinha e levava tudo. Em outra, era a sequeidão do chão”. Toda essa vivência está presente no trabalho de Paulo Varela. São cordéis e poesias, antes de tudo, autênticos. Segundo ele, é uma “poesia escrita em cima da rima, da métrica e do tema; uma poesia boa. Porque quando é feita com o pé-quebrado ninguém gosta”. Musicados os causos matutos, a tradição das histórias de trancoso, o show está formado. A comicidade da sua apresentação começa quando de suas primeiras palavras. É que Paulo Varela é gago desde os 18 anos. Adquiriu a disfunção na linguagem de um dos irmãos, Sebastião. O irmão até se curou, mas Varela carrega a gagueira até hoje.

Esse foi um dos episódios que contou no programa Jô Soares, ano passado e que mais arrancaram gargalhadas da platéia. Na hora de cantar ou recitar sua poesia, a gagueira desaparece. É que os gagos, como disse, pescam algo do subconsciente e as palavras fluem. E foi com essa desenvoltura com as palavras que encantou o Brasil quando de sua apresentação no programa. É que é difícil acreditar que exista quem rejeite a poesia popular de Paulo Varela. Se tem o riso quase certo, há também a admiração pela cadência e ritmo das frases, a empatia com os temas rurais e causos matutos, além da musicalidade da viola sertaneja.



A profecia de Patativa do Assaré

Varela conta que começou a escrever aos 11 anos. Na escola sempre era escolhido para desenhar no quadro. Foi tomando gosto pelas artes. Hoje, além de escrever poesia popular, pinta e até desenha as xilogravuras de seus cordéis. Se o pai o levou a conhecer melhor os cenários sertanejos, a mãe o influenciou nas artes: era bordadeira e desenhista. Aos 18 anos, seguindo o passo dos seis irmãos, Paulo, o caçula começa a trabalhar no ramo de telecomunicações. Seria o impulso que o levaria a conhecer a poesia de Patativa do Assaré e a trilhar um destino que o aguardava em Natal.

Antes disso, foi transferido pela empresa em que trabalhava, para Fortaleza (CE), em 1982. De lá, para Juazeiro do Norte. É onde Varela se envolve mais intensamente com o cordelismo. Mas foi na terra do “Padim Ciço”, o Crato, onde conheceu Patativa do Assaré, já em 1986. Anteriormente, encontrava Patativa pelas feiras livres das cidades do Ceará. A conversa entre os dois rendeu o primeiro cordel publicado por Varela, somente em 1992, intitulado *Rota de Vaqueiro* e publicado pela Academia de Cordelistas do Crato. Nesse meio-tempo, escrevia para jornais cearenses. Das recordações do poeta açuense, uma frase dita por Pa-

tativa que lhe marcou: “Ô Paulo, você ainda vai longe com essa sua poesia”. — Pena que faleceu antes de ter me visto no Jô —, lamenta.

Paulo Varela permaneceu no Ceará até 1996. Com a privatização das telecomunicações, o cordelista sai da empresa e passou a viver exclusivamente de poesia. Em 1998, em Aracaju, produz um CD com dez músicas. Uma delas é premiada com o segundo lugar no Canta Nordeste, na voz do sergipano Luís Fontenele. É quando o poeta começa a compor e passa a escrever música para grupos artísticos. Chega até a montar um grupo de forró pé-de-serra, ainda em Aracaju. O primeiro CD de poesia popular é lançado em 1999, já em terras potiguares, sob o título *Lendas de um cantador*.

Em 2000, Varela lança o segundo CD de causos matutos. Mas não seria dessa vez que o poeta ganharia alguma notoriedade. Ainda morando em Açú, seu trabalho encontra dificuldade de espaço na mídia local e muito menos consegue se expandir para o Estado. “Mas continuei sempre escrevendo”, lembra. O terceiro CD, *Remédio pra subir pau*, com 14 faixas e lançado em Natal, em 2004, é a porta de entrada para o programa do Jô Soares, no ano seguinte.

Além dos três CDs de causos matutos, todos independentes, Paulo Varela produziu ainda cordéis, escreveu todo o roteiro do Auto do Açú, com arranjos de Danilo Guanais e diz ter mais de dois mil trabalhos poéticos escritos, prontos para serem publicados, à espera de patrocínio. “Não me deram oportunidade de trabalhar no meu lugar, no meu Açú. Desempregado, como continuo até hoje, consigo fazer apenas algumas apresentações, onde vendo meus cordéis, meus CDs. E eu sei que posso contribuir para a cultura do Estado”.

Sucesso em Jô Soares

O caminho traçado por Paulo Varela sempre se amparou na poesia. Foi assim que ele conquistou sua atual esposa, Ângela Macedo da Silva. E foi dela a idéia de enviar uma carta ao programa de entrevistas de Jô Soares, na Rede Globo. “Sempre acreditei no seu talento. É como o próprio Jô falou: Paulo não só escreve como interpreta muito bem a poesia. E como percebi que ele tinha muito pouco espaço para mostrar seu trabalho em Açú, onde morávamos na época, dei a idéia de ele escrever para o programa”, conta Ângela.

O resto ficou por conta do cordelista. A carta, que levou junto o CD *Remédio pra subir pau*, teve quatro páginas. E dizia mais ao menos o seguinte: “Jô, sou um caboclo aqui do interior. Moro aqui em Açú, terra de poetas. A minha casa não tem geladeira. A minha esposa é ótima e sobrevivo de poesia. Está um pouco ruim sobreviver de poesia porque a mídia não chegou até minha pessoa e não tenho como ir à mídia. Mas lhe garanto que tenho capacidade de fazer um bom programa de entrevista, recheado de casos matutos. Queria do senhor essa oportunidade, atendendo um pedido da minha esposa para esse caboclo lhe visitar”.

Paulo Varela revela que demorou quatro dias para a produção do Programa lhe contatar. “Foi o tempo da carta chegar lá”. A entrevista foi marcada para 18 de abril de 2005, nos estúdios do Programa, em São Paulo. “A moça disse que antes faria uma pré-entrevista e pediu para eu não comentar com ninguém antes disso. Depois de umas 4 horas ela ligou, perguntou sobre o que eu pretendia falar. Eu disse que era pra contar causos matutos, sobre minha vida. Ela disse: ‘Sua poesia fala de quê?’. Eu disse: ‘Olhe, você quer que eu fale de quê, de putaria?’. Ela disse: ‘Pode falar’. Aí soltei essa:

É bem grande a diferença, na vida dos animais, e a vida que não compensa é a nossa, dos caba que pensa, dos homens racionais. O bicho bruto do mato, sem ter roupa nem sapato, mas anda tudo decente. Lá num tem corrupção, nem estrangeiro ladrão. É diferente da gente. Lá num tem lei, nem política, nem

casa de diversão. Lá num existe malícia, nem se mata por traição. Lá ninguém compra nem vende, mas todo bicho se entende, desde o mais mole ao valente; e a natureza é quem faz, o bicho viver em paz. É diferente da gente. Todo bicho trepa em pé: num tem cama nem motel, nem tem santo e nem tem fé, e nem lua-de-mel. Lá num tem tanta frescura. O macho com a pomba dura lá desfila calmamente. Lá num tem advogado, num tem juiz nem delegado. É diferente da gente”.

Aprovado de imediato, lá estava o “caboclo” nos estúdios da Rede Globo. A entrevista foi gravada para ser apresentada no mesmo dia. “Mas quando encerrei, a moça que retirava os microfones me informou que o diretor (Willem Van Weerelt) estava me agradecendo pela ótima entrevista e pediu para informar que ela só iria ao ar dia 29 de abril, na programação de aniversário dos 40 anos da Globo”.

Mesmo com o sucesso da entrevista, reprisada depois entre as melhores do Programa, Varela lamentou a mídia local pouco se importar com o fato. Naquele ano de 2005, o poeta foi o único artista potiguar a dar entrevista a Jô Soares. “Já tenho o convite formal para voltar a dar entrevistas em programas da Globo. Aqui mesmo no meu Estado ainda não fui chamado para nada. Mas estou fazendo minha parte. Fiz um bom papel. Até hoje me elogiam pela entrevista. Recebi até convite para programas do exterior”, orgulha-se.

PAULO VARELA
“Falta bairrismo aos potiguares”

PAULO VARELA

"Falta bairrismo aos potiguares"

Centro ganha Encanto do Cordel

O "escritório" do poeta é na verdade um quartinho que, literalmente, ele arrumou no prédio da antiga TV Universitária, na Avenida Princesa Isabel, no centro da cidade, e que tornou-se um "ambiente apresentável", como diz. A entrada é pela rua Professor Zuza, mas já na esquina da Avenida se vê o aviso: "Visite o Encanto do Cordel". O local não tem água nem luz. Ainda pertence à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Estava uma sujeira só quando o poeta resolveu limpar, pintar e alojar seu trabalho e o de tantos outros poetas populares do Estado por ali. E o Encanto do Cordel virou ponto de encontro de cordelistas, professores e artistas.

Pouco depois de chegar a Natal, o poeta inaugurou o lugar, em janeiro deste ano. O nome Encanto do Cordel é uma homenagem ao cordelista Zé Saldanha, de 88 anos. Logo na entrada tem um quadro dele, que já passou pelas páginas da Preá. "Ele vem segurando a barra das cantorias por muito tempo. É como se fosse um ícone da literatura de cordel. É pouco divulgado ainda, porque o que realmente é popular tem pouco espaço", lamenta Varela.

Boa parte do dia Paulo Varela passa no Encanto do Cordel. Até escreve alguns de seus trabalhos por lá. É ele e o cordelista Erivaldo Leite, o Abaeté, quem tomam conta do local. Uma média de 600 títulos, de cerca de 30 cordelistas do Rio Grande do Norte estão expostos e à venda, além de alguns livros. São nomes como Antônio Francisco,

Ribamar, Luiz Campos, Isafas Gomes da Silva, e por aí vai.

"Minha idéia é que o RN se estabeleça como representação das atividades folclóricas. É preciso conhecer e reconhecer nossos valores. Temos hoje um Antônio Francisco, um Luiz Campos: um dos maiores poetas do Rio Grande do Norte, que ainda vive miseravelmente. É dele a maior poesia popular já produzida no Estado: *Me Enganei com Minha Noiva*".

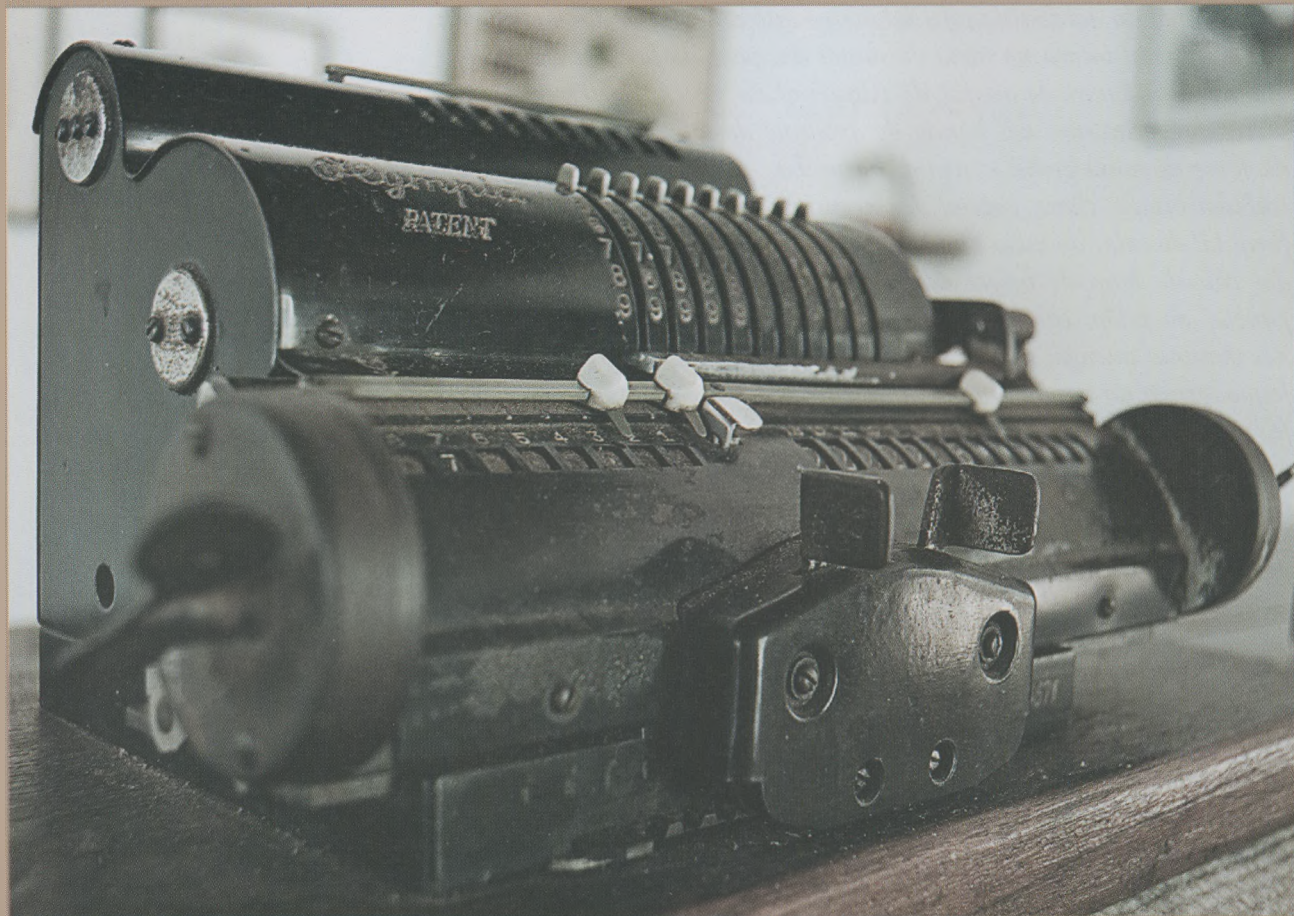
O poeta reclama da falta de bairrismo dos potiguares, tão presente em outros estados nordestinos como Pernambuco, Ceará e Bahia. "Hoje (16 de maio) quem vai se apresentar no TAM é o poeta popular, um ídolo meu, Jussier Quiirino, mas ele é da Paraíba. Nunca me convidaram em Fortaleza ou João Pessoa para apresentar minha arte".

E no meio da entrevista, o poeta faz um pedido: "Anote aí, que a entrevista está pra acabar, que apesar da minha luta para divulgar nosso cordel e nossa poesia popular, ainda estamos sem água e energia aqui. Quando vai escurecendo temos que fechar as portas".

"Pru mode dessas doidice/ que temos que escutar/ tanta coisa repetida/ desses tanto blá blá blá/ por isso que tenho dito/ os versos são mais bonito/ do que esses pocotó/ gente sem arte tá rico/ meu ouvido num é pinico/ nem também urinó./ Faço coisa diferente/ falo das raízes da gente/ pois eu acho mais mió/ Falo das nossa sabença/ das nossas maledicença/ das coisas do meio rural/ Eu falo do sofrimento/ do chicotar do jumentol/ do vôo do carcará/ falo do gado magrinhol/ da cachaça, do engenhol/ do nordestino sofrido/ deste mato ressequido/ dos espinho e unba do gato/ tocaia no meio do matol/ das poça do lamaçar/ da mãe que dá de mamar/ do aboiar do vaqueiro/ do repicar do ferreiro/ das preces dos retirantes/ dos bando de avoantel do sol amarelo e quentel da fome de nossa gente/ cangaia, bornalha, chucalhol tropeiro no seu trabaiol/ bisaca, chote, capim/ das negra, dos caba rim/ viola, moitão, furquia/ do calor do meio dial/ casa de taipa/ forró, cachorro, gato, socól dos caboclo bom de brigal/ das gostosa raparigal/ trincheta, algodão, panelal do pilão, cabaço e vela/ do luar da lamparinal/ do perfume das menina/ quenga, corno, caçotel biqueira, forno, mangotel/ farinha, feijão, arroz/ do nosso baião-de-dois/ cangapé, coice e matutol da nossa fé, nosso luto/ dos andar da romarial/ do repente, cantorial das beata rezadeira/ dos tiro de baladeira/ dos bolão de vaquejada/ dos coriscos, trovoudal/ inxada, peneira e pãl brita, roçado e vazantel e vamos mais adiante/ que eu num parei de falar...".



no presente



O ensaio, “no presente” foi realizado no acervo histórico da Fazenda das Pinturas, pertencente ao médico e escritor Paulo Bezerra (Paulo Balá) e no Museu do Sertanejo, localizados no município de Acari/RN.



Luciano Azevedo começou a fotografar aos 18 anos, usando uma Canon EOS 5000 do pai.

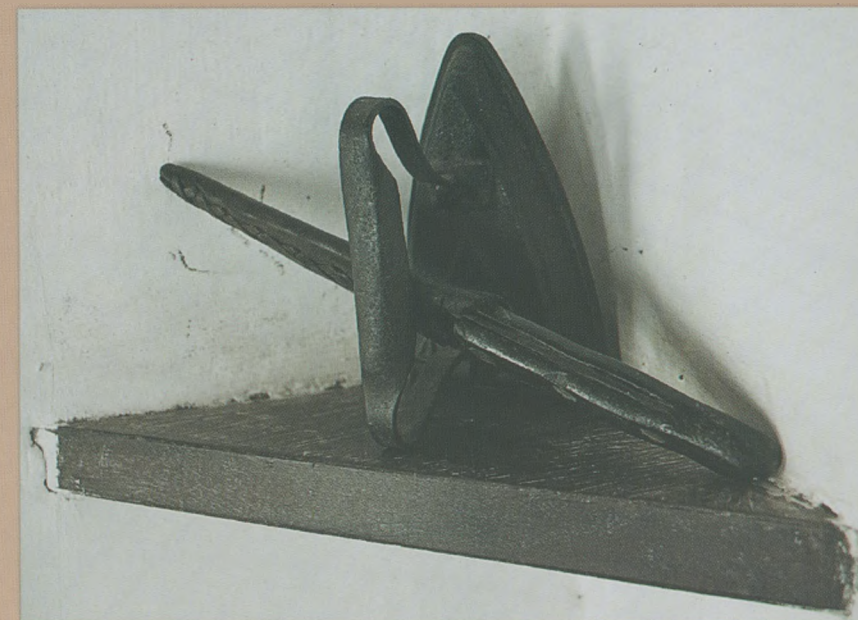
No início captava imagens próximas, como as orquídeas cultivadas na sua casa. Para aprimorar a técnica, participou de cursos de fotografia promovidos pela Fuji.

Sempre ligado à manipulação de imagens entrou para o mercado de comunicação, em TV - como editor de imagens, em jornal, e hoje em propaganda, como arte-finalista, responsável pelo tratamento de fotos e acabamentos finais em peças publicitárias.



As experiências ampliaram os temas e refinaram seu olhar. Atualmente fotografa de produtos à natureza, essa visão eclética permite que ele sinta prazer em fotografar qualquer situação.

Agora com 27 anos, e alguns trabalhos já realizados profissionalmente na área fotográfica, aderiu a era digital e suas infinitas possibilidades.



no presente





no presente



Dez anos de Harmus e amor à música



Por Alcebíades Neto

Fotos: Anchieta Xavier

O Coral Harmus (Harmonia Musical), do Instituto de Música Waldemar de Almeida, da Fundação José Augusto, completará dez anos de existência em agosto próximo. Fundado pelos então diretores Danilo Guanais e Alvaro Barros, em 1996, o Coral desponta como referência na execução de repertórios de grandes nomes da música mundial, com destaque para as canções eruditas.

Desde seu início, o Harmus teve apenas dois regentes: André de Oliveira e Marilene Campos Dias do Rêgo Barros (Leninha Barros, como é conhecida), que desde 1999 é a responsável pela regência dos quarenta integrantes, compostos em sua maioria por estudantes do Instituto e por pessoas da comunidade.

Há cerca de um ano, o Coral ensaia o *Réquiem* de Mozart, para coro, orquestra e solista. “O Réquiem é de uma complexidade muito grande, por isso estamos ensaiando durante todo esse tempo. A previsão é que até o final do ano, nós consigamos executá-lo pela primeira vez no Rio Grande do Norte”, explica Leninha Barros. sem receber nenhum tipo de auxílio. O nosso pessoal dá mais um exemplo de força de vontade e amor a música”, diz Leninha, ressaltando que as apresentações são gratuitas para o Governo do Estado e de R\$ 350,00 para os demais convites. Dinheiro que é totalmente revertido para os custos do grupo.

Além da obra de Mozart, o Harmus em parceria com o Coral Cantosospeso de Milão e a Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, apresentarão em agosto a *Miserere de Pergolesi*, sob a orientação do renomado maestro Martinho Lutero, que há mais de vinte anos trabalha na Itália. A convite de Lutero, Leninha Barros passou um mês em São Paulo, montando a *Missa de Alcaçuz*, de Danilo Guanais, que mescla música erudita e nordestina.

Para a maestrina, o Harmus dá um exemplo de crescimento e superação. “O nosso grupo vêm mostrando qualidade a cada obra apresentada, e sabemos que não é nada fácil ensaiar cinco horas semanais

O Coral também realiza apresentações em festivais importantes, como o Nordeste Cantat, o ENCONAT (Encontro Nacional de Coros em Natal), o concerto de música sacra da Igreja do Galo. Participou também da trilha sonora do projeto “Presente de Natal”, e freqüentemente se apresenta em cidades do Estado.

Mais adiante, o Harmus pretende executar a obra *Carmen* de Bizet, nunca apresentada no Estado, que contará com a direção cênica de Márcio Rodrigues. “Essa é mais uma obra que requer trabalho, dedicação, mas o prazer pela música supera qualquer dificuldade”, afirma Leninha. ■

As cores e letras de



Por Ramilla de Souza

Fotos: Anchieta Xavier

Os limites do sertão não foram suficientes para tolher o talento de Júlio César Pinheiro do Carmo, 50, artista plástico e calígrafo. Nascido em Santana do Matos, sertão central do Rio Grande do Norte, desde muito cedo ele já demonstrava interesse pelas artes. “Meus irmãos gostavam de brinquedos, mas eu sempre preferia lápis e papel”. A outra aptidão veio através do pai tabelião. O castigo para as traquinagens de menino era sentar e escrever, não sei quantas vezes, a mesma frase. E a letra tinha que ficar bonita, se não o castigo não valia. “Eu era uma criança muito rebelde, então meu castigo era escrever. Uma das frases que não esqueço é: ‘A preguiça é a chave da pobreza’. Devo muito a meu pai”.

O primeiro contato efetivo com as artes plásticas aconteceu quando da mudança de Santana do Matos para Natal. O motivo era o ingresso no curso de Edificações, da então ETFERN, e também porque sua cidade não oferecia o Segundo Grau. Veio para estudar Edificações, mas gostou mesmo foi das aulas de Educação Artística, nas quais se destacava com trabalhos que agradavam professores e colegas. Desde esse primeiro contato não parou mais de pintar, mas até a primeira exposição o caminho foi longo.

Concluído o curso na ETFERN em 1974 e com o diploma de Edificações veio o estágio em Tucuruí, no Pará, e na Amazônia. Júlio César afirma

ter sido esse período de importância crucial para o desenvolvimento de sua arte. A solidão, que faz bem e mal a todo artista, e o contato com uma natureza exuberante, estimularam ainda mais sua pintura. No breve período que passou na região Norte, de 1977 a 1979, todo o tempo livre foi passado entre telas e pincéis. “Tive um grande desenvolvimento em todos os sentidos”. Essa época foi de grande importância para o desenvolvimento da intuição do artista.

De volta ao Rio Grande do Norte, Júlio César foi para Santana dos Matos, trabalhar no Projeto Sertanejo, que marcou o início de sua carreira como funcionário público estadual. Voltou para Natal e passou a trabalhar na biblioteca do colégio Winston Churchill. A rotina era trabalhar à noite, pintar madrugada adentro, dormir pela manhã e pintar novamente à tarde. Quando o salário começou a defasar uma amiga deu a dica das pinturas em camisetas, uma forma de trabalhar com a pintura e ainda ganhar um dinheiro extra. “Minha amiga disse: ‘Júlio, você está liso porque não está explorando sua arte’, então ela comprou seis camisetas, seis potes de tinta e pincel. Em um mês eu já tinha um estoque de 100 camisetas. Vendia nas praias, os gringos adoravam.”

Trabalhando como bibliotecário e vendendo camisetas em praias como Pipa e Genipabu, no fim de semana, Júlio César juntou parte do dinheiro necessário para a compra do seu apartamento, no qual montou o tão sonhado atelier, e que o fez sair da casa de amigos, onde morou por oito anos. “Meu apartamento foi comprado com o dinheiro ganho com minha arte.”

Exposições e reconhecimento

Parte do dinheiro para a compra do apartamento veio da primeira exposição, um tanto tardia e muito aguardada. Em 1996 os trabalhos feitos com tinta acrílica foram expostos no Espaço Cultural do Banco do Brasil. Os quadros, com preço médio de 200 reais, foram em grande parte vendidos. “Eu me espantei com a aceitação que tive. O público gostou muito dos quadros”. Muitos foram vendidos, mas um, exposto naquele dia, o artista não vende até hoje. A tela de estilo expressionista é mantida na parede do apartamento dele. “Muito gente quer comprar esse quadro, mas eu não vendo por dinheiro nenhum. Ele me marcou muito.” É a marca do primeiro reconhecimento público da arte de Júlio César Pinheiro.

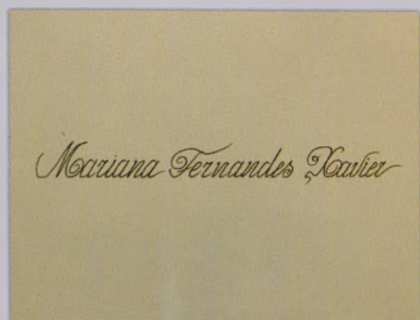
Passada a primeira exposição veio um percalço. Uma trombose, coagulação súbita do sangue dentro dos vasos. As conseqüências foram a mudança para Recife, para o tratamento médico, e o impedimento do uso da tinta acrílica, que prejudicava ainda mais a circulação.

A estadia em Pernambuco, logo após a primeira exposição, durou dois anos, e não foi de forma alguma improdutivo. A tinta acrílica foi substituída por outra à base de água, e apesar da diferença, Júlio não parou de pintar. Ao contrário, Pernambuco lhe rendeu, além de alguns trabalhos em caligrafia, uma outra exposição, desta vez na casa da amiga Vanusa Araújo, que o hospedou durante o período de tratamento médico. Para essa exposição Júlio César usou pastel (ou lápis de cera) em papel canson. “Vanusa trabalhava no Banco Central e divulgou para todos os bancos.” A volta para Natal, em 1998, foi coroada com mais uma exposição, na Associação Médica e com a compra do tão sonhado apartamento.

Hoje Júlio César está empregado no cerimonial do Governo do Estado. Entre outras atividades, trabalha com a caligrafia, na elaboração de fichas de autoridade. “Na composição das mesas é necessário que cada membro tenha sua ficha.”



As cores e letras de Júlio César



A caligrafia

A caligrafia é a arte da escrita rebuscada. Uma forma de tornar mais belo o que pode ser apenas simples. Há alguns anos ter uma letra bonita era um ótimo sinal. Indicava que a pessoa era organizada, dedicada, afinal fazer letra bonita não era tarefa fácil. Hoje em dia, com o advento e o avanço da informática, uma bela letra já não é tão importante. As escolas já não mais ministram aulas de caligrafia, e primeiro, a máquina de escrever, e depois o computador, tomaram o espaço da escrita à mão. Seria o caso da morte da caligrafia? Ainda não. A beleza e o desejo de individualidade fazem com que a arte perdure até hoje.

A caligrafia aprendida com o pai é parte importante na vida de Júlio César Pinheiro, e um complemento fundamental ao salário ganho no cerimonial do Governo do Estado. Fazendo cerca de 2 mil trabalhos por mês Júlio fatura em média 1200 reais. “No mês de maio é diferente, os pedidos aumentam e eu chego a ganhar 2 mil reais.”

Ele trabalha profissionalmente com a caligrafia há 15 anos. A guinada na carreira de calígrafo, segundo Júlio César, foi a confecção dos convites da festa de 15

anos de Marina Elali. “Achei muito bom que um empresário como Sami Elali confiasse no meu trabalho”

O estilo de letra é a cursiva inglesa, e não a gótica, e o trabalho é feito com caneta, e não com bico-de-pena. A caneta, chamada Unibool, é importada. “Custa caro, mas eu descobri que comprar em estoque é bem melhor”. Os tipos de papel utilizados são o couchet e o canson, sendo este de mais fácil absorção. Em nenhum momento Júlio trabalha com o computador.

Júlio César não passou por nenhuma escola de caligrafia, e diz não haver muitas pessoas especializadas no ofício em Natal, nem mesmo uma escola que ensine a possíveis interessados. “Algumas pessoas ministram aulas para um grupo pequeno, mas geralmente não dura muito. A concorrência não é um problema.”

Os trabalhos mais procurados são convites de casamento, principalmente no mês de maio. Depois vêm os diplomas, que dão mais trabalho por serem individuais. A divulgação é o próprio trabalho. São pessoas que vêm, por exemplo, um convite de casamento, gostam e solicitam ao calígrafo. “Já fiz trabalhos até para Brasília desse jeito”

Os mais ou menos

Rubens Lemos Filho

Jornalista

O medíocre é uma banalidade indispensável. Sem ele, o mundo seria uma Suécia, onde todos atingem os objetivos materiais antes dos 40 anos e é maior o índice de suicídios por tédio. Contraponto do gênio, da bela, do craque, o inexpressivo precisa estar ou passar. Jamais haveria graça uma novela sem a idiotice de um Jamanta, que, por absoluta renúncia às novelas, desde Roque Santeiro, assisti em rara concessão do estresse.

Um criativo diferenciado existe porque tem de ser comparado com alguém mediano, um mais ou menos. O medíocre é assim. Alguém que nasceu para ser mais ou menos. Nem bom nem péssimo. Simplesmente inosso. A vida é lotada de gente assim. O que pensa como burocrata, o de trato cartorial, porque nunca exijam de um

medíocre uma palavra e uma virtude chamada estilo.

Robert de Niro pode até não ter contracenado com Telly Savallas, mas Victor Mature tomou as telas em *Sansão e Dalila*. Jonh Herbert inferniza quem vê a reprise de *A Viagem*, todas as tardes. Ele e Maurício Mattar são medíocres graduados, devem dar palestras sobre o ofício.

No futebol, ele, o medíocre, que nem sempre é um chato ou um canalha, é corpo eternamente presente. Escalo uma seleção de pentacampeões razoáveis, aguados, sofríveis. Ei-los: Félix (1970); Jair Marinho (1962); Baldocchi (1970), Ronaldão (1994) e Orecó (1962), esse disputando no empate técnico com Everaldo (1970); Anderson Polga (2002), Kleberson (2002), Zinho (1994) e Zagallo (1958 e 1962); Dadá Maravilha (1970) e Paulo Sérgio (1994). Viola, de 94, e Roberto Miranda, de 70, escaparam.

Todo medíocre tem sorte. Burro é quem se acha inteligente. ■

Noite de zambê



Ângela Almeida
Escritora

As batidas do tambor guiam os corpos masculinos, quase nus (e ainda jovens) num labirinto móvel de uma série de passes contínuos que tocam suavemente a areia escura e fofa do terreiro, num destino de sensualidade e magia. Uma dança só de homens. Proximidade do homem com o outro homem - unidos numa espécie de dança

aderente, mantida pela emergência de forças dionisíacas.

As assimetrias dos corpos se recompõem no espaço, sob os ritmos repetitivos que provocam beleza e poesia. Na fluidez do som os corpos deslizam no ar e a carne molhada de suor reluz na noite de lua, provocando assim um chamamento de filhos negros fugidios.

O lugar é onde o homem tangencia o mundo.

Lá, o canto, a dança é vida e a vida, canto. É uma dança que funde a dor, o riso, o ritmo, o batuque, o homem morto (o negro do Quilombo), o homem vivo, o tudo e o nada, o simples da vida.

Deixar-se envolver por ele (pelo lugar) é chegar à sensação que nos põe em contato com o que há de mais profundamente íntimo ou mesmo irremediavelmente oculto. O prazer estético se apodera como um relâmpago, num breve momento sob o ritmo que serve de impulso da afetividade onde podemos sentir por segundos um pacto com o mundo e com nós mesmos.

Seu Geraldo, fiel aos seus princípios e a sua sina (de manter o zambê dançando), é um mestre que caminha

no seu mundo entre palavras, cantigas, rimas que entoa e seus dançarinos respondem, que determina e seus dançarinos obedecem, (quando ele entoa: No meio do mar tem uma pedra/ o mar vai dando/ refrão: pedra rolando... no meio do mar tem uma pedra... pedra rolando...). Ele vai revisitando uma memória muito antiga e simultaneamente elaborando novas maneiras de ver e compreender a vida. A sensualidade do seu Zambê evoca a complexa ternura da expressividade humana. Evoca gestos lindamente humanos, intuitivos; que delimitam, preenchem e rasgam o espaço da dança.

Os meus olhos vagabundeiam entre aqueles corpos feitos de troços, asas, golpes, dentro do clamor que transmuta as minhas noites vazias. Meu coração tropeça no olhar de dona Iracema (mãe de João, José, Maria, João, José, Maria...), um olhar que é duplamente alegre e triste naquela sua terra úmida e nua.

Estar ali é testemunhar o antes e o depois da alegria, onde eles nos mostram a simplicidade inabalável da vida.

Fico assim extasiada, à beira da noite, tateando o mapa singular e complexo daquela simples capacidade de força de transformar a vida em leve beleza tardia. ■

F O C O
P O T O
G U A R

O Homem Urso

Marcos A. Felipe (<http://focopotiguar.zip.net/>)

Dentre os vários aspectos do cinema documental, estabelecidos e recusados ao longo dos 100 anos de cinema, talvez seja a inserção do documentarista no fazer documentário o que mais me impressione em “O Homem Urso” (2005, de Werner Herzog). Não a inserção direta com a presença física do documentarista marcando o tempo e o espaço, como acontece com Eduardo Coutinho e o seu “sistema de conversação”, em seus inúmeros filmes; ou a inserção indireta do diretor na construção da cena, quando, por exemplo, Frederick Wiseman e o seu “modelo de observação” erguem todo o significado como fizera em *High School* (1968). Mas, antes de tudo, o envolvimento do documentarista em um *dispositivo de reconstrução*, que, paulatinamente, retorna ao passado e deixa evidentes as marcas, já que é preciso salvar o dispositivo alheio (no caso, as imagens do ecologista americano, protagonista Timothy Treadwell, protetor dos ursos no Alasca) para que o documento-imagem não feneça sem que antes tenha sido eternizado pelo cinema. Com *O Homem Urso*, Herzog (o mesmo diretor de “Aguirre” - 1972)

dá continuidade a sua obra colada ao cinema documental.

Para isso, o diretor alemão Werner Herzog monta seu dispositivo documental no conceito de reconstrução total, basicamente, em duas frentes: a primeira, matematicamente, rumo a uma métrica material estruturada na mesa de montagem, imprimindo unicidade ao documentário como um todo; e a segunda, semanticamente, fundada no resgate do significado dos fragmentos de imagem, causando não apenas a anulação dos significados primários das imagens em fragmento, mas do primeiro realizador, hermeneuticamente, dissecado. No primeiro caso, quando Herzog, pedaço-a-pedaço, reconstrói na mesa de montagem o documento-imagem do filmmaker-ecologista: juntando, agrupando e excluindo certos fragmentos documentais. Lembrando que, no documentário *O Homem Urso*, o protagonista Timothy Treadwell convive com ursos durante treze verões nos confins do Alasca e, através de uma câmera digital, documenta sua inserção na natureza e sua vida no mundo animal. A precisão dessa primeira reconstrução, em *O Homem Urso*, quase não permite que divisemos a fronteira entre o “filme de Herzog” e as “imagens do ecologista americano”,

discrepância que só fica clara na série de depoimentos que buscam reconstruir o personagem e entender as lacunas não resolvidas pelo material de Treadwell.

Werner Herzog ergue seu dispositivo construtor com tanta força que, primeiramente, o que vemos é a unidade material: tanto do realizado pelo filmmaker-ecologista quanto o material realizado pelo próprio Herzog. Talvez porque assim como Timothy Treadwell, ao mergulhar no mundo selvagem dos seus protagonistas, rompendo as fronteiras entre homem-natureza, Herzog em *O Homem Urso* também tenha objetivado romper a linha divisória descartearna entre sujeito-objeto do documentário. Por isso, a seqüência, o que Herzog nos mostra na sua linha de montagem é um conjunto de planos dos fragmentos de Treadwell, marcado, sobretudo, pelo preciosismo angular, a variação de quadros e pela fotografia primária que, mesmo quando Treadwell insere-se no campo de imagem, o seu mundo selvagem aparece documentado com todas as suas cores e originalidade – destacando-se os belíssimos planos feitos com a camereta encostada quase no tatame a olhar a vida animal e as inserções de Treadwell no mundo que escolhera para viver.

Dispositivo dentro do dispositivo que, por vezes, nos faz pensar que estamos diante de apenas um documentário. Mas, se materialmente, a unidade chega a similitudes extremas em função de, praticamente, *O Homem Urso*, de Werner Herzog, ser feito com os fragmentos de imagens realizados por Timothy Treadwell, essa confluência entre os materiais chega ao fim quando entra em processo a segunda frente que define o dispositivo de reconstrução montado por Herzog: a inserção reconstutora fundada, semanticamente, no significado dos fragmentos de Treadwell. Não basta ao diretor alemão, cujo cinema forjado no decorrer de décadas lhe proporcionou uma concepção específica da vida e da arte, montar de fragmento a fragmento o documento-imagem deixado por outrem, pois a inserção precisava ser mais profunda e destruidora – em alguns momentos, como na cena em que Herzog ouve a partir de uma fita-cassete as últimas palavras de Treadwell antes da morte, essa inserção profunda e destruidora faz o diretor trazer para si todo o significado e sugerir aos guardiões (a ex-namorada de Treadwell) de certos fragmentos a destruição total de certos

materiais que não interessam ao seu dispositivo em gestação.

Quando Werner Herzog, além de juntar os fragmentos de imagens, insere-se no fazer documental, buscando extrair os significados daquele conjunto de planos que existiam enquanto fragmentos e com seu significado primário, Timothy Treadwell morre uma segunda vez como todo mártir. Ao longo das seqüências, Herzog tenta decifrar cada sentido de cada ato de imagem como um heremeneuta voraz, reconstruindo o que Treadwell pensa e qual sua concepção do homem e do animal. Lê como um crítico de imagens cada fragmento, busca entender a inserção e permanência em cada plano do filmmaker-ecologista e imprime significados que só existem em sua concepção de vida e arte, sobretudo naquele plano vazio do vento sobre a mata densa cujo tempo e o vazio aferidos só existem no dispositivo montado por Herzog em um documentário (*O Homem Urso*) que reconstrói antes de tudo uma visão específica de personagem, de cinema e até mesmo aspectos autobiográficos do próprio diretor – sobretudo na locução feita pelo próprio diretor quando, por exemplo, relembra seu trabalho com o ator Klaus Kinski ao longo dos anos. ■

Bilhete para quem mora do outro lado do Planeta

Carlos Gurgel

Lola toca com os dedos a alma de quem ficou no Brasil. Lola também toca o pandeiro que ficou esperando que ele decidisse voltar. Lola também toca o coração de quem brinca (e passa) pela vida, com gosto de quem ficou nela, amanehecendo ao redor de frutas e flores.

Lola (que abdicou de ver a banda passar), também canta as canções que ficaram esperando pela sua volta. Ele, quando canta, abre o pulmão como quem volta para casa. Esperando na hora do jantar, só os quitutes nordestinos, espalhados por coqueiros, sombras das sobras de nós, e o gesto de ficar somente na varanda, esperando pela banda que no início desse parágrafo, abdicou.

Lola, mais do que nós sente o Brasil. Lola, mais do que nós, sofre o Brasil. Sim, ele ama mais do que nós, o Brasil. Mesmo longe, distante. É como se nas canções que ele grava, ele confidenciasse com sua voz, o seu amor eterno por sua terra. Como se seu violão ou sua guitarra, desfilassem o lamento que nas favelas, ou em outros lugares, proliferam a qualquer hora e em cada dor do coração de quem ficou.

Sim, Lola ri. E chora intensamente. Ele sabe que quando decidiu sair, ir embora, ele segredou para seus arranjos e suas canções, a poesia da sua rua, como alimentando a vontade de nunca

ter partido. Como se partido em muitos Lolas que se vêem e se despedem.

Assim, como pessoa, e como artista que é, ele aterrissa em espaços, por dentro de lágrimas e alegrias, e vai compondo um repertório que faz dele um tradutor de alfândegas e hemisférios.

Ele sabe, ele tem consciência de toda essa transformação. Esse trem do coração, que escolhe paisagens e amores. Que finca as árvores dos pés, espalhando pelo chão onde pisa, onde brota, a poesia de quem se quer muito.

Como um espírito que fortalece e fabrica desejos e sonhos. Como uma ponte que liga o seu lugar ao seu mundo. Onde voa e aterrissa. Onde flana e adormece. Entre novas línguas, vales, descidas e amanheceres.

Lola, como um espelho que reflete paraísos e armadilhas, renova repertórios e lembranças. Alinha e dá vida aos seus pensamentos como uma linha de trem, que sabe o percurso da escolha. É mesmo como se fosse um poema que nasce quando se está na rua, à procura da memória do que se esqueceu. É mesmo assim, como um pensamento solto, que vai procurando pelo firmamento de palavras e melodias.

Lola quando pega o violão e toca, ele se descobre por entre dunas, sol do litoral, descidas e subidas de escadas e calçadas. Quase o tempo que se encarrega de eternizá-las como parte das suas histórias, memórias.

Lola quando pega a guitarra e toca, é como se o rio que é grande de quem tem sorte, recebesse na sua nascente os segredos de quem sempre quis voltar. Para rever barcos, amigos, areias do mar e o néctar da manhã que ficou no asfalto.

Lola quando canta com sua voz, é como se fosse um aviso. Lembrando que suas lembranças não têm fim. Só é preciso providenciar um banquinho e um violão. E cantar para amigos, para novas amizades e para o tempo que virá.

A verdade, amigo Lola, é que todos nós nos lembramos de você, como se você nunca tivesse saído. Como se a cada dia que passa, ouvíssemos suas canções, como se fossem as nossas canções preferidas. Ao redor dos seus arranjos e toques e arremates das cordas do seu coração e dos seus instrumentos.

E tudo isso, como uma roupagem, uma montagem que nos faz querer bem. Como um dedilhado, um arumado de pescarias, de garimpagens que vão torcendo, tecendo como um caminhante noturno, a pulsação do dia que te aceita como receita de uma tenda que te abriga.

E Lola, que sola o solo na sala da sua solidão, e que reparte com nós o chão que lhe faz cidadão do mundo. Tendo ao redor dos seus olhos o filme, a película das suas mais precisas emoções, como espelho, porto, nave que vai e

vem, como no quarto da memória que hospeda as suas criações.

Lola é como uma bola que desce e sobe, por entre ladeiras e descidas do seu álbum de fotografias. Como uma vela de um barco de lembranças. Como vela de um pedido que se faz, que o chama, perdura para sempre.

Pois no caís que sua verdade nasce, o seu pensamento compreende que a vida, toda ela, é um quadro de despedidas e acolhimentos. De nascimento e morte. Da sorte de quem é forte, e suporta com sua música e poesia a noite que nunca quer passar.

À distância, quando se vai, é como um pássaro que voa. E ela pode ser tão boa, como a porta de uma casa quando se abre, e recebe com os seus afetos, um baú recheado do remédio que cura saudades e desafios.

E na linha do trem, que nosso corpo se movimenta, se torcem, contorcem, balançam e estão vivas todas as partes de um roteiro onde se fez a opção pela viagem. Pela vontade de se descobrir em outro lugar, onde palmilhamos como frutos da terra, que nos (ou) viu nascer à promessa de se estar no mundo.

Pois o quintal, a ante-sala, onde nos fez homens, ela pode ser do tamanho que nossa imaginação desejar. Ele (o quintal) pode abarcar jardins e açores, piscinas e pomares.

Ele (o jardim) pode clamar pela falta que fazemos, quando esquecemos

de lembrar de nós mesmos. Quando desligamos o que faz parte da nossa história. E de todas as histórias que vão aparecendo ao redor do caminho que escolhemos.

Assim, para quem partiu, e que nunca se esqueceu do quintal onde se brincava, onde se passeava, onde se cantava, como quem canta uma nova canção, como se fosse a canção dos nossos sonhos, e como também, fosse aquela velha canção, cantada novamente, com aquela nova emoção, só assim, removendo versos e conversas é que conseguiremos sobreviver à ausência de velas e rios. De sóis e mares.

Sim, quando se guardam novidades e a lembrança do que já foi, parece que todos nós fazemos parte da foto do presente. Todos perfilados como faróis de um tempo que precisa de ajuda. De um tempo onde precisamos dar as mãos, que precisamos enfrentar o vulcão por onde passam à morte e o precipício.

Onde no mais tardar, tudo não passa da memória sem glória. Onde passageiros desse tempo, precisaremos ouvir lições e canções, que nos façam acreditar na redenção dos corpos. Na infinita capacidade de entender que nem tudo é preciso entender.

E que a vida, como um quadro negro, precisa de uma esponja que limpa, com sua vontade e suor, o desmando da terra, o desalinhamento do planeta. Pois a vida como num piscar de olhos, muda. Ela reza e reflete a súplica que

vem da fresta do chão que se abriu e que pede socorro.

E como no dilúvio de guitarras e violões que salvam incrédulos e estáticos, o chão que se mexe e se contorce, ressoam com o seu cheiro e ritmo, uma peça sonora que irmana tudo que nos fazemos notas, rotas dessa estrela nua.

É assim que você se mostra Lola. Possuidor de janelas, olhares e os rumores do quintal do planeta. Que aspira sóis e céus, mares e mares. Partes, e a inteireza de um lugar. Que abarca o quintal e o mundo lá fora. Como andanças, lembranças dos esquecimentos.

Vaga-lume como uma luz solar da sua imensa e enriquecida língua. Que fala como quem escuta os (en)cantos do mundo. Que diz, como confirmando a revelação de que é possível se viver do outro lado do planeta.

E que você sobreviva com seu violão nas costas e a fome de viver. Como febre que contamina todos nós. Pensamento que a vida nos deu, melodia de quem nunca se acaba: como quem se fere com a ferida, e canta a vida como quem nela crê. ■



A arte da poesia

Antonio Naud Júnior

Escritor

Embora haja quem diga o contrário, a mais antiga profissão do mundo deve ser realmente a de poeta. Como guardiões da história oral da sua cultura, os poetas gozavam, nos tempos antigos, de uma posição particularmente elevada. Tal como a própria poesia, considerada patrimônio de monges e filósofos, reis e profetas. Durante a era imperial do Japão, versejar fazia parte integrante da vida da corte. A reputação de um nobre entre os seus pares podia subir de modo espetacular ou cair precipitadamente devido a um simples improviso poético – e até a própria forma de um cortesão desenhar os caracteres de sua poética era considerada um índice da sua índole e do seu valor. É muito natural que o poeta use frequentemente as formas utilizadas pelos que escrevem em prosa: o enredo e a cronologia. Mas enquanto o prosador se confina geralmente a frases, parágrafos e capítulos, o poeta utiliza muitas outras combinações de sons e sentidos, sempre com o objetivo de relacionar e intensificar o material de que dispõe. Para Samuel Taylor Coleridge, grande poeta romântico, nessa capacidade residia a glória do poder poético.

Existem muitas formas de exaltação e muitas maneiras de a despertar e de a exprimir através da linguagem. A humanidade levou milhares de anos a explorar as fontes de linguagem sem se esgotar. Essas buscas desenvolveram e reforçaram o melhor que a linguagem tem para oferecer, e os poetas foram acumulando gradualmente métodos e formas-padrão a par de uma temática convencional. Ao longo desse demorado processo, a arte da poesia foi-se tornando cada vez mais sofisticada e especializada; e de tal modo especializada que, por vezes, acaba por ficar fora do alcance do indivíduo comum. Os poetas sabem que as regras de poesia são meramente convencionais e recorrem com frequência a curiosos artificios, na esperança de encontrarem novas maneiras de alargarem as potencialidades da linguagem. Inventam formas que tirem partido das possibilidades de rima e intensificam as repetições gramaticais. Christopher Smart, excêntrico poeta do século XVIII, escreveu uma composição de 73 versos sobre o seu gato, começando cada verso com a palavra *for*, por exemplo. A construção de Smart produz efeito, mas serve apenas para esse poema; mais vulgarmente, os poetas criam e transmitem aos outros, formas aplicáveis a diversas finalidades. De todas essas formas, a mais conhecida

é provavelmente o soneto; mas existem muitas mais, inclusive com repetições e associações de maior intensidade.

O verso pode variar no tipo, na extensão, no número de sílabas e na acentuação, nas repetições e combinações de som e acento. Além disso, alguns poetas, tirando partido do fato de a poesia ser mais frequentemente lida do que ouvida, criaram formas visuais que conferem ao poema um sentido simultaneamente espacial e verbal. Poetas houve que escreveram poesias sobre um cone de sorvete, um edifício, uma árvore e cuja configuração é a do próprio tema. Mas os gêneros de poesia que através dos tempos maior significado têm revestido aos olhos do leitor pouco têm a ver com estes complicados jogos de sons e espaços. O nosso interesse por aquilo que os poetas nos podem dizer sobre a vida e sobre nós próprios leva-nos a procurar formas mais vastas de poesia, semelhantes a certas composições em prosa. À parte o drama, a forma mais popular de poesia no Ocidente foi a epopéia e formas congêneres. Seguiram-se, em 'popularidade, as formas que subordinaram a narrativa aos comentários do autor: poesia meditativa, poesia visionária e poesia satírica, por exemplo. E temos, por último, uma outra forma atualmente tão popular que

quase eclipsa as outras: a composição lírica. Nenhum desses gêneros se confina a regras estritas ou mesmo evidentes. Tal como o romance, que escapa constantemente a qualquer definição, também a epopéia, o drama, a própria lírica, não podem ser estigmatizados em formas, métricas e elementos fixos. O que não tem qualquer inconveniente, exceto aos olhos de alguns teóricos que gostariam de classificar e rotular todo o Universo. Para a maior parte das pessoas, essas formas livres encorajam uma equivalente abertura de espírito a todas as possibilidades e variedades de expressão literária.

Como vimos, a poesia não está necessariamente ligada a formas e modelos específicos de verso. Na verdade, pode não ser escrita em verso, e nem tudo o que é escrito em verso é poesia. Apesar da ausência de métrica e rima, esta frase de Franz Kafka é poesia, mesmo em tradução: "Os cães de caça brincam no pátio, mas a lebre não lhes escapará, embora ainda neste momento corra veloz pela floresta". Poesia é um termo honorífico, usamo-lo para exaltar uma determinada escrita de grande expressividade. Mas também o empregamos para descrever os efeitos dessa expressividade sobre nós próprios, e para identificar as

imagens e temas do mundo exterior que parecem estimular esses efeitos e essa escrita profunda. A poesia é a linguagem da imaginação e das paixões. Relaciona-se com tudo o que causa prazer imediato, ou dor, à mente humana. Atinge a intimidade e a atividade dos homens: porque apenas o que os afeta da maneira mais geral e ininteligível pode ser um tema de poesia. A poesia é a linguagem universal que o coração liga à natureza e a si próprio. Aquele que despreza a poesia não pode ter muito respeito por si próprio, nem por nada. Não é uma simples ocupação frívola (como certas pessoas têm pensado), a distração superficial de uns quantos leitores desocupados ou das horas de lazer – tem constituído o estudo e o deleite da humanidade em todas as épocas. A arte da poesia concede ao universo uma essência de vida e movimento. É rigorosamente a linguagem da imaginação; e a imaginação é a faculdade de representar os objetos, não como são propriamente, mas tal como são modelados por outros pensamentos e sentimentos, numa infinita variedade de formas e combinações de energia.

Na sua capacidade de iluminar, o poema talvez seja ao nível do humano a proximidade do absoluto, o vislumbre do impensável na sua sensibilidade infinita. ■

Falves Silva (Escritor)

Romancista: James Joyce

Poeta: Wladimir Dias Pino

Livro: Grande Sertão: Veredas

Filme: O Encouraçado Potenkin

Diretor de Cinema: Jean-Luc Godard

Ator/atriz: Lenício Queiroga/Silvana Mangano

Pintor: Newton Navarro

Cantor/cantora: Jackson do Pandeiro/Terezinha de Jesus

Compositor: Tom Zé

Música: Atrás do Circo Voador

Peça Teatral: O Rinoceronte

Intelectual: Moacyr Cirne

Personalidade Cultural do RN: Anchieta Fernandes

POESIA POTIGUAR

KALLIANE SIBELLI DE AMORIM nasceu em Umarizal – RN, em junho de 1982. Reside em Mossoró, onde trabalha como professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino. É graduada em Letras pela UERN e atualmente cursa Especialização em Leitura e Produção Textual. Descobriu a escrita na adolescência, época em que começou a publicar seus poemas no caderno Universo do jornal O Mossoroense. Publicou o livro de poemas *Otonos* em 2003, pela Coleção Mossoroense, e tem inéditos e outros trabalhos: *O Espelho Averso* (2003), *Desenho Breve* (2003/2004) e *Exercício de Silêncio* (2005). Atualmente, tem poemas, crônicas e artigos publicados em jornais locais e coordena a coluna *Entreletras* do jornal cultural *Littera*, editado por Graciele de Lima. No Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, obteve Menção Honrosa nas edições II e IV e primeira colocação na V. Os poemas a seguir representam essas edições.

Chamado

*Diante de mim
o mar se derrama
em longas palavras
de espumas de além.
Os dedos do mar
são frias navalhas
que ao corte convidam,
são sonhos profanos
de estar e não ser.
Os mortos o mar
embala e me chama:
ó mar, mar azul
cantado nas conchas,
eu quero te ser...*

Canção da chegada

A V.J.

*Quando tu vieres letra sobre a folha em branco
e choveres teu silêncio sobre a estante acesa...*

*Quando tu vieres firme, de fome aos pedaços,
e pisares com teus lábios esta fonte aberta...*

*Quando tu vieres valsa velejando o vento,
escondendo teus acordes sob os meus cabelos...*

*Quando me colheres, rosa estranha entre os dentes,
e embeberes os teus sonhos na seiva latente...*

*Amanhecerei poemas de palavras mudas
ou o espelho onde ocultes tua face nua.*

Foice

A V.J.

*Tua ausência me comove
como uma estrada em linha reta.*

*Os cercados, como ouvidos,
espreitam meu caminhar
rente às flores amarelas
e roxas que vou pisando.*

*Tua ausência me comove...
A cor murcha dessas flores...*

*Tua ausência é meu limite –
intervalo entre o verde e a foice.*

Sons de lira

*À memória de minha avó,
Eulira Gurgel de Amorim*

*Ainda não era noite
quando ouviste minha voz,
sozinha, rezar teu nome.*

*Ainda não era noite
quando te encontrei dispersa,
na janela emoldurada,
fitando os campos da infância.*

*Não sabia em que pensavas,
mas nas linhas do teu rosto
estavam também as minhas...*

*Agora a noite me vem
e eu não sei por onde andam
teus olhos, lagos serenos,
nem em que lugar longínquo
os levaste a apascentar.*

*Nunca mais tive notícias
das tuas mãos de pastora
que me ensinaram o ofício
de guardar tudo que passa.*

*Só teu nome sopra as águas
que escorrem dos meus olhos,
entoando sons de lira,
docemente, pela noite...*

As rãs

*As rãs se amontoavam
detrás da porta do banheiro.*

*Uma película de musgo
cobria o chão do banheiro.*

*No banheiro, um tanque sem fundo
e uma cuia pra se molhar.*

*No banheiro, sabão de coco
e uma esponja vegetal.*

*E as rãs amontoadas
sem parar de me olhar.*

*As rãs, escorregadias.
Aos oito anos, meu pudor.*

Que saudades não tenho!

As garrafas

*Elas eram um exército sempre a postos,
camuflado num quarto de despejo
onde minha meninice, metódica,
passava longos minutos a contar:
cinco, dez, quinze, vinte...
que também eram as horas
de uma semana sem fim.*

*Por que o domingo custava tanto?
Tanto tempo e tanta garrafa?*

*- Olha o picolé! Olha o picolé!
Era ele, com suas bermudas gastas,
as mãos grosseiras e o riso largo,
e o saco de garrafas
que eu ajudava a afloar.*

*E eu nem sei mais seu nome
nem que itinerário misterioso
desenhou para si.
Só sei dos domingos verde-róseos
que não posso mais esperar.*

Estrelas

*Nas noites de São João
os meninos costuravam a rua
exibindo chumbinhos,
rojões e busca-pés
só para aquarelar o céu
de muitas fumaças breves.*

*Como eu sofria
sentada à beira da calçada!
Mas aí meu pai punha fogo
num pedaço de bombril
e girava
girava
girava
e a mim parecia
que o céu estava caindo
(porque o céu ainda não era
o que dizem – essa coisa vaga)
e que as estrelas eram amigas
de quem se sentia só.*

Lembrança do mundo antigo

A Carlos Drummond de Andrade

*Chaguinha passeava com suas panelas pela rua.
Para ela, o céu era cor de alumínio
e cheirava a sabão lavadeira.
Não havia guardas-civis,
não havia nem mesmo muros –
o que havia eram batentes
pra barrar a água da chuva
e meninos malvados brincando
com as panelas de Chaguinha.*

*O perigo que as mães temiam
era não ter onde cozinhar,
mas é certo que pediam pelo furto,
é certo que facilitavam –
naquele tempo tudo durava tanto:
a infância, o tempo, as panelas...
até os loucos podiam florir naquele tempo!*

Lição de amor

*Numa caixa de sapatos
jazem sobrepostos
os meus inúmeros corpos:
um cartão de aniversário
datado,
um missal de amigo
em memória
datado,
uma fitinha de São Francisco,
conchinhas roubadas na praia
(mania feia de amor falso),
uma flor de papel e arame,
desenhos inacabados
e, num envelope amarelado,
num último envelope,
três cartas de amor
datadas –
um rapaz que se perdeu
um rapaz que se casou
um rapaz que se encantou.*

*Duma caixa de sapatos
brotam meus habitantes.
Minhas tardes se comovem,
chegam mesmo a sorrir,
e eu oferto minha ternura
sem que ninguém desconfie.*

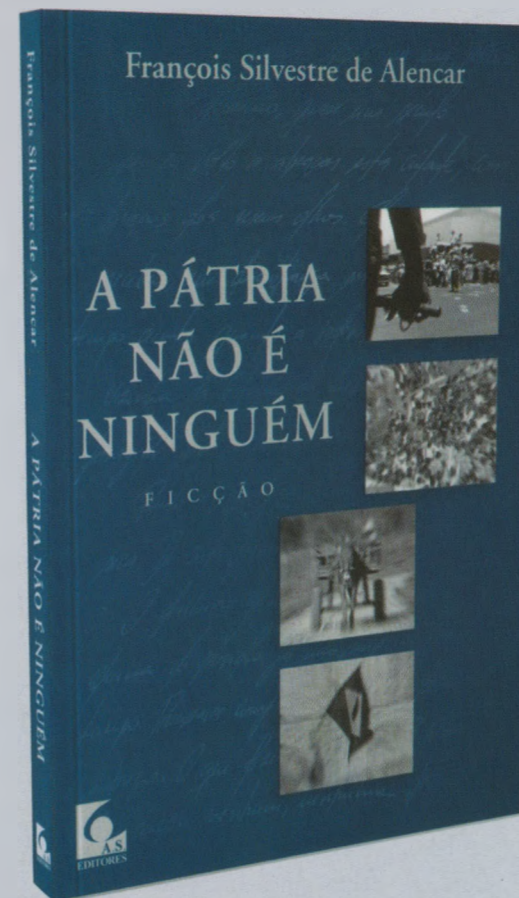
Canção alumiada

Para Mário Quintana

Há nos teus versos
aquela luzinha distante
dos vaga-lumes
cintilando a noite:
claro claro
 escuro escuro

E é tanto o fremitar
que a gente vira criança
e salta pra conseguir
ter as formas da luz nas mãos...

E é tanto o alumiar
que a gente mesmo acredita
não haver noite alguma:
só o dia
com suas brancas, róseas nuvens. ■



Sobre A PÁTRIA NÃO É NINGUÉM

Por Anchieta Xavier

Professor de Língua Portuguesa,
Literaturas Portuguesa e
Brasileira e Fotojornalista

Quando ouvia, ao “pé” do *Rádio ABC*, os jogos da *Copa de Setenta*, ainda não tinha discernimento para perceber os sintomas de subdesenvolvimento do meu patriotismo. Só mais tarde é que pude compreender que enquanto os rádios tocavam *Noventa milhões em*

ação, pra frente Brasil, salve a seleção, nos porões, nossos irmãos eram torturados e mortos, sem que ninguém tomasse conhecimento. Desse modo, sempre aproveitei minhas aulas de Literatura para dar minhas espetadas, informar e lembrar aos jovens os malefícios na Ditadura. É bom não esquecer das atrocidades cometidas contra o povo brasileiro. Agora é possível falar de corrupção abertamente. Chega a ser banal. Não se sabe claramente, até hoje, tudo que aconteceu nos bastidores do regime militar. Lembrar deste sistema de governo despótico,

autoritário e infame, nos ajudará a não ouvirmos, jamais, baboseira e hipocrisia do tipo: “*na época do governo militar não havia ladroagem*”. Falo agora de uma publicação que, entre outras coisas, nos ajuda a jamais sentir saudade do período de chumbo da nossa História.

Com esta introdução, há de se supor que falar do Livro *a Pátria não é Ninguém* é só corroborar com a temática que o título alvitra e que, certamente o “engendramento” da obra se encerra neste pensamento da citação de Rui Barbosa –

Pelo menos foi o que pensei quando vi o Livro que, como dizia meu avô, mal fica em pé na prateleira da estante. – Ledo engano! Poder de síntese parecido, só havia encontrado na poética do potiguar Jorge Fernandes. Em seu Livro, François Silvestre vai muito além do relato de um brasileiro que mergulhou na luta da dita resistência democrática. Extrapola, em seu discurso, a sagacidade de um escritor cheio de esmero. Ele detém o dom da palavra. Redige/pronuncia cada vocábulo no momento certo.

Pensei fazer referência a certos aspectos de *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos, mas acabei renunciando esta ou qualquer outra citação para não parecer uma monografia de Literatura Comparada. Também porque, começaria a desenrolar um novelo sem fim. Para tecer comentários mais específicos sobre este trabalho, teria que destrinchar uma extensa bibliografia. Sem contar que é preciso navegar em muitos mares e transitar por várias tribos para melhor beber desta fonte. Um lingüista começaria pelo signifi-
ficante e o significado de Saussure na análise do discurso. Daí em diante o céu ainda não seria limite, pois tem

pano pras mangas de filósofo, psicólogo, comunista, antropólogo, cozinheiro... É melhor parar por aqui, pois dá pra cutucar até pastores de igrejas pseudo-evangélicas, mundiais, internacionais e universais.

Pela história de vida de François, não precisaria dizer mais nada. Bastaria apenas sugerir e dizer que vale a pena ler e reler. Não faço apresentação do Livro (com L maiúsculo), pois isso, Manoel Onofre Jr. Já o fez com competência de acadêmico e crítico. Arrisco falar um pouco das minhas impressões, pois ainda não havia lido nada igual. Não sei como alguém consegue colocar tanta informação num livro de apenas 224 páginas. Trata-se de um texto demasiado envolvente. É preciso ser discípulo de São Tomé e ler *para crer*. Na capa está escrito *ficção*, mas a trama se constrói de um modo tão magnífico, que começa pela organização dos capítulos e interseções e medra pela sabedoria de uma brilhante narração, que parte da primeira pessoa de um interlocutor arguto, que nos fala com a naturalidade e confiança de alguém muito próximo. Tem a intimidade de um companheiro de caminhada, um amigo irmão. Alguém que se senta na ponta de

nossa cama e nos confidencia suas experiências, amores e desamores. É com essa destreza, que o autor nos permite mergulhar numa viagem sem precedentes e nos deixa atônitos com seu discurso simultaneamente simples e raro.

Com a antevisão de poeta, o narrador chega a comentar a reações de um crítico diante do que fala em certos momentos. Aparentemente, isto pode não significar nada, mas sutilmente vai tornando o enredo ainda mais real. Como todo crítico parece ser instigado a falar mal, talvez seja possível encontrar alguma falha, mas o trabalho está recheado mesmo é de virtudes. Só pra chatear, constatei um probleminho de distribuição, pois tive dificuldade para localizar o livro dentro da própria livraria que o editou. Os exemplares não estavam entre os autores potiguares e o vendedor disse que havia acabado. No dia seguinte, em outra loja da mesma rede, um vendedor mais dedicado fez uma busca mais apurada e chegou à conclusão que *François* deveria estar em Literatura estrangeira e acabou encontrando vários exemplares na prateleira de Literatura Brasileira. Eu o aconselhei a colocar alguns volumes entre os norte-riograndenses. Este desencontro

só aumentou a minha ânsia. Espero que ninguém deixe de ler o livro porque não o encontrou na primeira empreitada.

O jornalista Sérgio Vilar afirma que este é o melhor livro que já leu; o Professor Alex Xavier diz que o livro é excelente; a Fotógrafa Areta Luna disse que amou; o Escritor Franklin Jorge comentou que é uma vasta crônica, de ritmo intenso, nervoso e devorador; o Editor Augusto Ariston disse que tem suspense, emoção e erudição; o Jornalista Vicente Serejo argumentou que François Silvestre é um bom prosador que conseguiu soprar vida nos personagens. Não vou dizer que há unanimidade, porque os mais cétricos vão falar que a unanimidade é burra. Se perguntassem a “Nhô Quinquin” sobre o livro, ele certamente soltaria um *peido pro diabo*, daria uma baforada no cachimbo e diria: “É capaz dessas histórias serem verdadeiras. Este livro é porreta e François é um cabra da peste”. Eu digo que você não pode deixar de ler. Trata-se de um livro extraordinário. Permita-me o desgastado clichê: você não pode morrer sem ter lido! Este é um livro soberbo! 📖

O DIA DOS CACHORROS

Romance



Aldo Lopes de Araújo

PREMIO CÁMARA CASQUEDO - 2006

Por André Ricardo Aguiar

Difícil escolher um trecho sequer do romance *O dia dos cachorros* que não me faça pensar em outras mitologias ficcionais, que não me crie aquela sensação, já de toda estruturada num rio constante de linguagem, num domínio da forma que não se deixa esvaziar por bravatas de linguagem. Ou seja, fato histórico e fábula transfiguradora criem uma tal liga de sentidos que só se pode sair de um romance assim com a sensação de mergulho no verossímil e no mágico.

Aldo Lopes se firma, com este seu romance *O dia dos cachorros* como uma voz de ressonância mítica. Um livro cuja vitalidade impressiona: uma mistura de romance de guerra (o cerco a Princesa Isabel, uma macondo paraibana) com crônica de costumes interioranos, numa formatação de realismo mágico que não soa forçada. Isso porque Aldo é um artesão endiabrado da palavra, criando pequenos núcleos (que aproveitou muito bem) para dar a dimensão épica em tom jocoso.

A “Guerra de Princesa”, a saber, um dos pontos fundamentais da Revolução de 30, na Paraíba, é o mote para que se crie um painel em que várias histórias e memoráveis personagens atuem como estopim para os mais variados desdobramentos da fabulação e do folclore – compondo, com saltos no tempo, com voltas, recuos, digressões e descrições, uma jornada imaginativa sem tamanho.

Em todo o romance, composto de pequenas histórias de relativa autonomia, veremos um desfile de personagens de densidade moral, anedótica, vitalista. Aliás, um dos efeitos do livro é a consagração do exagero como estilo, na melhor linha fantástica, já burilada nos contos de obras como *Lavoura de olhares* e *Estátuas de Sal*.

Em torno do Coronel Barbaciano, de Quincas Quebra-Ferro, de Nobelino e Caluzinha, os acontecimentos voltam sobre si mesmo ou uma teia de relações abre outras veredas. Aldo não parece poupar – já que no romance há abertura

para distender o fluxo narrativo – um sem-número de histórias ou causos, até mesmo ditos, gracejos, como se a obra também fosse uma história da linguagem popular. Enquanto a cidade de Princesa luta contra as forças governistas, enquanto observamos as táticas, as emboscadas e o vai-e-vem da queda-de-braço do orgulho independentista contra o jugo do Estado, o foco vai apontando para as origens da cidade, para os amores, as assombrações, a pujança da natureza e o sortilégio das ações humanas e sobrenaturais no jogo de tabuleiro do destino.

Para finalizar, um dado recorrente em *O dia dos cachorros* é o investimento no humor, porque está todo estabelecido no modo de dizer: difícil citar sequer um trecho quando são tantos os momentos encantatórios, narrados num tom de lenda – além de descrições onde a transfiguração poética faz perceber um investimento que torna a viagem em volta do universo da terra um romanceiro na totalidade dedicado ao prazer absoluto de ler. ■

Romanceiro de Princesa



Tullio Andrade

Jornalista e escritor

...E hoje somos verborrágicos! Não na acepção dos dicionários, que define verborragia como “grande abundância de palavras, mas com poucas idéias, no falar ou discutir”. Nossas muitas palavras são também muitas idéias e ideais, construídas a cada traço rabiscado no súbito impulso que nos arrebatava, em meio à madrugada, na ânsia quase compulsiva por um pedaço de papel, para podermos rascunhar o turbilhão de sensações e pensamentos que, numa avalanche criativa, desmorona sobre nossas falanges...

Somos escritores! Mas não temos ainda nossos nomes sedimentados no rol consagrado das cátedras literárias. Somos o novo e o novo sempre assusta. E num

mercado restrito e seletivo como o literário, não há espaço para riscos. E o novo é o risco.

Ser um novo escritor é se aventurar por caminhos tortuosos e, muitas vezes, decepçantes... Não basta ter uma boa idéia e um bom texto. É preciso ter força (ou dinheiro) para arrombar as portas que normalmente se fecham nas editoras; ou ser audaz o bastante para forçar as fechaduras e, fortuitamente, se inserir nesse Olimpo de egos inflamados.

O velho sonho de escrever um romance e vê-lo um dia nas prateleiras de uma livraria fica cada vez mais longe quando começamos a nos aproximar da realidade desse mercado. As portas se fecham, os custos são altos e o apoio é mínimo. Escrever deixou de ser uma questão apenas de talento. Hoje, é questão de uma boa estratégia de marketing, influência e,

principalmente, *lobby*. O mercado literário é, atualmente, um mercado como outro qualquer. E ele vive de lucros, não de arte! Em virtude disso, são incontáveis os artistas de talento que se perdem no meio dessa *via-crucis*.

No entanto, não se pode culpar as editoras por isso. Qual o empresário que apostaria investir 5 a 10 mil reais num ilustre desconhecido que um dia bateu à porta de sua editora com um manuscrito debaixo do braço se dizendo escritor?

Assim, muitos escritores se arriscam em produções independentes custeadas com seus próprios recursos. Mas essa é uma alternativa para quem tem possibilidade de investir um bom montante de dinheiro e o retorno nem sempre é satisfatório. São muitas as histórias de autores que estocam livros nas garagens de suas casas. Embora com todas as difi-

“No princípio era o verbo...”

culdades, o respaldo e o trabalho de uma grande editora ainda fazem a diferença.

Dessa forma, é preciso criar mecanismos que possibilitem aproximar o empresário dos novos escritores. Os *verborrágicos!*, então, emergem nas ondas virtuais para se deixarem navegar pela Internet e possibilitar que os novos talentos do Rio Grande do Norte tenham um espaço democrático e público para mostrarem seus trabalhos.

O projeto teve início em dezembro de 2004, mas só em fevereiro deste ano o site entrou em atividade. www.verborragicos.myblog.com.br é o endereço da nova literatura norte-riograndense! Reunindo um quadro fixo de autores que se revezam em atualizações semanais, o site disponibiliza um espaço exclusivo para que todos os escritores potiguares renomados ou não possam publicar seus

textos. Não há qualquer tipo de seleção, burocracia ou custo, basta entrar em contato que publicamos os trabalhos. Em seguida, os nomes dos autores vão para a nossa Galeria de Escritores, um espaço que pretende reunir num só lugar aqueles autores que ainda buscam apoio para publicarem seus trabalhos. Com isso, criamos uma espécie de referencial para que possíveis investidores possam ter acesso, de forma ágil e fácil, à nova literatura potiguar, pretendendo, dessa maneira, vencer a maior barreira para o novo escritor: o fato de não ser conhecido. O site funciona como uma “vitrine da nova literatura norte-riograndense”.

Atualmente os *Verborrágicos!* são compostos pelos escritores Tullio Andrade, Kalina Paiva, Cefas Carvalho, Alexandre de Lia, Rodrigo Medeiros e Pablo Capistrano, que mantêm o site de maneira independente, disponibilizando aos in-

ternautas outros recursos, totalmente voltados para a área literária. São seções que contemplam: Manual do Escritor, com dicas de como escrever bem; Registro de Obras, para orientar os novos escritores sobre direitos autorais; Concursos Literários, com editais dos melhores concursos literários do país; e Notícias Literárias, trazendo informações divulgadas na imprensa sobre o quadro literário-cultural do Estado.

A próxima etapa do projeto é o aprimoramento do site, possibilitando maior interatividade para o leitor e para os possíveis investidores. Além disso, já se cogita a idéia de produção de uma Revista Literária para divulgar os novos talentos do Estado e despertar a atenção do empresário local para a valorização da cultura. Entretanto, como sempre, a maior dificuldade ainda tem sido a falta de parcerias que viabilizem esses projetos. ■



Ilustração: Goretth Caldas (Pastel seco)

Tira-teima

Bartolomeu Correia de Melo
Escritor

*No meu jeitinho abestado,
qualquer sabido se engana.*

Mote de Cantoria

Conversa de bagaceira. Lua min-guante chegada no sete-estrela, roda de prosa querendo esfriar. Foi quando o velho cambiteiro, na sua vez e jeito de contar, inda ganhou atenção dizendo assim:

- Pensem no sertão do Cariri, no tempo dos cangaceiros...

E pôs-se pintando em palavras adonde e como a estória sucedeu.

Quase no pingo azul dum meio-dia setembrino. Oiticica frondosa sombreava um socavão de serrote. Veio água lodoando as pedras, mormaço a fervilhar nas pontas da garrancheira. Gente aranchada. Cheiro de fava cozinhando, solfejo brando de braba cantiga. Feixe de lenha, roupas quarando, petrechos de cangaço pendurados nas juremas. Rede embalada no bafô maneiro da brisa. Mulher remendava um chapéu-de-couro, enquanto dois cabras, quase aos cochichos, jogavam bozó. De quando em vez, grito de gavião ecoava nas quebradas.

- *Pinhéem!...*

Nisso, vem-que-vem um alvoroço. Danado rexingando, o capanga Mergulhão invadiu o coito. Negrão truncado, trazia abecado, aos brutos sacolejos, um

rapagote franzino. Sete palmos de amarelinho, mudo e zolhudo, tão assustado que bambo das pernas.

Lampião se ergueu na rede, num susto malacordado. De todas as bandas, cangaceiros acudiam curiosos. Pra mais de dúzia e meia deles, sem contar uns três rabos-de-saia.

- Com sua licença, capitão! - foi dizendo o vigia.

- Me conte, meu afilhado... - falou já bem desperto.

- Peguei esse porqueira rondando nosso pouso!

- Boa preada! Deixe aqui e torne ao posto!

Daí, o maioral botou os óculos e espiou desdenhoso praquele trocinho de gente. Sempre ladino, bem que logo dele duvidou. Carecia de apurar, nos tintins de intenção e falação, quem seria o dito-cujinho. Entonce abrandou, da carranca à simpatia, sem mostrar cisma nenhuma.

- A que graça devo a visita, cabocolinho?

- Manoel Fulano, do engenho Catanduba.

- Vige! Deve de ser bem longe...

- No Maxaranguape, quase chão praieiro.

- Nunca vi o mar...

- Mas vossa fama esbarra nas ondas!

- Bondade sua...

- ...

- Amigo, veio amontado?

- Apeado, pelas veredas.

- Algum pau-de-fogo?

- Lazarina espalhadeira.

- Topou com os meganhas?

- Deus que disse me defendal!

Lampião inquiria miudezas. Como se diz, jogando verde pra colher maduro. Astucioso, tomava tempo pra melhor cubar dizeres e atinar pensares.

Derna do fiasco de Mossoró, o bandoleiro andava malacudado. Fugia em ziguezague, no rumo do Juazeiro, as volantes lhe mordendo os calcanhares. Cada vez mais lhe atazanavam, já escolados nas suas refaladas manhas de combate e retirada. Agora, poucas vezes se engodavam naqueles truques de apagar rastros com garrancho ou inverter solas de alpercatas. No ademais, Virgulino sempre temia algum coiteiro comprado ou espião metido no bando. Alguém assim, estranho com ares de novato, que nem aquele unzinho ali perante.

- No que lhe posso servir, meu rapaz? - pôs-se fingindo boa-fé.

- Peço mercê de ficar debaixo do vosso comando e proteção! - propostou estremecido.

Num relance, o caolho cruzou olhares entendidos com os capangas mais chegados. Nisso firmou-se, em fatal suspeita, a punição do enxerido. Coisa assim de ruindade sem remédio.

Porém, maneiroso nos rancores, Lampião temperou a conversa com malfícia e mangação.

- Peraí, rapaz!... - dizia quase solene - Nada disso de chegou-entrou, não!...

- Como faço pra ficar? Muito vos admiro!... - bajulou.

- Vem perseguido por questão de honra lavada?

O baixinho cuspiu de banda, careteando brabeza.

- Buliram com irmã minha!... Isso nunca se tolera, capitão!

- Se vem pedir adjutório, lhe arrenego! Vingança é coisa muito pessoal.

- Na família ofendida, assim doidelo e solteiro, somente este seu criado...

- E daí?... - repuxou conversa, se ajeitando na rede.

- Ora, como de regra, castiguei o peste, sem demora nem favor!

- E agora, vagueia ao léu das brenhas, vaquejado pela polícia...

- Apois o sinhô me adivinha. Mais aperseguido do que preá na seca! Pra maior dismantelo, o finado tinha altos compadrios... Por isso, aqui me valho da vossa valia!...

Lampião, sempre recuidando em tocaias e traições - pelo sim, pelo não - resolvera mesmo acabar com o sujeitinho. Mas não sem antes, por pura malvadeza, fazer folia com a sina do desinfeliz. Useiros e vezeiros em trocar perversidades, os cabras bem conheciam tais enganções. Crença de morna amizade vira-virando calafrio de pavor.

- Muito que lhe bem, Manezinho; mas falta ainda um porém... – referiu cabuloso.

- ...

- Tabaréu qualquer – adiantou - não marcha comigo, não! Pra merecer nossa irmandade, o cabra deve de mostrar algum traquejo diverso. Além de disposto e leal, ser primeiro sem segundo nalgum dom ou arte de guerra.

- Como assim, meu capitão? – inquiriu desentendido.

- Como-bem, do Pajeú aos Inhamuns, duvido que exista melhor rastejador que Cobra-Verde, capaz de seguir até rasto de peixe. Nem conheço atirador igual a Ponto-Fino, que acerta morcego doidejando no escuro...

- E eu, *hein?* – por gaiatice, Chá-Preto quis saber.

- Loroteiro-mor! – chistrou Lampião.

Alarido de vaias e gaitadas. Cabroeira atizada, palpitando apronto dalguma judiação. E o praieirinho, coitado, tomando aquilo como traço de boa acolhida...

- Malperguntando, esse-menino, que de melhor sabe fazer na vida? – indagou toando descrença.

- Capitão, lá no meu lugar, diz meu povo que sou muito ligeiro!...

- Epa, agora danou-se! – espritou o maioral – pois justo que sou o mais ligeiro deste bando!

Botador de apelidos, num repente, Zé Coqueiro caçou.

- Agora deu a goitana!... Eis que chegou o Relampinho!

Risadagem tornou a destampar. Mas, depois do ruidoso deboche, restou pedaço dum calar esquisito. O amarrelinho, entre contente e acanhado, nem sentia em riba dele quantos olhares malinos...

Bem sentado na rede, num gesto de cabeça, Lampião chamou Sabino. E cochichou qualquer mando ao lugar-tenente.

- Daquela do tiro bem fumacento? – o cabra disfarçava o riso.

- Isso; da pólvora marca “Estrela”! – aprovou o chefe.

- Carcará, quede o trabuco? – gritou Sabino.

Trapaça já combinada. Trouxeram bacamarte com carga dobrada de pólvora seca. Sem bala nem chumbo, somente bucha muito bem batida.

E o desvalido do magrelo, nem-nem...

- Agora vamos pro tira-teima! – rosnou Lampião – ...Qual é mesmo seu nome?...

- Pode chamar Relampinho! – disse ganjento.

Todo-mundo, rindo solto, se fazia de acordo naquilo. Aí, com a cara mais lisa, lhe disse o chefeão:

- Pois bem, seu Relampinho; pegue esta arma, recue quatro passos, aponte pra mim e pregue fogo!

- Capitão... – titubeou – Assim, desse jeito, vosmecê deitado na rede?...

- Avante, macho lerdo, que já lhe mostro ligeireza! E se apure na pontaria!...

- Sinhô que manda, por seu gosto; apoi, cumpro com meu desgosto! – arredou culpa.

Ele espiava aperreado os ladeantes, como esperançasse contra-ordem; dando-não-dando seguimento na menção de atirar.

- Capitão, me perdoe, mas - ainda apelava - guarda certeza nessa lambança?...

- Dispara isso logo, relampo de merda! – cutucou o bandido.

- É pra já! – *tum-buum!* – tiro papocou.

Fumaceiro de pólvora barata encobriu tudo... Ninguém abriu a boca, até que a cerração se dissolveu... Lá estava a rede vazia e Lampião se rindo fora dela.

Haja palma e assobio. Festejavam a chegada da parte mais cruenta.

- Carcará, recarrega o bacamarte, botando todo capricho! – mandou com voz diferente.

Diz-que enfiaram, cano abaixo, uns bagos de chumbo grosso e mais uma rolimã de aço. Tudo isso em riba dum

carrego duplo, bem socado com bucha de macambira.

- Chegou sua vez, Relampinho! - falou desabusado.

- ...Nhô-sim...

- Deita logo nesta rede e põe os pés pra dentro, traste mofino; mas sem balançar, viu?!

Com meio-sorriso que ninguém decifrava, o rapagote obedeceu desapressado. E arriba do aguardar silencioso, somente a brisa segredando na folhagem da oiticica.

O malfazejo empunhou o bacamarte, deu três passos pra trás, dormiu na pontaria e...

- Adeus, quizila! – *tum-bum!* – despachou.

- ...

Quando a fumaça clareou, deu-se a pas-maceira. Pois viram o diacho do amarrelinho, ali bem junto de Lampião... Todo ancho e risonho, com a rede enrolada debaixo do braço.

Nos ermos dos ares, um grito de gavião malpareceu zombeteiro.

- *Pinhéem!*...

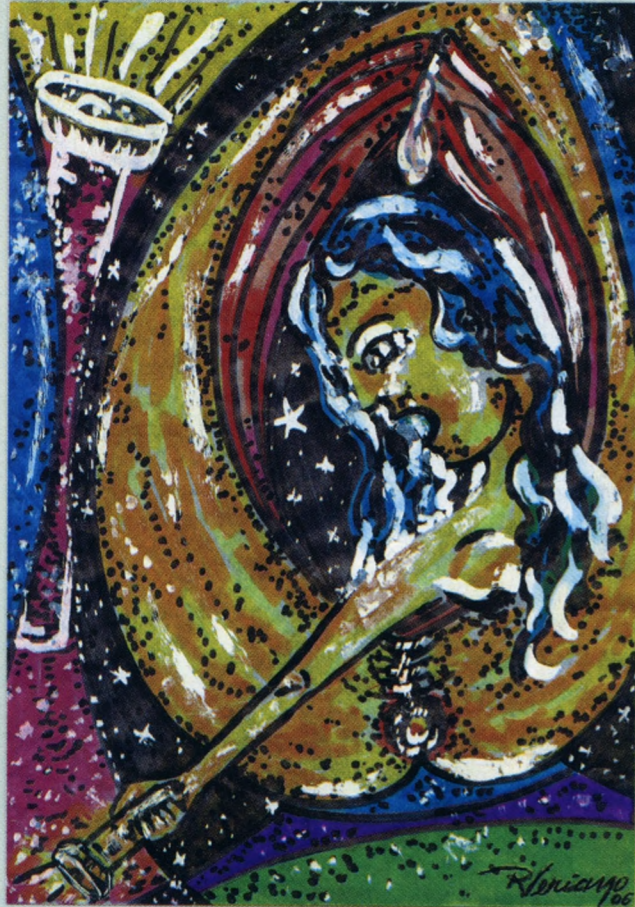
Natal/ 2005



Tira-teima

Para além do buraco negro

Ilustração: Ricardo Veriano (Técnica mista sobre papel vegetal)



Carmen Vasconcelos

Poeta

Claro que eu estava com medo, palpitante de medo. Eu não vivo sem meus medos, meus medos são as minhas claridades. Só gente medrosa, como eu, pode se compadecer com os incêndios do mundo; só gente como eu pode compreender um mundo incendiado. Claro, eu tremia, todo conhecer é uma luz que nasce de um ter medo. Mesmo assim, eu queria entrar na caverna, queria levar o meu medo para dentro dela, conhecê-la, experimentá-la e, naquele momento, depois de entrar na caverna, deixando as luzes do sol do mundo para trás, sem poder voltar, pois tínhamos apenas uma trilha de via única até o

outro lado, eu assimilava caminhos estreitos e pontiagudos. Caminhos e precipícios de quartzito. Não havia estalactites, nem estalagmites, as pedras eram de uma aspereza roliça e montavam-se umas sobre as outras, livres, prestes a se desgarrarem, o que faria com que quem estivesse em cima de uma delas despencasse. O chão era um abismo e o teto parecia um chão invertido, duro e amplo. Estava apinhado de morcegos de olhos vermelhos; era do teto que vinha a sensação de uma presença bruta e exata naquele templo, uma presença cuja carícia me desafiava a apreender o avesso das coisas ásperas.

Éramos quatro. Eu, dois amigos e o guia, que já tinha estado lá pelo menos mil vezes. Nós outros fazíamos as nossas estréias debaixo da terra. Levávamos lanternas e lampiões e nos sentíamos os portadores da Luz. Não sei se me veio a idéia da turba de anjos decaídos e seu rastro de fumaça no céu. A luz era conosco, somente conosco, feita dos nossos medos. Os contornos da caverna se encobriam de sombras, quando passávamos. Não sei se pensei nos manuscritos do Mar Morto, encontrados também dentro de cavernas, mas agora estou pensando que talvez as cavernas sejam os lugares onde Deus põe seus segredos.

Não sei se pensei naquele momento que Deus pusera seus ovos ali dentro. Não sei se pensei nessa semelhança de Deus com as galinhas, ou se imaginei Deus como uma galinha imensa, rouca e vagarosa, uma galinha choca com seus ovos para maturação, indefesos diante de mim. Não sei se naquela hora tive receio de pisá-los, e os ovos de Deus não poderem ser vida. Não sei se, ali, eu estava me dando conta de quão forte e funda é a parte fêmea de Deus, gerando fragilidades.

Não sei se pensei em ter poder sobre alguma forma de vida, estando a minha tão exposta aos abismos, tão solta quanto os quartzitos. Não sei se pensei nos versos de uma antiga canção religiosa que agora me vêm: “segura na mão de Deus, segura... ela te sustentará... segura na mão de Deus, e vai.” Naquele hora, a mão que eu tinha para segurar era a de Grão, nosso guia, e eu segurava com força. Havia poucos lugares onde pôr os pés sem correr o risco de despencar lá embaixo. Eu ia. Segurando a mão de Grão, não sei se estava lembrando na existência do psicopompo, mas eu ia.

Naquele hora, não sei se pensei nos buracos negros. Os buracos negros, eu sempre os buscava no vão escuro do céu, antes de mudar a minha idéia de escuridão. Eu vivia a imaginar os buracos negros, sonhava entrar em um, pois tinha a convicção que um buraco negro era uma espécie de passado, cheio de vida. Lá no dentro, eu pensava, os buracos negros guardavam infâncias. Devia haver pega-pega, esconde-esconde, banhos de chuva, estórias de fadas e reinos distantes. Talvez houvesse os segredos de Deus, pois um nada é que o buraco negro não era, se vinha bebendo as almas no céu. Talvez também não fosse todo escuro, pois comia a horta de estrelas, comia os claros do meu pensamento. Escuro ficava o céu, depois que o buraco negro raspava suas luzes.

Mas também o céu não é escuro, eu estava por descobrir. O céu é negro, mas não é escuro, o céu tem os olhos de quem o vê. Escura é a terra, escuras são as grutas em que a terra se inventa.

Não fui a um buraco negro, não me apoderei do céu, foi numa caverna que descobri a escuridão. Foi numa gruta rara, de quartzito, numa gruta onde não havia estalactites, nem estalagmites, o chão era feito de precipícios de pedras soltas e o teto de uma beleza consolidada, grossa e bruta, casa de vampiros com olhos de rubi.

Quando chegamos ao centro da caverna, o chão se tornou regular e seguro. Os abismos tinham ficado para trás e havia um córrego para lavar nossas almas. Sentados à beira da água, apagamos as lanternas. Então descobrimos a escuridão como até então nem víamos ou sequer imagináramos, a escuridão escura, sem nenhuma concessão à luz, sem nenhuma concessão ao medo. Abrir e fechar os olhos não fazia diferença, a escuridão era palpável, a terra nos abraçava com uma vontade poderosa. Tínhamos, afinal, vencido um caudal de abismos e temores de claustros para estar lá, ao lado de um riacho vertido da terra em estado de paixão. Dentro da terra que nos envolvia, só o córrego era rumor. Nós tínhamos a saliva do silêncio escolhido, e o silêncio, quando se pode escolher, tem um gosto bom, um gosto de beijo de língua. Não é como o cálice do silêncio imposto, sabendo a desamparo, o silêncio que imita os xaropes amargos e deixa a boca perplexa.



Quanto mais os olhos viam a escuridão, mais eu me aguçava. O corpo da terra e o córrego espichado a meu lado mantinham todos os meus sentidos apegados à vida. Não, nunca eu fora tão plena e estava convencida de que nenhum buraco negro me traria a mesma sensação. Eu aprendia, naquela hora de humana gravidade, a cultivar o amor inteiro, aquele que não busca complemento, mas quer dividir completude.

Quando acendemos as lanternas e nos preparamos para o caminho da saída, não sei se pensava que vinha de um tempo sem tempo, não sei se me sentia escorrer de um útero.

Mas ao chegar à abertura que abrigava tontos uns tantos raios de sol, trazia em mim um afago escuro, e aí me veio uma certeza: estava sendo parida. ■



SÃO JOÃO DO SABUGI

Terra de cultura viva e de moradia tranqüila

Por Sérgio Vilar

Fotos: **Arêta Luna**

A placa na entrada da cidade avisa: “O melhor São João do sertão”. Mas São João do Sabugi, a 293 quilômetros de Natal é muito mais que isso. O município guarda uma produção cultural diversificada. A riqueza sertaneja de cidades-pólo como Caicó influenciam a rotina da cidade-província. Ainda assim as manifestações artísticas são autênticas e identificam a tradição e costumes sabugienses. A imponência da Serra do Mulungu e o Rio Sabugi, localizados nas proximidades do município, são fontes de inspiração para muitos artistas e literatos da cidade.

“São João”, como a cidade é carinhosamente chamada por seus moradores, é um município pequeno. Não tem seis mil habitantes. Os cânticos religiosos proferidos pelo pároco Givanildo de Araújo, nas missas dominicais, se ouve em boa parte da cidade, apenas por um alto-falante colocado no alto da Igreja Matriz de São João Batista. Talvez por ser uma cidade pequena seus valores culturais sejam reconhecidos entre seus moradores. Talvez o mérito esteja no trabalho realizado pela professora Jurema Lins Gorgônio. Ela tem mapeadas as manifestações culturais do município para um projeto do selo Unicef. Talvez seja o bairrismo positivo do secretário de cultura do município, Egnaldo Nascimento de Medeiros.

Verdade é que em São João do Sabugi qualquer visitante acostumado às bezenesses e maledicências da metrópole sente-se um sertanejo nato. Logo é sugado pelo cotidiano de uma cidade pacata e ao mesmo tempo alegre em suas noites. Percebe-se a simplicidade na rotina do lugar até quando se pede um limão em qualquer lanchonete ou bar. O garçom recorre ao limoeiro em frente ou da esquina e entrega a fruta em mãos, retirada do pé. Na madrugada vêem-se bicicletas estacionadas em frente às casas. Os moradores quando saem até deixam a chave da residência na porta. Aqui e acolá também se vê redes armadas na calçada, penduradas entre alguma árvore e um armador de casa.

Ali, celular não pega. Apenas um jornal impresso circula na cidade, restrito a pouquíssimos. Os programas televisivos produzidos em Natal são substituídos por nacionais por falta de sinal. As notícias que chegam são as da esquina ou vindas de Caicó e regiões vizinhas. E esse parece ser o orgulho maior de São João de Sabugi: o de conservar a paz, a interatividade entre seus moradores e a identidade local. Até poderia ser o de exportar nomes como os artistas plásticos Assis Marinho e Wanderberg, de talentos reconhecidos em todo o Estado. Mas “São João” tem também gastronomia, artesanato da melhor qualidade, música, teatro, cultura popular e poesia, mesmo em suas paisagens sertanejas.

E como disse o historiador e agitador cultural João Quintino, São João do Sabugi foi uma invenção histórico-

cultural ensaiada desde o século XIX. Até hoje a cidade conserva características de outrora: sua economia ainda é baseada fundamentalmente na agropecuária. É que o primeiro núcleo urbano do município foi assentado nos arredores de suas primeiras fazendas. Entre os séculos XVII e XVIII a região era habitada por índios Cariris. Com o afastamento dos Cariris, chegaram ao território, vindos de Serra Negra e de Caicó, trabalhadores do campo em busca de novas terras para a implantação de lavouras e fixação de moradia.

A povoação de São João do Sabugi teve início a partir da doação feita por Ana Joaquina de Souza, viúva de Francisco Correia de Souza, em 1832, de uma faixa de terra da Fazenda São João, para a construção de uma capela em homenagem a São João Batista. Em 1868, o povoado foi elevado à categoria de distrito, com o nome inicial de São João do Príncipe. No dia 7 de julho de 1890, o distrito passou a se chamar São João do Sabugi, referência ao rio Sabugi, em cuja margem o povoado cresceu. Assumiu a condição de sede do município de Serra Negra entre 1932 e 1935, quando foi elevado à categoria de Vila. No dia 23 de dezembro de 1948, através da Lei nº 146, São João do Sabugi desmembrou-se de Serra Negra do Norte e tornou-se município. E apesar da evolução que se viu desde então, a população parece pouco se importar se “São João” é distrito, vila ou município. Para ela, São João do Sabugi é terra de cultura viva e de moradia tranqüila. E basta.

Multiartista e agitador cultural

Em um município com menos de seis mil habitantes uma pessoa com iniciativa, embasamento cultural e algum bairrismo consegue fazer diferença na cidade. O historiador João Quintino, 40 anos, reúne estes quesitos. É um agitador cultural. Apesar de já ter ganhado o concurso de poesia da cidade, diz que “dentro daqueles surtos que os poetas têm ainda produz alguma poesia”. É poeta, também.

Além de criar o Concurso Poético Sabugiense, em 1985, e que a cada ano revela e incentiva novos talentos no município, Quintino também integrou a equipe de escritores do livro *Cidade e Região: múltiplas histórias*, onde tece comentários e escreve sobre a São João do Sabugi de ontem e de hoje. Do Prêmio de Poesia Luís Carlos Guimarães já recebeu menção honrosa duas vezes.

Em seu livro de poesia, *Cumplicidade: poemas para o meu lugar*, Quintino reúne 32 poemas sobre recordações infantis que constroem cenários de São João do Sabugi de décadas passadas. Foram dois anos de escrita, a trabalhar a minúcia da palavra. As aquarelas do artista plástico sabugiense, Assis Marinho,



ilustram o livro com telas que se enquadram à temática de cada poema.

Foi João Quintino quem idealizou o Auto de Natal do município. Segundo ele, “na base do improvisado e das possibilidades”. E foi amparado nessa filosofia que também articulou o grupo de pastoril de São João do Sabugi, há dois anos. “Quando criança vi João Emídio (antigo membro da filarmônica de São João do Sabugi) trazer o pastoril de Pernambuco pra cá. Aquilo me encantou e resolvi fazer a montagem novamente. Desenhei o figurino. Já sabia alguns passos da época e criamos outros. Os integrantes vieram das escolas”, conta o historiador.

Outra paixão do historiador, que ministra aulas na Universidade de Caicó, são os quadrinhos. Quando estudante, em meados dos anos 80, produzia ele próprio seus quadrinhos. Desenhava, criava “histórias hollywoodianas”, fotonovelas. Hoje o professor-historiador aproveita o talento para fazer quadrinhos como recurso alternativo para ensinar história aos seus alunos... “Tudo na base do improvisado e das possibilidades...”

Cumpli-cidade

*Vivo à espera
Porque meu lugar é lento
Onde o rio quase não enche
as ruas quase não mudam
e junho quase não chega
Vivo conforme
porque meu lugar me leva
Onde a rotina sudorífera
é buliçosa
e a vida se cumpre
são olhares vigilantes
Vou devagar
porque meu lugar me espera
Onde a morte quase não ceifa
a memória quase não some
meu peito quase não sofre
Tenho um alibi
porque meu lugar é cúmplice*

(João Quintino)

Artesanato feito com originalidade

Conceituar a produção do artesão João Batista de Medeiros, 36 anos, é complicado. Se arte popular é o artesanato original, trabalho de artista que nunca frequentou escola de artes plásticas; e artesanato típico é formado por objetos produzidos com matéria-prima regional, e que também guardam a característica de serem utilitárias, a arte de João Batista permeia esses dois universos de manifestação folclórica.

Suas peças são antes de tudo originais. Afinal, quem já subiu a Serra do Mulungu, com seus 558 metros, 57 vezes em busca de matéria-prima para artesanato? Seu trabalho ganha superlativo e torna-se originalíssimo se levar em conta que muito dos pássaros esculpidos sequer existem mais na região, como o mulungu preto ou a juriti do sertão. O corpo dos pássaros, em vez de ensopo, João Batista usa a cabacinha, uma espécie de planta trepadeira da região que, ao tirar a casca parece uma bucha. O resto é papel machê e penas de frango ou galinha. Os galhos que dão suporte à peça também são típicos da caatinga sabugiense.

Além da coleção de pássaros, as pequenas árvores de João Batista também chamam atenção. A técnica é antiga, desenvolvida por chineses em período antes de Cristo: a topiaria, originária do bonsai. Mas das mãos de João Batista só sai coisa original. Ele adaptou a técnica e elaborou peças, como diz, da topiaria sertaneja. E se para conceituar-se artesanato típico necessita ser utilitário, João Batista disse que seu



trabalho é exposto às crianças e adolescentes para que conheçam a botânica, a fauna e a flora da região.

Além de artesão, João Batista coleciona sementes típicas. Tem 94 espécies. Para tanto, disse que por vezes até dorme no cume da Serra, onde encontra a maior variedade. Elas também já percorreram exposições em municípios vizinhos. Assim como os pássaros, elas estão identificadas em seus nomes populares e científicos. “Fui comprando material científico de botânica, fauna e flora para aprofundar o assunto. Mas meu aprendizado maior foi junto aos agricultores da região. A caatinga é muito rica. Muitos caminham sem prestar atenção aos detalhes. É preciso conhecer para preservar”.



Uma filarmônica de 80 anos

Há 80 anos a comunidade de São João do Sabugi assiste à banda passar tocando coisas de amor, dobrados, marchas, valsas ou o que mandar a ocasião. A Filarmônica Honório Maciel é um dos orgulhos do município. É uma das bandas de música mais tradicionais do Estado. Foi criada quando da vinda do pernambucano Honório Maciel da Fonseca à cidade, em 1924. Além de músico, Honório Maciel era comerciante e católico fervoroso.

Pode-se dizer que Honório Maciel foi precursor na arte da música, em São João do Sabugi. E a música hoje é uma grande vocação na cidade. Para viabilizar a formação da banda o músico organizou uma sociedade ligada ao cinema, com exibição dos velhos filmes de rolos e leilões que, junto a outras ajudas da população local, destinava fundos à criação da banda de música.

As aulas para os músicos iniciantes que formaram a primeira banda eram ministradas à noite, em residências. A compra

de instrumentos foi feita em Pernambuco e chegou à cidade em março de 1926. Em junho a banda já se apresentou na festa do padroeiro São João Batista. A composição inicial dos músicos era 17 integrantes.

A filarmônica hoje conta com o mesmo número de músicos. Com sede própria, recentemente reformada pelo Governo do Estado, o maestro Raimundo Nonato de Araújo França, 42, ensaia e ministra aulas aos alunos do município. São estes jovens que substituem os mais graduados, que ao completarem o segundo grau, costumam ingressar em concursos musicais ou ser convidados por músicos de outras cidades a seguir a carreira musical em outras paragens.

A Filarmônica Honório Maciel se orgulha em ser a primeira associação de músicos do Estado beneficiada com o projeto Ação Solidária, de incentivo financeiro. Na fachada da sede está estampada a data de 1926. São 80 anos de música, de história, de incentivo à formação educacional e cultural do município.

Memórias da mina Quixeré

Todos os dias Djanira Araújo Medeiros via o pai, garimpeiro, chegar em casa segurando um saquinho de terra. Pegava a velha bateia, limpava a scheelita e secava-a no fogão a lenha. Ele sonhava dia e noite encontrar uma pepita. Nunca conseguiu. Esta lembrança infantil Djanira, 43 anos, tomou como inspiração para escrever a história da mina Quixeré, de fundamental importância para o Brasil durante a 2ª Grande Guerra. Foi lá onde primeiro encontrou-se o tungstênio, no composto da scheelita, produto que ganhou importância na pauta de exportação aos Estados Unidos naquela época.

Quixeré fica a 14 quilômetros da área urbana de São João do Sabugi. Entre as décadas de 40 e 70 a mina foi um oásis contra a carência financeira dos sertanejos circunvizinhos. Alcançou seu tempo áureo nas mãos de Oscar Krieger Piquet, pai do piloto de Fórmula 1, Nelson Piquet. Isso nos idos da década de 40. Além da influência do pai, Djanira também ouviu histórias e experiências de agricultores e pessoas mais antigas da região do Sítio Lagoa do Alto, próxima à mina e da escola onde Djanira trabalha como supervisora pedagógica, na Secretaria Municipal de Educação. E por isso, além da história da exploração do minério, o livro guarda ainda uma riqueza de linguagem, de costumes e tradições sertanejas da época.

E a descoberta da mina Quixeré confundeu-se com a própria história de emancipação de São João do Sabugi. O livro de 132 páginas – enquadrado na Lei Estadual de Incentivo à Cultura Câmara Cascudo – e acervo fotográfico rico, traz também muito da veia poética da autora ou mesmo da alma da cidade, do ocaso visto da ponte do Rio Sabugi ou a grandiosidade da Serra do Mulungu. É que Djanira também passeia pelos campos da poesia. Até ganhou o concurso de poesia do município. Em um dos trechos do livro, a linguagem da vida sertaneja, recorrente em várias passagens: “O sol desce no horizonte e as galinhas sobem no tamarinheiro deixando para baixo o esterco. É hora de comer o mugunzá, que passou a tarde no fogo”.





Eletricista pinta a sua cidade

A maneira com que o electricista José Araújo Dantas, o Zety, 57 anos, ingressou no campo das artes plásticas é um exemplo prático que pode ser seguido por muitos. É certo que quando jovem ele já gostava de desenhar, mas era tudo fruto dos impulsos infantis que guiam a ponta do lápis em formas imprecisas e sem vigor estético. E já naquela época, Zety disse faltar tempo para dedicar-se à arte. Só mesmo quando se aposentou pôde concretizar o sonho.

O artista disse que começou "a se engraçar" com uma imagem pequena da paisagem de São João do Sabugi. Resolveu ampliar. Passou para a cartolina, desenhada em lápis grafite. É como trabalha até hoje. Dessa maneira pode apagar e redesenhar os traços. Depois é partir para o pincel no acrílico ou tinta óleo. Se no início tudo é mais difícil, com os trabalhos prontos e algum reconhecimento logo aparece quem ajuda. O artista plástico sabugiense, já radicado em Natal, Wanderberg Medeiros "dá uns toques" a Zety na arte da pintura.

Zety já expôs em vários municípios e na capital. É uma forma de expandir a cultura e belezas de São João do Sabugi. Muitos de seus quadros retratam as paisagens da cidade, por mais universais que sejam algumas, como a de um urubu comendo a carcaça de um boi. E talvez por sua obra guardar muito de sua memória e impressões, Zety não comercializa seus quadros. "Uma vez vendi dois ao ex-prefeito e foi como se perdesse um filho porque não sei fazer de novo igual".

Repentista sonha com CD

Se São João do Sabugi é rico em música erudita, com a Filarmônica Honório Maciel, tem também suas representações da poesia popular. José Geraldo dos Santos, o Zé de Lêra, 44 anos, é um dos repentistas da cidade, daqueles autênticos, de voz aguda e potente, violeiro, improvisador de mão-cheia e escritor de cordéis, dos causos e das coisas do sertão. E se pedir demonstração ele faz na hora: "Pega de boi no morão/ O canto da minha rede,/ Pendurado na parede,/ Ainda está meu gibão,/ No cofre do coração,/ É quem guarda meu passado./ Todo meu viver com gado./ Na fazenda do patrão".

A avó, Jovelina Maria da Conceição, cantora de Coko, influenciou o menino a cantar alto e ligeiro. Os tios repentistas é que levaram Zé Geraldo a se bandear para os improvisos e para viola. O irmão Manoel Cruz seguiu os mesmos passos e, juntamente com o repentista Israel Galvão, costumam participar de congressos regionais de poesia popular nos quatro cantos do Rio Grande do Norte. Zé de Lêra já tem repertório pra gravar um CD. "Falta apoio", diz. O jeito é fazer o que sabe: improvisar. Ele e seu irmão vão gravar um CD independente para espalhar sua poesia pelo Estado.



Teatro retoma tradições sertanejas

As companhias amadoras de teatro do interior costumam alegrar os festejos da cidade. Ensaíam peças de caráter educacional, que retratam costumes locais ou clássicos teatrais. Geralmente dependem de apoio municipal, mas muitas conseguem ultrapassar obstáculos financeiros com a cara e a coragem. E com a Companhia de Teatro Valmira Morais, de São João do Sabugi não é diferente.

Os doze atuais integrantes montaram a Companhia quando eram adolescentes. Hoje, adultos, já escrevem até alguns roteiros. O historiador João Quintino também ajuda na montagem da peça. Com o desmembramento da Secretaria de Cultura da pasta de Educação, os incentivos ao grupo cresceram. Em agosto a Companhia participou de uma oficina de capacitação, durante três dias no Teatro Alberto Maranhão, a primeira em oito anos de criação.

A oficina será uma boa base para iniciar os ensaios da primeira participação do Grupo no Auto de São João Batista. No momento, a Companhia tem recebido convites para apresentar sua atual peça, *Casa Sertaneja*, do poeta Chico Morais, onde é exibida na linguagem lúdica teatral os costumes, utensílios e tradições das casas sertanejas. A peça é recheada de músicas e poemas do autor. E parecem transformar uma vida tantas vezes dura em poesia; em arte.



O recolhimento de Dandão

João de Deus de Medeiros, 70 anos, o Dandão é uma das figuras mais curiosas de São João do Sabugi. Ele leva uma vida de ermitão em pleno centro da cidade. O interior de sua velha casa é conhecido por poucos. Sabe-se da sujeira que há. Até a vigilância sanitária já precisou intervir. Parentes contam que ele se recolheu após a morte dos pais. Há 17 anos mora só. Junto com seu silêncio também estão recolhidas em sua casa coleções de revistas antigas como a Cruzeiro, antes, fonte de pesquisa para alunos até de municípios vizinhos.

Quando jovem Dandão trabalhou como carpinteiro. Mas sua paixão era ler. Assinava e comprava revistas e livros. Estudou por correspondência. Adquiriu conhecimentos que se espalharam pela região. Era um erudito. “De tudo ele sabia. Hoje não se sabe como está sua cabeça”, disse sua irmã, Maria Belmira de Medeiros, 76. Ela conta que tentou convencer seu irmão a morar com ela. “Ele não faz a barba, não toma banho. Deve dormir no chão. Já tentamos limpar a casa, mas ele não aceita. A comida eu vou deixar. Às vezes vem pegar, quase se arrastando”. A casa também não tem luz. Maria Belmira diz que há uma casa de cupim “com mais de metro”.

Uma de suas sobrinhas tentou chamá-lo para conversar com a reportagem da Préa. Eram 11h. Como de costume, Dandão saiu pelos fundos da casa, mas quando vê a equipe volta apressado, como que com medo. Tentou-se várias vezes, em outros dias e horários, conversar com Dandão para desvendar alguns mistérios que cercam sua pessoa, sua casa, seus livros e seu conhecimento. Seria também

uma oportunidade de mergulhar um pouco no universo humano, ainda insondável em seus verdadeiros segredos e essência. Na única oportunidade que a reportagem teve com ele, quando por coincidência ele voltava da casa da irmã com a marmita, ele foi enfático e pediu aquilo que talvez ele busque nestes 17 anos de solidão: “Me deixem em paz”.



Os doces da alegre dona Zélia

Da janela já se sente um aroma de rapadura queimada. É que a doceira Zélia Fernandes de Lucena, 70 anos, está com o panelão no fogo. E o doce parece adocicar o ambiente da casa também, sempre alegre com a faladeira e sorridente dona Zélia. E na casa da matriarca, a cozinha é o lugar de encontro. É dali onde sai geléia de mocotó, licor de gengibre, jenipapo, lambedor, bolos variados e o famoso doce seco.

A habilidade no preparo de doces, Zélia aprendeu com uma amiga da mãe, que aprendeu com uma doceira famosa na região, antigamente, chamada Maria Cabocla, moradora do sítio Curral Queimado, em Ipueira, ali próximo. Desde os 12 anos Zélia é doceira. A receita no preparo ela não esconde. Parece saber que não é para qualquer um e só a prática e os anos ensinam o ponto certo.

Ela conta que primeiro se prepara a “espécie”, com rapadura, muita castanha moída, gengibre, canela, cravo, erva doce, manteiga de garrafa, farinha de mandioca e milho e coco. Depois é botar pra esfriar. Só no dia seguinte se faz o angu, que servirá de capa para o doce seco. Zélia lembra que antigamente se fazia com massa de crueira, mas não se vende mais goma molhada na região, e o angu é feito mesmo com a farinha de trigo. E quando o angu escalda, coloca-se a farinha. Depois é só amassar e ir moldando os bolinhos do doce seco, cortados com a faca.

“Passo o dia todo em pé. Faço uma média de 150 doces secos. Sai pra todo canto”, disse a boleira. E se ela passa o dia em pé preparando o doce, quem assiste ao preparo passa o dia sentado, numa espera talvez mais cansativa, ansiosa, com água na boca.



Dona Eunice teme fim do bilro

Diferente do bordado, que aplica desenhos sobre o tecido, a renda é feita pela própria trama do tecido. E o bilro é composto por peças de madeira onde os fios são pregados, para facilitar o movimento das rendeiras. A prática vem desde a Idade Média. E pelos caminhos tortuosos do destino foi parar em São João do Sabugi, nas mãos de Eunice Lucena, 72 anos.

De frente a uma grande almofada, onde as agulhas são fixadas, ela demonstra a habilidade conquistada em décadas, arte ensinada pela mãe, que aprendeu com a avó. Quem ensinou a avó, Eunice desconhece. Da nova geração ninguém quis aprender. "Tem uma sobrinha buliçosa que talvez se interesse", comenta Eunice. Os modelos de renda são antigos, peculiares a cada família de rendeiras. Os detalhes são minuciosos. Nem parecem surgir dos movimentos frenéticos.

O bilro é aquela arte onde o artista torna-se anônimo. Espalhadas em redes, toalhas e panos não guardam a autoria na produção, mesmo quando os pontos são demasiado originais. Quanto mais peças de madeira, mais complexos os detalhes da obra. Eunice lamenta a falta de estímulo dos pequenos em querer aprender o bilro. Pode ser que com ela, alguns pontos, criados há pelo menos três gerações, sumam no tempo.



Cachika, uma rezadeira diferente

Francisca de Medeiros Silva, a Cachika, 58 anos, é uma dessas personagens que encontramos comumente no sertão: as rezadeiras. Mas ela é diferente. Suas orações são as costumeiras. Nada daqueles cochichos inaudíveis, resmungos que parecem outra língua. Também não se vale de rituais nem ramos de flores. Nada. Como diz, sua fé é o diferencial.

Aos 50 anos, Cachika sofreu um problema sério no intestino. "A barriga inchou e travou tudo. Botaram até uma bolsa do lado pra sair o que não presta. Fiquei magra feito um palito." Era câncer. Após viajar a Natal para "aplicações" e não encontrar leito disponível foi a João Pessoa, onde mora o cunhado. Foi lá onde Cachika diz ter visto a "revelação": "Foi como em sonho. Vi uma pessoa na minha frente e perguntei quem era. Aí ela me disse: 'Sou sua mãe santíssima. E vim lhe curar'.

Cachika recorda que muitos duvidaram da aparição porque estava fraca, decorrente da enfermidade. Curada, no outro dia foi à igreja. O padre disse que Cachika tinha recebido o dom da cura e recebeu o ofício de transmitir ao próximo. O Espírito Santo a orientaria. De volta a São João do Sabugi, ficou sabendo



que uma conhecida estava com dor de dente. Cachika a chamou para rezarem juntas. A dor de dente desapareceu.

A notícia se espalhou na cidade. Cachika é figura conhecida hoje. Não faltam pessoas para reclamar rezas ou para agradecer graças alcançadas. Vem gente até da Paraíba rezar com ela. "Eu rezo pra tudo. E nas orações descubro o que a pessoa está sentindo. E não peço vela, nem banho. Nada. É só ação de graça e em qualquer local. É o meu querer e o meu chegar, em qualquer hora".

O "Bocage" do Seridó

Manuel Ursulino Neto é conhecido como gaúcho porque no auge da exploração da scheelita, no Quixeré, ele aparecia nas tardes de domingo envergando sempre terno de linho branco e chapéu de massa, dito "gaúcho", comprado de um caixeiro paraibano. Nasceu em 1916, no sítio Quixeré, atualmente São João do Sabugi.

Gaúcho custeou a sobrevivência trabalhando na agricultura e na mineração, sobretudo em sua comunidade rural, o Quixeré, onde funcionou a primeira mina de tungstênio de cálcio do Rio Grande do Norte. Passou a vida divertindo-se com a poesia, compondo versos sem nenhuma pompa ou solemnidade, em tom debochado, que se distanciava de qualquer intelectualismo.

Homem do povo, Gaúcho falava de seu mundo imediato, da sua vida boêmia. Sua verve erótico-satírica aproximava-o de Manoel Barbosa, o Bocage (1765-1805), considerado o maior poeta português do século XVIII. Seus poemas nunca puderam ser declamados na igreja, na escola nem nas casas de família, mas esgueiravam-se pelos becos, nas alcovas e nas quebradas. É poesia marginal. É poesia popular. E foi lá onde ganhou reconhecimento.

Em 1993, entre uma cerveja e outra com Gaúcho, no barraco de Onaide Lucena, o famoso Piriquito Verde, o historiador João Quintino copiou alguns de seus poemas, transcritos na ata da "Quarentinha", tradicional sede de pretensa sociedade etílica. Sete anos mais tarde, em 4 de janeiro de 2000, o poeta morreu. Ou como lembra João Quintino, nos dizeres de Fernando Pessoa e Wally Salomão, os poetas não morrem, navegam.



Arte de Inácia embeleza a Igreja

A escultora Inácia Pereira de Araújo Silva, ou Inácia de Manoel Birro, é personagem marcante da vida sabugiense. Sem curso de belas artes ou capacitações, amparou-se no talento em esculpir a madeira para vencer dificuldades e criar nove filhos. Da madeira fez surgir santos variados que até hoje enfeitam a igreja matriz da cidade.

Ela própria buscava no serrote da caraibeira as toras de umburana para serem lavradas por escopos de ferro de fabricação própria e concretizar na madeira o seu pensamento. Em dezembro de 1981, Inácia morreu. Contava 59 anos. Pouco, sobretudo para a vida longa dos sertanejos. A filha Maria Nazaré Silva, 39 anos, ainda guarda um presépio esculpido por sua mãe. Mais uma mostra que eterniza a arte e a história sabugiense.



Tutuca continuou trabalho da mãe

O novenário da Festa de Nossa Senhora, ocorrido no mês de maio e já secular, ainda leva a marca da artesã América Medeiros. Se ela morreu aos 92 anos sempre a trabalhar na confecção de grinaldas e artefatos decorativos da festa ou do figurino dos integrantes de vanguarda, suas filhas dão continuidade à tradição.

Gertrudes de Moraes, a Tutuca, 60 anos, elabora as asas dos anjinhos com papel crepom, armação de arame e a matriz coberta de penas ou filó. Também é ela quem produz as cestas que a criançada carrega cheias de rosas para ofertar à Santa. Já as grinaldas são produzidas pela irmã, Maria Francineta de Moraes, a Maria de América, 65 anos. Os detalhes da grinalda são minuciosos.

As grinaldas até parecem corriqueiras nos cortejos ou festas religiosas, sobretudo no interior. Mas, se observadas com cuidado, percebe-se um bonito trabalho artesanal. E Maria de América sabe trabalhar os enfeites. As rosas que margeiam o arame da peça ela trabalha em tecido de organdi: um pano leve e transparente, com acabamento gomado, que lhe dá certa rigidez.

E não bastasse toda essa produção, as irmãs ainda produzem o alfenim, também tradicional em São João do Sabugi. "Mamãe sustentava a família de nove filhos com a venda do alfenim", disse Tutuca. E aos adultos que querem mostrar a velha tradição aos filhos, visto que pouco se vê os alfenins nas festas típicas de hoje, a receita de Tutuca: "duas xícaras de açúcar tinturado. Tem que ser numa panela roquete, que é um tipo de alumínio. Aí pinga três gotas de limão para endurecer a massa. Depois é só modelar".

Aos 93 anos, dona Antônia ainda faz fuxico

A técnica do fuxico é aquele tipo de costura que une o útil ao agradável. É bem praticado em São João do Sabugi. O fuxico é uma peça decorativa com mais de 150 anos. Elaborado com restos de matérias é uma forma de reciclagem, com resultados surpreendentes e a custo zero. Para produzir um fuxico bastam retalhos, linha, um molde redondo, agulha, tesoura e um diferencial: a criatividade, que empresta a peculiaridade à peça.

Se é usado comumente para decorar toalhas, bolsas, almofadas roupas ou o que mandar a ocasião, também se vê toalhas inteiras elaboradas apenas com fuxicos. Alzira Lins Gorgônio, 39 anos, aprendeu a "fuxicar" com a avó, que costumava fazer colchas de retalho e com o resto da produção usava no fuxico. Já aos nove anos Alzira começou a praticar. Embora bem visto nas residências sabugienses, ela diz que as peças são pouco procuradas na cidade e produz o fuxico mais por prazer, para presentear parentes e amigos.

Verdade é que a "fuxiqueira" Antônia Queiroz, 93 anos, que nem quis ser entrevistada ainda produz fuxicos. E vive só disso há umas boas décadas.



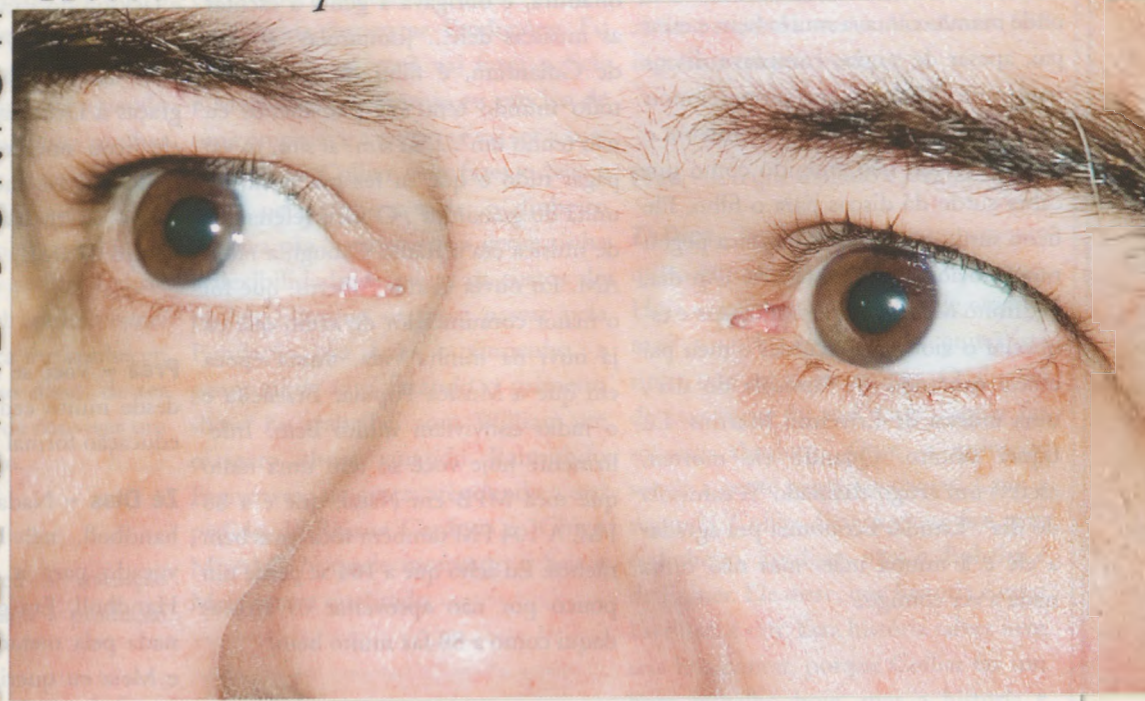
Aposentado celebra amor platônico

O aposentado Geraldo Calixto tem 77 anos. Gosta de carregar o passado em suas músicas. Compõe há 30 anos. Suas letras falam de um amor quase sempre platônico, das épocas da mocidade. A cantoria se dava na reunião de amigos nas fazendas e sítios de outrora, sempre após o trabalho. Seu Geraldo não revela o fruto de sua inspiração, a amada tantas vezes reverenciada. Até se mostra tímido nas palavras. Mora só. Analfabeto, recorre à prima quando quer escrever música.

Em 2000, Geraldo foi o homenageado no Concurso de Poesia de São João do Sabugi. Uma pequena reverência que a cidade fez à simplicidade do amor: "Eu vivo preso nas grades da saudade/ E quem solta é a voz do teu amor./ Ela é uma jovem linda que nasceu no jardim da natureza/ Tem a beleza da lua e das estrelas/ Foi Vênus que pintou sua boniteza".

"Histórias que eu vivi e me contaram"

JOSÉ DIAS JÚNIOR



Por Tácito Costa, Sérgio Vilar e Ramilla de Souza

Fotos: Anchieta Xavier

Se existe uma coisa que o produtor musical, José Dias Júnior (Zé Dias), 47 anos, tem de sobra, são histórias pra contar. Trabalhando com uma de suas maiores paixões, a música, ele fez amigos, desenvolveu excelentes projetos e tornou-se conhecido por sua competência na área. Dentre os amigos músicos que conquistou, através do trabalho, figuram Zeca Baleiro, Chico César, Antônio Nóbrega e Renato Braz, sendo este, inclusive, convidado para ser o padrinho da sua filha. Com gestos amplos e fala apressada, sentado no tapete de seu apartamento (ao lado dos seus mais de 4 mil CDs), de cara se percebe que ele não faz o estilo sóbrio. Muito emotivo, encheu os olhos de lágrimas ao recordar o momento mais crítico do Projeto Seis e Meia, idealizado por ele e em atividade até hoje. Zé Dias também produziu o "Natal em Canto" e foi eleito o Produtor Cultural 2005, pelo Prêmio Diário de Natal. O trabalho que realiza no Shopping Sea Way foi escolhido o Melhor Projeto Cultural de 2004 e 2005 e ganhou o Prêmio Hangar Melhor Projeto Cultural. Atualmente, além do projeto no Sea Way cuida da carreira de sua companheira, a cantora Khrystal. Levantando e sentando inúmeras vezes e sempre com um cigarro à mão, Zé Dias falou sobre produção cultural; do "horror" ao MP3; da falta de bairrismo dos potiguaras e dos livros que pretende escrever. Um, claro, sobre as histórias que vivenciou no trabalho e o outro sobre o carnaval. Torcedor do Fluminense, também fala de futebol, outra grande paixão e declara sem cerimônias: "tenho pavor a Zagallo". A entrevista foi feita antes da Copa. Imagine agora, o que ele diz do treinador.

Preá – Você nasceu em Natal?

Zé Dias – Sou potiguar e abecedista. Nasci em Natal, na rua Soledade, ali no Alecrim. Fui criado numa casa, onde mamãe cantava muito bem e meu pai, apesar de surdo, comprava discos para mim. Meu pai me proporcionou tudo para que eu gostasse de futebol e da música. Eu não entendo como um cabra surdo dá discos para o filho. Ele ficou surdo aos 23 anos e nunca pegou num violão na minha frente. Um dia, Pedrinho Mendes foi à minha casa e esqueceu o violão, eu acordei e meu pai estava cantando “A camisola do dia”, uma música de Erirelton Martins. Eu fiquei atônito. Quando ele morreu, escrevi um artigo chamado “A camisola do dia”. Estudei Economia pra agradar a ele e à minha mãe, mas não tinha nada a ver comigo.

Preá – Sua convivência com a música, então, começou em casa.

Zé Dias – Exatamente! A primeira lembrança de discos que eu tenho é dos 22 volumes de Valdir Calmon. Na rua Soledade tinha um senhor chamado Aurino Francisco, que era tenente do Exército e parceiro de Elino Julião em

algumas músicas como “Sou filho de Goiamun” e “Na unha do Guaxinim”. E eu conheci Elino na rua Soledade. Aurino era oficial, naquela época da ditadura, e obrigava a gente a escutar as músicas dele... {cantarola} “é filho de Goiamun, é filho de Goiamun, todo mundo tem um pai, menos eu não tenho um”... “Aí sim, aí sim, tu vai pagar tudo o que tu fez pra mim, na unha do guaxinim”. O meu referencial de música era a Rádio Cabugi, a rádio AM. Eu ouvia Carlos Alberto, que foi o maior comunicador do rádio que eu já ouvi na minha vida, numa época em que a Música Popular Brasileira e o rádio conviviam muito bem. Infelizmente hoje você só tem uma rádio que toca MPB em Natal, que é a 88 FM. A 104 FM também toca, mas bem menos. Eu acho que a 104 se perde um pouco por não aproveitar os artistas daqui como a 88 faz muito bem.

Preá – Recentemente, o Estado perdeu o cantor e compositor Elino Julião. Como você viu essa perda?

Zé Dias – Ruim, porque foi num momento em que a obra dele estava ressurgindo. E é bom que se diga que Dácio Galvão e Candinha Bezerra,

através do projeto Nação Potiguar, e Marcos Lopes, através do Forró da Lua, resgataram Elino para o resto do Brasil. Elino era do tamanho de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro. Fruto do rádio. Nos anos 60 e 70 foi um sucesso, nos anos 80 e 90 foi para o ostracismo e graças a Deus na virada do século XX ele ficou no meio do povo de novo. Acho que ele morreu em paz. Ele foi acima da média. Elino era Romário dentro da área.

Preá – Você se interessou por música desde muito cedo, mas não teve uma educação formal nessa área. Por quê?

Zé Dias – Nada! Porque eu fui jogar handboll, né! Fui duas vezes convocado para a Seleção Brasileira de Handboll. Era goleiro... eu nunca fiz nada pela metade. Quando fiz o Seis e Meia eu queria que fosse o melhor projeto do Brasil. Nunca fiz nada pra gueto, eu detesto gueto. O lance com a música profissional começou quando o jornalista Roberto Guedes, sabendo do meu amor pela música, convidou-me pra escrever no jornal Dois Pontos. O primeiro artigo que eu fiz foi sobre Wilson Simonal, de quem sou fã. Nunca tive os preconceitos que



tiveram com ele. Um dia ele veio a Natal e quis me conhecer. O encontro ocorreu na casa de Joãozinho Santana. Ele chegou, já deformado pela doença, e ali eu tive a confirmação de que o que eu estava escrevendo era legal. Um outro fato que confirmou que eu estava no caminho certo, foi quando eu conheci Almira Castilho, mulher de Jackson do Pandeiro. Eu escrevi um artigo e uma sobrinha dela que morava aqui mandou pra Alemanha, onde ela mora. Quando ela veio ao Brasil, disse que queria vir a Natal conhecer-me. Ela veio a Natal só para me conhecer. Eu fiquei tão orgulhoso disso, de ter tido a honra e o prazer de conviver um dia com Almira Castilho.

Preá – Como ocorreu a transição dos artigos no jornal para a produção musical?

Zé Dias – Foi a vontade louca de fazer o Seis e Meia. Eu sou fruto da geração do Projeto Pixinguinha e queria fazer um projeto que transcorresse cedo, que o trabalhador pudesse ir. Apesar de dizerem que eu sou um homem da noite, tudo o que eu fiz começa muito cedo. O Seis e Meia, o Natal em Canto, o Sea Way. Nada meu começa 11 horas da noite. Quando Garibaldi ganhou o governo, eu trabalhava com Wober Júnior {deputado}, um dos meus melhores amigos. Fui para o veraneio, eu era casado na época, com uma mulher extraordinária, Julieta, que me ajudou muito, e disse a Wober, que queria ir pra Fundação José Augusto. Ele perguntou: você quer ser diretor? Eu lhe indico. Eu disse, diretor não, quero começar de baixo, em uma coordenadoria. Aí eu comeci a sonhar com o Seis e Meia. Mas tinha um empecilho: o projeto não podia ser feito pela Fundação José Augusto,

pela falta de flexibilidade com relação ao dinheiro da bilheteria do teatro, porque o dinheiro é público. Quando eu já estava dando o Seis e Meia como encerrado, encontro com William Collier, da Superstar Produções. Eu disse: William, você vai fazer o Seis e Meia comigo. Porque eu preciso de uma empresa e a empresa vai ser a sua. E William Collier veio fazer o Seis e Meia pela empresa dele, o dinheiro entrava pra Superstar, e a gente tinha a flexibilidade de pagar os custos do projeto. Porque se fosse passar pela Fundação pra fazer o empenho, a gente ainda tava fazendo o primeiro show. Eu trabalhei com William até o sexto show, quando Raimundo Fagner veio da graça, atendendo a um pedido de Rejane Cardoso e “Chico Miséria”. Naquele momento o Seis e Meia estava quebrado.

Preá – Quebrou por quê?

Zé Dias – Porque no começo o projeto não se pagava, não tinha público. Começamos com Nico Rezende, que não puxa nem corda de caranguejo. Aí, veio em seguida o Quinteto Violado com Cida Lobo e a gente respirou um pouco. Então Rejane Cardoso, Gaudêncio Torquato e “Chico Miséria”, vendo a nossa luta, convenceram Fagner a vir de graça. A gente lançou a primeira sessão e eu fiquei com medo. Como é que eu vou chamar Fagner pra participar de um projeto se eu não tenho dinheiro pra pagar a ele? Ele pediu apenas um jazz-corus. Eu lá sabia o que diabo era jazz-corus. Ele disse: Zé Dias, a única exigência que eu faço é um jazz-corus. Eu disse, eu tenho logo dois. A gente lotou. Fagner chegou e o pai dele tinha morrido. Ele disse: bicho eu tô aqui, vou fazer o show, mas quero antes ir pra Pipa. Aí ele foi pra Pipa, voltou na

segunda-feira e disse: é verdade que tá lotado? Eu disse, é. Ele disse: quer fazer outra sessão? Eu disse: eu não tenho dinheiro pra pagar a primeira e você quer fazer a segunda. Ele disse: pode abrir a segunda sessão. Vendemos 670 ingressos em seis horas.

Preá – E o que danado é jazz-corus?

Zé Dias – Jazz-corus é um equipamento que o guitarrista usa pra dar o retorno. Hoje os caras usam retorno de ouvido, mas naquela época todo guitarrista tinha que ter o jazz-corus. O aluguel do jazz-corus foi mil reais. Fagner fez sucesso absoluto. Com a primeira sessão a gente pagou as contas. Com a segunda, Collier disse: a gente fica com o dinheiro. Eu disse, não, o dinheiro é de Fagner. Ele disse, que historia é essa? Eu disse: é sim. Essa história talvez nem seja boa contar, porque Collier faz um bom trabalho hoje, mas a historia é essa. Aí cheguei na suíte do hotel com Fátima Arruda, que me ajudou muito. A gente olhou pra Fagner. Ele não falou em dinheiro em nenhum momento. Ele disse: leve-me para uma praia deserta que eu quero tomar um banho, mas não queria que ninguém me reconhecesse porque eu tô cansado. Foi quando eu disse: eu tenho um negócio pra te dar. Ele disse: se for dinheiro eu não quero. Aí eu abri a bolsa dele e joguei 6.150 reais {chora} e o Seis e Meia existe até hoje por conta de Fagner.

Preá – Esse episódio marcou a sua saída do projeto?

Zé Dias – Não. Marcou a saída de Collier. A partir daí quando eu ligava, dizia: quem veio foi Fagner! Aí veio Nana Caymmi, MPB 4, vieram todos. Porque Fagner deu a moral e deu o

recurso pra que a gente pagasse as contas e respirasse, pra ver se o projeto durava até o fim do ano. E é bom frisar que o primeiro show que eu fiz na vida foi para o Seis e Meia, eu nunca tinha feito um show na minha vida.

Preá – Desde aquela época já tinha a atração local?

Zé Dias – Desde o início. Naquela época tinha Pedrinho {Mendes}, Babau, Terezinha de Jesus, retornando do Rio, Glorinha Oliveira... Não tinha esses grandes nomes que hoje tem na música de Natal, graças a Deus. Naquela época não tinha a gravação de discos que tem hoje. Eu acho que o Seis e Meia foi muito importante para esse movimento que existe hoje.

Preá – Cite um grande momento do Seis e Meia.

Zé Dias – O grande momento do Seis e Meia foi o show do Chico César, quando tive a coragem de arriscar. Também me emocionaram muito as presenças de Jamelão, Demônios da Garoa e Miltinho no Projeto. Chico César tinha colocado 22 pagantes no Bar do Buraco, dois meses antes. A irmã dele chegou a Fundação José Augusto e me deu o disco “Aos Vivos”. Eu tenho 4 mil CDs e quando recebo mais um eu jogo aqui e pra eu escutar é meio difícil. Eu fui a Mossoró sonhar com o Seis e Meia lá, envolvendo a Cooperativa dos Artistas. Botei no som do carro o CD Ney Matogrosso canta Chico Buarque e logo embaixo Chico César. Quando fui chegando a Lajes caiu o disco de Chico César, que cantava: “os olhos tristes da fita girando num gravador”. Eu freei o carro e vi a hora virar: “Que moléstia é essa, pelo amor de Deus”. E segui para Mossoró escutando o disco. Eu ainda estava em Mossoró, quando toca

o celular. “Alô, seu Zé Dias, aqui quem fala é Elaine, produtora de Chico César, quem me deu seu telefone foi Tetê Espíndola, eu queria saber se dava pra Chico César ir pra Natal?” Eu disse: ele já está contratado, o cachê é 3.000 reais em Natal e 2.500 em Mossoró. “Mas o senhor não me conhece”. Eu disse: mas escutei o disco agora, não interessa se eu o conheço ou não. Aí ela disse: eu vou querer que o senhor me dê a passagem até João Pessoa, Chico vem de ônibus. Eu disse: de ônibus não, vou mandar buscá-lo. Depois eu recebi uma ligação de um cara chamado Luís Paulo dizendo que o show tava confirmado e que o cachê era mil reais. Eu disse, não é mil, é 3.000 em Natal e 2.500 em Mossoró, e eu vou buscar ele em João Pessoa. Eu coloquei Cida Lobo pra abrir o show dele, pra ela vender 100 ingressos, porque eu não acreditava num cara que vendeu 22 no Bar do Buraco. E quando Cida Lobo ia começar a vender, eu pedi os ingressos de volta, porque quando abriu a bilheteria foram vendidos 150 ingressos. Nesse ínterim, eu mando buscar Chico César em João Pessoa. Eu ainda não o conhecia. Quando ele chegou me perguntou: Zé como é que tá a bilheteria? Nessa hora chega uma moça dizendo: Zé Dias, pelo amor de Deus me venda um ingresso porque acabou de esgotar. O Seis e Meia lotou. A mãe dele veio com 11 irmãos. Pra conseguir lugar para a família toda foi uma novela.

Preá – E em Mossoró, como foi o show de Chico César?

Zé Dias – Quando chegamos a Mossoró, Chico disse: Zé Dias eu queria que meu pai viesse para o show. Nós ligamos para Catolé do Rocha e o pai dele disse que talvez não viesse. Chico foi para o restaurante e eu peguei o telefone que ele ligou, liguei para um

posto telefônico e perguntei quem era o motorista da cidade. A mulher disse: o grande motorista daqui é Golinha. Eu pedi para chamá-lo e disse: Golinha, quanto é uma viagem sua de Catolé para Mossoró? Ele respondeu: 200 reais. Eu disse: eu pago 400 pra você trazer o pai de Chico César. De noite, casa cheia, eu tô na porta do auditório da ESAM, onde os shows aconteciam, e tá lá aquele homem. Eu disse: como é seu nome? – Sou Francisco, pai de Chico César, por quê, algum problema? Eu disse, o senhor é meu convidado. Eu levei ele para a sala do reitor, parecia uma autoridade. E em menos de 30 minutos contratei uma equipe para filmar aquele encontro. No meio do show Chico César chama ao palco o primeiro grande ídolo dele, que era o pai, e eles cantaram juntos uma música belíssima. Meses depois, Chico César estourado no Rio de Janeiro, eu fui para lá, com o deputado Nelson Freire, e a abertura do show dele no Teatro Vivaldi era a gravação em vídeo dele com o pai no Seis e Meia de Mossoró. Foi uma das maiores alegrias que eu tive na minha vida.

Preá – Um momento ruim do Seis e Meia?

Zé Dias – O show do MPB 4 em Mossoró, quando Dix-huit Rosado {prefeito da cidade à época} morreu. O MPB 4 veio para fazer uma sessão em Natal, uma em Mossoró, descansariam um dia e iriam para Fortaleza. Em Natal lotou. Quando terminou o show em Natal chegou a notícia da morte de Dix-huit. Eu expliquei ao grupo que era uma autoridade, um homem importante. Mário Rosado, filho de Dix-huit, disse-me que a cidade estava consternada e que eu tivesse o bom senso de adiar o show para o outro

dia, pelo menos. Eu expliquei para o empresário do grupo a situação e disse que em troca daria a eles uma estadia no Hotel Termas, que na época a gente nem tinha condições de pagar, mais uma viagem para Canoa Quebrada pra eles descansarem naquela quarta-feira e a gente faria o show na quinta. Como o show de Fortaleza havia sido cancelado eles compensariam nessas duas sessões no Rio Grande do Norte. Mas eles não aceitaram a proposta. Quem pagou o ingresso assistiu Leila Pinheiro na outra semana.

Preá – Quais os artistas mais difíceis com quem você já trabalhou?

Zé Dias – Não existe artista difícil de trabalhar quando você paga o cachê antes de começar o show. Agora, por exemplo, você só faz um show com Joana se ela vir a luz antes, mas aí é um direito dela. O que eu acho que deve ser oferecido ao artista é um bom vôo, um bom hotel, a diária de alimentação em dinheiro, porque se você der a alimentação no hotel, eles comem lagosta e camarão, mas se você der em dinheiro, eles comem um sanduíche com coca-cola. Eu deixei de fazer show por causa de exageros de músicos. O artista é um trabalhador como outro qualquer e eu tô muito velho para agüentar abuso de artista.

Preá – Qual é o diferencial de Zé Dias na produção de shows?

Zé Dias – Eu acho que quando um artista chegava ao aeroporto, com cinco minutos ele sabe que eu gosto de música. Eu trouxe Dori Caymmi, através de Renato Braz, e quando saímos do aeroporto, coloquei no meu carro um disco em que Luiz Gonzaga canta

uma música dele e ele nem sabia. Ele chorou do aeroporto até o hotel Imirá. A partir daí, se existe alguma coisa estranha na relação artista-produtor, essa coisa se acaba.

Preá – A sua saída do Seis e Meia não foi pacífica.

Zé Dias – Não, não foi. Eu nunca falei sobre isso e nem sobre a saída de Collier, por causa do problema de Fagner. Mas quero deixar bem claro que Collier é hoje um vitorioso por manter o Seis e Meia. O Seis e Meia se tornou o melhor projeto de música do Brasil. Quando Dolores Portela saiu da Fundação José Augusto ficou vago um cargo de diretor. Eu era coordenador do Centro de Promoções Culturais e achava que, por merecimento, o cargo de Dolores deveria ser preenchido por mim. Eu teria uma melhora salarial, um pouco mais de status. Um dia, eu estou na minha sala, quando entra Olga Aranha, que me diz: Zé Dias, Woden {Madruga – presidente da FJA} mandou você ir atrás de patrocínio pra começar o Seis e Meia. Em seguida, ela revelou que seria a minha diretora a partir daquela data. Eu perguntei: você vai ser a minha diretora? Então diga a Woden que eu não vou mais ficar no Seis e Meia. Eu nem arrumei a gaveta e fui embora. Nunca mais cumprimentei Woden. Tive um sentimento de pesar quando o filho dele morreu, estive no velório rapidamente. Mas foi esse sentimento que ficou. Eu nunca entendi por que ele passou cinco meses sem falar comigo e três com Dolores. Dolores não ofende a um pinto. Eu não me arrependo de ter saído e quero deixar claro que Woden nunca interferiu no Seis e Meia. Ele sempre foi muito correto.



Preá – Com o fim do Seis e Meia você foi fazer o quê?

Zé Dias – O Natal em Canto. O projeto tinha os mesmos moldes do Seis e Meia mas só acontecia duas vezes por mês. Fez muito sucesso, mas nessa época eu comecei a namorar Lane Cardoso e acabei por me dedicar à carreira dela, porque do mesmo jeito que eu tinha o sonho do Seis e Meia, sempre tive o sonho de que os artistas daqui tivessem o trabalho reconhecido em nível nacional.

Preá – O Natal em Canto durou quanto tempo?

Zé Dias – Um ano. Foram 22 shows. Foi muito bacana. Vieram Chico César, João Bosco... Quando eu terminei o relacionamento com Lane, trabalhei um período com Rejane Luna e foi muito prazeroso. Ela é uma grande profissional, com pé no chão. Quando ela foi para Portugal eu tive que tocar minha vida. Foi quando um dia a cantora Raquel Grosman disse que tinha uma cantora que ela achava que só precisava de um empresário. Ela então levou Khrystal ao Hotel Residence, onde eu morava. Khrystal pegou o violão e cantou uma música. Eu disse: quer trabalhar comigo? Eu me apaixonei pela artista na hora. Depois é que, com a convivência, nós viemos a ter um relacionamento também pessoal. Na hora eu fiquei impressionado com a voz e a energia de Khrystal.

Preá – O Seis e Meia tinha forte patrocínio da iniciativa privada.

Zé Dias – O projeto aqui em Natal era todo bancado pela iniciativa privada. Antônio Gentil foi fundamental para o projeto, depois veio

a FIERN, o SEBRAE, a Vasp, com Flávio Anselmo, hoje na TAM, e que foi imprescindível. E o que mais me deixava feliz era que o Seis e Meia não precisava do governo para acontecer. A única coisa que o governo pagava no Seis e Meia era a TV, mas mesmo assim não deu certo. Porque quando chega setembro acaba o orçamento, e aí setembro, outubro e novembro não tinha mídia para o projeto.

Preá – O que você acha que mudou em termos de produção cultural nos últimos dez anos?

Zé Dias – Mudou tudo! Os shows são mais produzidos. Os discos são melhores concebidos. A única coisa que não mudou foram os cachês. Nós ainda trabalhamos com um cachê muito baixo e já temos uma produção que merece ser melhor remunerada.

Preá – Qual a avaliação que você faz hoje do cenário cultural de Natal?

Zé Dias – Nós temos um excelente presidente da Fundação Capitania das Artes. Nós tivemos um excelente presidente da Fundação José Augusto, que foi François Silvestre. A gente não tem a dimensão do que representa as Casas de Cultura, o Teatro de Cultura Popular, a revista Preá. E mesmo com a saída de François, a presença de Isaura Rosado é uma esperança de que continuaremos fazendo bem feito o que era realizado. Paralelo a isso, tem o trabalho dos meninos da Casa da Ribeira. Estamos produzindo tanta coisa legal. O projeto Sea Way é bacana. O Festival no Beco da Lama foi fantástico. Eu nunca tinha visto três mil pessoas, numa tarde, no Beco da Lama. O que a gente precisa mudar é a atitude. Precisamos ter cons-

ciência de que somos bons, não precisamos de artistas de fora para fazer festa pra gente.

Preá – Falta bairrismo?

Zé Dias – Acho que sim. Eu vou dar um exemplo que me magoou muito. Na preparação do disco de Khrystal, que vocês escutaram em primeira mão, eu fiz um demo com seis músicas. Distribuí 1800 CDs nessa cidade. Khrystal fez seis shows em Natal. Nós não colocamos 600 pagantes. Fomos a Mossoró e em uma noite colocamos 533 pagantes. É aí onde está a diferença da atitude do povo de Mossoró para a atitude do povo de Natal. Todo mundo elogia, mas ir ao teatro e pagar para ver o show, ninguém vai. Eu fico muito feliz quando o maravilhoso grupo Delicatto lota a Casa da Ribeira. Quando o Cosern Musical, que é um projeto de Primeiro Mundo, lota. Porque não é fácil fazer uma produção. Fazer projeto com lei de incentivo à cultura é fácil, difícil é você fazer projeto cultural sem dinheiro, com o empresário confiando no produto.

Preá – O projeto que você desenvolve no Sea Way já ganhou três vezes seguidas prêmios importantes. Como nasceu a idéia desse projeto?

Zé Dias – Surgiu de numa brincadeira. Eu fui contratado para fazer o show de Moraes Moreira. E pensei: meu Deus, entre Moraes Moreira e o coquetel não vai ficar nada? Aí imaginei a gente começar a ter orgulho das coisas do Rio Grande do Norte. Aí contratei um ator para ser Hianto de Almeida, que foi o precursor da Bossa Nova, uma atriz para ser Ademilde Fonseca. Chamei o garçom do Cuxá {restaurante}, que tem quase dois metros de altura para ser

Oscar {jogador de basquete}. Contratei uma modelo para ser Virna {jogadora de vôlei}. Contratei o trio Três no Som para ser o Trio Irakitan e a única pessoa que foi ela mesmo foi Magnólia Figueiredo. O Trio Irakitan chegava cantando uma música e dizia: nós somos o Trio Irakitan, somos de Santa Cruz do Inharé, temos orgulho de ser potiguares; A atriz chegava, cantava e dizia, eu sou Ademilde Fonseca, eu revolucionei o choro no Brasil. Fizemos uma festa linda, o dono do Sea Way viu e disse: Zé Dias que coisa bacana. Eu respondi: me dê uma oportunidade. Eu queria que o senhor me desse 2500 reais por semana e eu faço quatro shows por mês aqui. Mas só faço show bom, não prestar você pode cancelar.

Preá – Você já chegou a utilizar as leis de incentivo à cultura?

Zé Dias – A municipal é muito boa. A estadual eu acho ruim porque o percentual é pequeno. O caminho é por aí. Também acho que nós produtores deveríamos oferecer um café da manhã ou um almoço para os contadores, porque às vezes os contadores das despesas colocam areia, a gente devia fazer um meio de campo para que fosse melhorada essa relação.

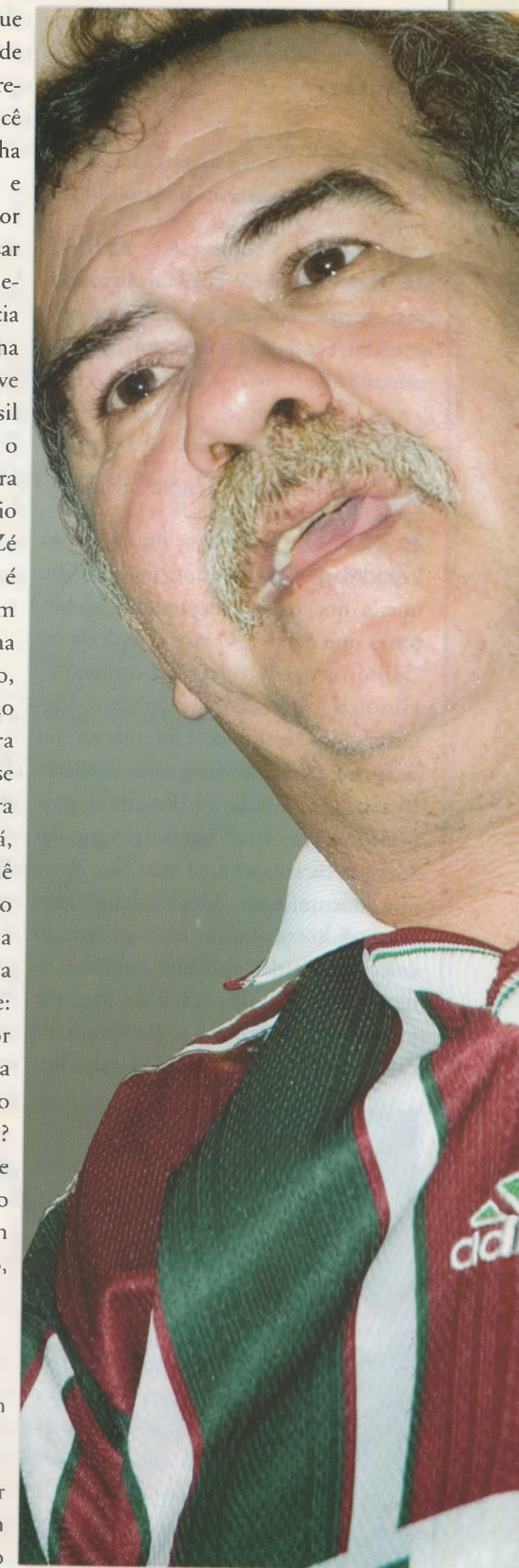
Preá – Qual a diferença do Seis e Meia do passado para o de hoje?

Zé Dias – No passado o Seis e Meia lançou para o povo de Natal Antônio Nóbrega, Lenine, Chico César, Zeca Baleiro, Renato Braz, Rita Ribeiro, Mestre Ambrósio, Paulinho Moska. Hoje eu acho que o projeto arrisca pouco. Uma vez eu fui assistir a um show de Nana Caymmi no Canecão. Fiz um cheque na bilheteria e ele foi vetado. A moça disse: Vá à portaria

e procure Denise. Eu não sabia que a Denise que ela falava, era filha de Nana. Eu fui até Denise, que me reconheceu. Eu, então, perguntei: Você me conhece de onde? “Eu sou a filha de Nana, produzi shows de Danilo e Dori Caymmi. Você é um batalhador no Nordeste”. Eu pedi a ela para passar no cheque. Isso Nelson Freire {deputado pelo RN} atrás de mim, parecia que o deputado era eu. Ela disse, tenha vergonha, um cara como você, que vive dando emprego aos músicos do Brasil vai pagar num show? Nós entramos e o Canecão tem uma área reservada para 50 mesas. Quando eu entrei, Sergio Cabral, crítico musical, gritou: Zé Dias, grande produtor do Nordeste, é meu convidado. Ele chamou o garçom e colocou uma garrafa de Bucannas na mesa. Naquela época eu bebia muito, hoje não bebo quase nada. Quando terminou o show ele me chamou para ir ao camarim falar com Nana. Eu disse a Sérgio: eu sempre quis levar ela para o Seis e Meia. Você já chamou? Já, mas ela nunca quis ir porque o cachê é baixo. Aí Sergio Cabral já tava meio alto, entrou no camarim, tinha uma fila enorme e Nana Caymmi, de cabeça baixa, dando autógrafo. Sérgio disse: Nana, trouxe aqui Zé Dias, o maior produtor cultural do Nordeste. Nana disse: aquele liso que não tem dinheiro para pagar os artistas no Seis e Meia? Vinicius, marque logo uma agenda que eu não agüento mais o povo pedindo para eu ir para esse projeto. Foi assim também com Oswaldo Montenegro, que veio por causa de Menescal.

Preá – Desses artistas todos quais foram os que você ficou mais próximo?

Zé Dias – Renato Braz, que vai ser padrinho da minha filha. Esse é um irmão que a vida me deu. Chico



César, apesar de dizer que eu me vestia muito normal. Zeca Baleiro e Antônio Nóbrega também.

Preá – Como está o projeto do seu livro?

Zé Dias – Eu quero fazer um livro, primeiramente, com as histórias que vivi, e tenho vontade de fazer um sobre o carnaval.

Preá – Você já tem um nome definido?

Zé Dias – Eu pensei em um, mas Nei Leandro de Castro vetou na hora. Eu queria que o livro expressasse as histórias que eu vivi. O nome poderia ser “Histórias que vi, ouvi e me contaram”. Histórias como a que vivi com Menescal, por exemplo. Um dia eu fui de carro para Mossoró com Roberto Menescal e Wanda Sá. Eu tirava para Mossoró em duas horas, porque eu adorava correr, hoje eu não faço mais essa loucura. Com Menescal a viagem durou 5 horas, porque ele é o segundo colecionador de bromélias do Brasil, e não podia ver um pedaço de pau que parava para cortar e eu morrendo de calor dentro do carro. Quando nós

chegávamos em Mossoró eu olhei para o lado e Menescal estava chorando. O que foi que houve Menescal? Ele disse, Zé Dias eu morei em Mossoró quando tinha três anos de idade, meu pai foi o homem que veio para coordenar o boom do sal naquela época. Quando nós entramos no teatro, um grupo local chamado A Flauta Mágica estava tocando as bachianas, de Villa Lobos. Aí foi que ele chorou mesmo. Indo para o Hotel Termas ele disse: Zé Dias aqui tem uma homenagem ao meu pai. E era verdade, passamos em frente, é o Hospital Francisco Menescal, que é o hospital para os trabalhadores do sal, para os quais o pai dele foi um grande homem. Quer dizer, eu vivi essas histórias e acho que devia contar.

Preá – E o livro sobre o carnaval?

Zé Dias – Eu sou louco por carnaval e quando comecei a ler sobre o assunto descobri que 90% é sobre escola de samba. Sobre as marchinhas de carnaval é tão ruim a literatura quanto é ruim a discografia. O que tem é incompleta. Então, eu comecei a pesquisar. Outra coisa que me frustrou muito foi a ausência de dimensão nacional que o carnaval de Pernambuco

merece ter. Na literatura é como se fosse um carnaval de segundo plano e o carnaval de Pernambuco tem uma expressão fantástica.

Preá – Você iniciou a pesquisa?

Zé Dias – Já, mas meu tempo de pesquisa é muito sem futuro. Eu me dedico 100% ao projeto no Sea Way. Cuido da carreira de Khrystal 100%, eu não sei fazer nada 90%.

Preá – Você está pesquisando onde? Já recorreu ao MP3?

Zé Dias – Eu tenho horror à MP3. Isso não me emociona, eu gosto de ter o disco. Já consegui 23 marchinhas de carnaval na Internet.

Preá – É possível sobreviver de produção cultural em Natal?

Zé Dias – Eu não tenho nem casa para morar nem um carro. Você não ganha muito dinheiro não, e olhe que eu sou um privilegiado, porque as pessoas acreditam no meu trabalho.



Preá – Como surgiu a amizade com Renato Braz?

Zé Dias – Eu cheguei um dia na Fundação José Augusto para trabalhar e Lara (funcionária) disse: Zé Dias eu vi ontem um cantor fantástico em Hebe Camargo, chamado Renato Braz. Eu fui para o ponto de venda e estava tocando um disco de Renato Braz. Eu perguntei: que moléstia é essa que tá tocando? Peguei o disco e liguei para São Paulo. Renato, meu nome é Zé Dias, eu faço o Seis e Meia em Natal e queria te contratar. Ele disse: rapaz eu trabalho num bar aqui em São Paulo, chamado Piu-Piu, e ganho 200 reais por noite. Eu disse: pago 3.000 reais em Natal e 2.500 em Mossoró. Ele pensou, é um picareta. Mas depois disse que pelo timbre da minha voz, reconheceu um cara honesto. Como ninguém sabia quem era Renato Braz em Natal, eu passei cinco meses dizendo que quem não gostasse do show eu devolvia o dinheiro. Ele foi aplaudido de pé e vendeu numa noite 410 CDs. Ficou grato para o resto da vida e a partir daí se consolidou uma amizade.

Preá – Qual o show do Seis e Meia que você achou que iria lotar e deu um público pequeno?

Zé Dias – O de Rosa Passos foi uma frustração, deu 200 pagantes. Talvez seja a melhor cantora brasileira. João Gilberto é louco por ela.

Preá – Uma alegria e uma tristeza sua nesse trabalho de produção cultural?

Zé Dias – A alegria é quando o show lota; o reconhecimento do público. A tristeza... vou dar um exemplo do Sea Way. Não suporto quando uma pessoa se levanta da mesa para pedir uma música a um artista. O artista trabalha, ensaia,

faz o show e um cabra se levanta da mesa e pede para tocar uma música... eu não gosto. E também casa vazia. Eu não faço show para casa vazia, Deus me livre! Essa profissão me deu muitas alegrias. Não me deu tristezas não.

Preá – Fora do ambiente de trabalho, como é o seu dia-a-dia?

Zé Dias – Eu não gosto de ir a show, não me chame para ir a show porque eu não vou. E não gosto que me peçam cortesia. Normalmente quem me pede cortesia é quem pode pagar. Se pobre fosse ruim Sílvio Santos já tinha quebrado. Não me peçam a única coisa que eu tenho para vender que é meu trabalho.

Preá – Por que você não vai a show?

Zé Dias – Porque aqui sempre começa atrasado. Eu não começo show atrasado. Pergunte em Natal qual foi um show de Zé Dias que começou atrasado. Eu acho uma falta de respeito. Eu comecei um show de Djavan, no Machadinho, um show caro, o último grande show que eu fiz, às 21 horas. Estava marcado para às 21 horas, e às 21 horas ele entrou no palco. Um cara da 98 FM veio, me deu um abraço e disse: quando tiver show, pode me procurar que a rádio patrocina, porque foi o único show que eu vi começar no horário.

Preá – Quais artistas você gostaria de trazer e não conseguiu?

Zé Dias – Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e João Gilberto. Um que eu queria trazer e trouxe foi Edu Lobo. E os que eu me frustrei de não ter trazido foram Luís Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Altamar Dutra. Também

nunca fiz um show de Elino Julião. Ia fazer agora no Sea Way, mas ele morreu.

Preá – Outra paixão sua, não sei se é maior ou igual à música, é o futebol.

Zé Dias – Acho que é maior. Eu sou um homem feliz. Vi Alberi jogar e ele me contaminou para o resto da vida. Aprendi a gostar de futebol arte. Achei muito bonito o que o Brasil fez com Telê, que não ganhou nada com a Seleção Brasileira, mas o país parou para reverenciá-lo. Eu gosto de Romário. Acho que se Ronaldinho Gaúcho jogar 30% do que joga no Barcelona ele vai ser comparado a Pelé e Maradona. E eu tenho pavor a Zagallo.

Preá – Por quê?

Zé Dias – Ele ganhou dois títulos como ponta-esquerda quando dois grandes pontas-esquerdas da época, Canhoteiro e Pepe, estavam machucados. Esses dois jogadores se machucaram em duas Copas. Na Copa de 70 ele pegou o time de Saldanha pronto. A de 74 ele foi, perdeu e disse que não conhecia o time da Holanda, quando o Ajax já era bicampeão europeu. A de 98 ele foi e perdeu. Nas que ele mandou no time, 74 e 98, o Brasil perdeu as duas. Em 94 ele era igual ao cozinheiro, auxiliar de Parreira, e o “favor” que ele fez foi cortar Romário, quando Romário teve um incidente com Parreira. Zagallo nunca disputou uma final de campeonato brasileiro. Ele foi bicampeão em campo, mas porque os dois caras que jogavam mais que ele machucaram-se, parece que ele tem sorte. A única coisa de Primeiro Mundo no Brasil é o futebol e a MPB, e eu nunca vi os times que Zagallo dirigiu serem de Primeiro Mundo. ■



MACAÍBA

Ponto de Cultura do RN

Por Sérgio Vilar

Fotos: Areta Luna

A primeira impressão quando se visita Macaíba é a de uma cidade que mais parece um grande centro comercial. Nas principais ruas e avenidas, pequenos comércios se espalham. É raro ver residências. As ruas são estreitas e parecem implorar por um Plano Diretor que dê suporte para o inchaço cada vez maior da cidade. Mas Macaíba é também um município com boa representação cultural. E ela mora em suas comunidades e distritos vizinhos. É lá onde encontramos a autêntica cultura popular do município, que a 18 km da capital, já respira o ar de um progresso desordenado. Mesmo estando estes atores culturais distantes e longe de formar um pólo cultural coeso e organizado, eles conseguem mostrar seu trabalho com algum incentivo municipal.

Os prédios e monumentos históricos estão bem preservados. Tombados pelo patrimônio histórico do Estado retratam muito o passado da cidade e do Rio Grande do Norte. O Solar do Ferreiro Torto, o segundo engenho do Estado, localizado ainda no centro da cidade recebe visitas diárias de estudantes do ensino público. Eles passam a conhecer a importância daquele monumento e dos filhos ilustres de Macaíba, como o educador Henrique Castriciano; o historiador Tavares de Lira, também governador, senador, ministro da Justiça, da Viação e Obras Públicas e da Fazenda; a poetisa

Auta de Souza, de talento reconhecido internacionalmente; Augusto Severo, precursor da aviação e inventor do balão Pax; além de seu irmão, Alberto Maranhão, governador do Estado em dois mandatos, cognominado o “mecenas da cultura potiguar”.

E talvez Alberto Maranhão tenha plantado sua influência no município. O termo “mecenas da cultura” se aplica bem à atividade cultural de Macaíba. Os “personagens” que constroem a cultura macaibense, mesmo os mais afastados – moradores das 45 comunidades do município, entre urbanas e rurais, ou nos quatro distritos da cidade – estão bem engajados no comércio de sua arte. Outros procuram expor seus trabalhos em Natal: uma forma de dar maior visibilidade à sua produção. É o caso do cordelista Ivan Umbelino. A Casa de Cultura de Macaíba foi inaugurada há pouco tempo e deve facilitar o contato entre os artistas e artesãos. Situada no coração do município, no antigo casarão da família Mesquita, servirá de palco e vitrine para as manifestações artísticas da cidade, contribuindo para a preservação de sua memória.

A construção da memória de Macaíba começa nos idos do século XVII. No ano de 1645 a cidade ainda não existia como unidade político-administrativa. Havia somente os sítios de Ferreiro Torto, Uruaçu e Jundiá, habitados por portugueses, mestiços e índios. Somente no século XVIII, no período entre 1780 e 1795 é que surge o primeiro nome da

vila emergente: Coité, uma árvore muito vista na vila. No início do século XIX, o comerciante Fabrício Gomes Pedroza instala um comércio nos Guarapes, local responsável pelos grandes carregamentos comerciais do Rio Grande do Norte. Com grande influência política no Estado, Fabrício Gomes muda o nome de Coité para Macaíba, uma palmeira, bem distribuída na propriedade do comerciante. No final do século XIX, em 27 de outubro de 1877, através da Lei 801, a Vila foi elevada à categoria de município.

Macaíba tem 62 mil habitantes. Antigo centro comercial do Estado destaca-se hoje por seus festejos regionais, como as vaquejadas. O artesanato também é bem produzido, com bordados em ponto de cruz e macramé. Os trabalhos em cerâmica também são variados. As bonecas de pano de Benedita Jerônimo Campelo são que mais representam a tipologia artesanal do município, reconhecida pelo Programa de Arte do Estado (Proarte). Aliás, Macaíba, por ser berço de ilustres como Auta de Souza e Augusto Severo, e também abrigar comunidades remanescentes de Quilombola é o único município do Rio Grande do Norte reconhecido como Ponto de Cultura pelo Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania. Uma prova do valor cultural de uma cidade rodeada por boas manifestações artísticas.



As bonecas de pano de dona Benedita

Imagina-se que muitas meninas de comunidades afastadas e pobres desejem brincar de boneca. É próprio da idade. Por sina do destino, muitas ganham de brinquedo a enxada ou as sementes para plantar no roçado. E foi justo destes pesares que a vida impõe que a artesã Benedita Jerônimo Campelo, 62 anos, resolveu ela mesma confeccionar suas bonecas. “Meu pai não tinha como comprar. Comecei a fazer as minhas. Eram feinhas que só”.

Mas fez. E assim fez também a mais autêntica tipologia do artesanato macaibense, tudo feito com retalhos e pedaços de pano. Foi também a necessidade que fez com que Benedita parasse com a “brincadeira” de fazer boneca de pano. “Casei. A vida ficou diferente”. Para tentar vida melhor, ela e o marido, servente de pedreiro, foram morar em

Atibaia/SP. Benedita só voltou a Macaíba aos 48 anos. Voltou também a confeccionar suas bonecas.

Ainda assim o comércio de seu produto era fraco. A comunidade Tapará, onde mora, é pobre e afastada do centro de Macaíba. Benedita colocava uma banquinha na estrada de barro, em frente ao sítio onde mora. A estrada divide os municípios de Macaíba e São Gonçalo do Amarante. O sítio ela chamou de Tapera Arte. Quando em campanha eleitoral, o então candidato a prefeito, Fernando Cunha passou pela comunidade Tapará e viu a banquinha de Benedita. Empolgado com o produto, resolveu ajudar a artesã.

Benedita hoje participa de vários eventos ligados ao artesanato no Estado: Centro de Convenções, Ribeira das Artes, Brasil Mostra Brasil, Festa do Boi... Os cursos

que fez também foram muitos. Em um deles aprendeu a fazer bonecas miudinhas, de uns 3 centímetros, que vende como brincos. Tem também chaveiros. A produção é variada em cores, tamanhos e formas. As peças mais caras são Lampião e Maria Bonita. Custam 20 reais. Tem também a menina, a vovó, a doméstica e até sereia. Benedita disse que a sereia ela se inspirou nas lendas que o pessoal contava na antiga Lagoa do Major, ali perto.

O tecido e os retalhos são doados por amigas ou comprados. Para dar melhor forma às bonecas ela enche com algodão. Às vezes, com areia. Se não gostar da combinação de cores, pinta com tinta para tecido. Os olhos das bonecas são feitos de linha cola. Depois é só costurar. “Tenho encomenda até pra fazer cem bonecas. Tem boneca minha espalhada em todo canto hoje”.



Ivan mistura música com cordel

A recitação do cordel já na infância ensina muito. É cultura popular. É poesia popular. É a história matura, nordestina. É identidade e memória de um povo. Quando Ivan Umbelino da Silva era criança, sua mãe costumava ler cordéis para ele. Hoje, o menino virou Ivan Cordel, 30 anos. Mas se o cordel é tudo isso, é também desprestigiado no mundo atual. Parece ter perdido seu valor com o sumiço das feiras livres de antigamente, onde violeiros, repentistas e poetas populares cantarolavam as coisas do sertão, as coisas suas.

É talvez por essa falta de incentivo aos cordelistas, Ivan não conseguiu publicar um cordel sequer. Tem 20 escritos. Outros se perderam. O jeito de se virar fazendo o que gosta foi incluir seus cordéis na música. Ivan toca forró em bares e eventos. Já representou o município de Macaíba em fóruns e apresentações variadas. Já gravou dois CDs independentes. Ganhou concursos como o Macaíba Conta a História da sua Rua, onde recitou poesia sobre a rua Coité, nome primeiro de Macaíba. “O cordel está muito presente na música. As pessoas é que não percebem”, observa.

Ivan Cordel tentou se classificar para o concurso regional de forró, o Forraço. A composição, intitulada *Perfil de um Sertanejo*, tem melodia triste. Parece cantar as dores do sertão. Por muito pouco Ivan ficou de fora da final. A música mescla com cores de sertão até a música de Tom Jobim, mostrando que a vida não é só pau, nem só pedra, nem ainda é o fim do caminho:

“Pra viver no meu sertão/ tem que ser batalhador/ e erguer com muito amor/ a bandeira do Nordeste,/ gostar da flor do campestre/ e ter os pés no chão,/ e dividir o tostão/ com aqueles que passam fome./ Assim deve ser o homem/ pra viver no meu sertão./ Cortar mato, cortar lenha,/ cultivar milho e feijão,/ macaxeira e mandioca,/ gergelim e algodão,/ tomar banho de açude,/ de manhã cedo acordar,/ numa madrugada serena,/ ouvir os pássaros cantar./ É meu sertão/ terra de caba da peste:/ Virgulino Lampião,/ meu sertão do juazeiro,/ mandacaru e carvão./ A dor que corta meu peito,/ dilacera o coração,/ lamentando os que se foram/ como Eline Julião./ É pau, é pedra, é ferro, é fogo,/ pra viver no meu sertão./ É sertão, é sertão./ Terra de caba da peste./ Penso no rei do baião”.

Para ajudar a renda mensal, Ivan visita por conta própria as escolas de Macaíba para recitar seus cordéis. É sempre bem aceito entre professores, diretores e alunos. Ao final, como diz, passa o chapéu para receber algum trocado. Uma troca mútua entre o cordelista e os alunos, que vão pra casa sabedores da “Vida do Pobre Sertanejo”:

O pobre do sertanejo trabalha muito na roça
Anda sempre de carroça
Às vezes sente amargura
Mas mora no interior
O jeito é dar valor
Viver da agricultura

É um trabalho pesado
Mas ele é acostumado
No interior grosseiro
Quando sai sente saudade
De toda aquela amizade
Que tinha com os companheiros

Quando chega o mês de janeiro
Adiante o de fevereiro
Com aquele grito de guerra
O tempo fica nublado
E o agricultor preparado
Pra cultivar a terra

Quando o inverno demora
No sertão o pobre chora
Agradecendo ao Senhor
Pois digo de coração
Sem inverno no sertão
A vida não tem valor

Hoje em dia o sertanejo
Não satisfaz seus desejos
Vivem todos revoltados
Porque os governantes
Já não dão valor
Aqueles *póbi* coitado

Quando é período de eleição
Eles chegam no sertão
Prometem a lua e o sol
E o *póbi* desesperado
Precisando, coitado
Cai na isca do anzol

Quando vão olhar pra trás
Já não adianta mais
O peste já tá eleito
E assim nesse engano
Entra ano e finda ano
E para o *póbi* não tem jeito

Interarte quer preservar identidade cultural da comunidade

Às vezes pequenas iniciativas podem render resultados significativos. Quando o professor de Geografia Telmo de Oliveira teve a idéia de montar um grupo de teatro no Centro Educacional Rural Alfredo Mesquita Filho (CERU), não imaginaria que a garotada se dedicasse com afinco durante oito anos. Além de levar o nome da cidade em apresentações pelo interior, o grupo Interarte também resgata a cultura popular e histórias antigas do município, com peças teatrais que procuram retratar os costumes e o folclore de Macaíba.

O professor Telmo de Oliveira já trabalhou como ator em antigos grupos de teatro de Macaíba. Dessa vez é o diretor dos roteiros dos jovens atores, com média entre 18 e 20 anos. Todos os 15 alunos são da comunidade Lagoa do Sítio, Zona Rural de Macaíba. Os ensaios são nos fins de semana. É que muitos dos alunos estudam ou trabalham. Entre as peças já montadas estão *Morte e Vida Severina*, e a farsa *Dois Corações e Quatro Segredos*.

No momento, a peça *História de Nós Mesmos* está afiada para ser apresentada no próximo Festuern, em Mossoró.

O ator Charles Simplício, 19 anos, conta que tomou até gosto pelas pesquisas que o professor incentiva seus alunos a fazer para a montagem das peças. Em *Histórias de Nós Mesmos*, as cantigas e costumes antigos de Macaíba são resgatados através de muita pesquisa. Estão inclusos entre um diálogo e outras apresentações do Boi-calembra, Coco-de-roda e cantigas infantis que fazem parte do imaginário popular dos macaibenses.

Os últimos dizeres da peça advertem e aconselham: “Esse tempo não pode morrer. Nas lembranças de minha mãe e do meu avô, está vivo! E está tão perto de nós. Eu posso jogar no computador porque é do momento. Mas também posso brincar de roda, de tô-no-poço, de esconder, porque agora é novo resgatar nossa identidade, nossos traços culturais. Isso sim, vai ser legal, porque são histórias de nós mesmos”.



História do município passa pelo Ferreiro Torto

O Solar do Ferreiro Torto é o prédio histórico que mais representa o município de Macaíba. Pelas histórias que contam imagina-se até que esteja situado nos confins da cidade. O primeiro grande massacre holandês no Estado, por exemplo, ocorreu lá. E foi cometido em um terreno pantanoso. Mas o Ferreiro Torto está no centro de Macaíba, quase que às margens das águas escuras do Rio Jundiá. Foi erguido em 1614, quando o Capitão Francisco Rodrigues Coelho recebeu algumas terras que dariam origem ao segundo engenho da então Capitania do Rio Grande, chamado Engenho Potengi.

O sítio hoje tem seis hectares. Do velho engenho sobrou mesmo a Casa Grande, ainda assim reconstruída. Há a intenção de realizar estudos arqueológicos para tentar resgatar a antiga senzala e capela do antigo engenho, ou mesmo alguns utensílios, como a moenda, soterrados naqueles chãos. Por enquanto, algumas réplicas das instrumentações e ferramentas antigas estão no interior do prédio. São tachos, fornos artesanais usados nas casas de farinha, moendas, carros de boi usados no transporte da cana-de-açúcar, etc. As fotos são muitas, espalhadas nos dois andares da casa, construída em estilo colonial português.

A invasão holandesa se deu 20 anos depois de construído o Engenho, em 1634. O Engenho ficou sob domínio dos holandeses até 1730, quando o movimento Terço dos Paulistas expulsou os flamengos da região. Mais de 100 anos depois, em 1847, o coronel Estevão José Barbosa de Moura comprou o Engenho e construiu o casarão que hoje abriga o museu Solar do Ferreiro Torto, no mesmo lugar que o antigo. O casarão passou a receber autoridades, presidentes da província e até a família imperial do Brasil. Por lá eram realizados bailes e saraus que marcaram a Macaíba aristocrata do passado.

Com a morte do coronel o casarão foi vendido e posteriormente abandonado. A Fundação José Augusto desapropriou a moradora, viúva Machado, em 1970, para oito anos mais tarde iniciar a restauração do prédio em ruínas. Concluída a recuperação, passou a funcionar no local o Museu de Arte-sacra, mas foi fechado por falta de visitas e divulgação. Chegou-se a se instalar uma churrascaria. Foi quando o Conselho Estadual de Cultura se interpôs e o domínio voltou a ser da FJA. Com vistas à conservação do prédio, a sede da prefeitura municipal foi instalada lá, entre os anos de 1982 e 1989. Na gestão da prefeita Mônica Nóbrega Dantas é aberto no local o primeiro museu, em 1990.

O fim do mandato da prefeita culminou também com o fechamento do museu. Foi reaberto somente em 25 de abril de 2003, sob convênio entre Prefeitura e Governo do Estado. A área do entorno e o prédio foram reurbanizados. O museu hoje tem caráter didático. Quase que diariamente é visitado por alunos do ensino público. A doação de fotografias mostra o passado áureo da cidade. O museu hoje é símbolo maior da preservação da memória do município. O Complexo Cultural e Turístico do Ferreiro Torto dispõe ainda de sala dos artistas, patamar para apresentações culturais, duas trilhas ecológicas e salas de aula ao ar livre.

Interarte quer preservar identidade cultural da comunidade

Às vezes pequenas iniciativas podem render resultados significativos. Quando o professor de Geografia Telmo de Oliveira teve a idéia de montar um grupo de teatro no Centro Educacional Rural Alfredo Mesquita Filho (CERU), não imaginaria que a garotada se dedicasse com afinco durante oito anos. Além de levar o nome da cidade em apresentações pelo interior, o grupo Interarte também resgata a cultura popular e histórias antigas do município, com peças teatrais que procuram retratar os costumes e o folclore de Macaíba.

O professor Telmo de Oliveira já trabalhou como ator em antigos grupos de teatro de Macaíba. Dessa vez é o diretor dos roteiros dos jovens atores, com média entre 18 e 20 anos. Todos os 15 alunos são da comunidade Lagoa do Sítio, Zona Rural de Macaíba. Os ensaios são nos fins de semana. É que muitos dos alunos estudam ou trabalham. Entre as peças já montadas estão *Morte e Vida Severina*, e a farsa *Dois Corações e Quatro Segredos*.

No momento, a peça *História de Nós Mesmos* está afiada para ser apresentada no próximo Festuern, em Mossoró.

O ator Charles Simplício, 19 anos, conta que tomou até gosto pelas pesquisas que o professor incentiva seus alunos a fazer para a montagem das peças. Em *Histórias de Nós Mesmos*, as cantigas e costumes antigos de Macaíba são resgatados através de muita pesquisa. Estão inclusos entre um diálogo e outras apresentações do Boi-calembra, Coco-de-roda e cantigas infantis que fazem parte do imaginário popular dos macaibenses.

Os últimos dizeres da peça advertem e aconselham: “Esse tempo não pode morrer. Nas lembranças de minha mãe e do meu avô, está vivo! E está tão perto de nós. Eu posso jogar no computador porque é do momento. Mas também posso brincar de roda, de tô-no-poço, de esconder, porque agora é novo resgatar nossa identidade, nossos traços culturais. Isso sim, vai ser legal, porque são histórias de nós mesmos”.



História do município passa pelo Ferreiro Torto

O Solar do Ferreiro Torto é o prédio histórico que mais representa o município de Macaíba. Pelas histórias que contam imagina-se até que esteja situado nos confins da cidade. O primeiro grande massacre holandês no Estado, por exemplo, ocorreu lá. E foi cometido em um terreno pantanoso. Mas o Ferreiro Torto está no centro de Macaíba, quase que às margens das águas escuras do Rio Jundiá. Foi erguido em 1614, quando o Capitão Francisco Rodrigues Coelho recebeu algumas terras que dariam origem ao segundo engenho da então Capitania do Rio Grande, chamado Engenho Potengi.

O sítio hoje tem seis hectares. Do velho engenho sobrou mesmo a Casa Grande, ainda assim reconstruída. Há a intenção de realizar estudos arqueológicos para tentar resgatar a antiga senzala e capela do antigo engenho, ou mesmo alguns utensílios, como a moenda, soterrados naqueles chãos. Por enquanto, algumas réplicas das instrumentações e ferramentas antigas estão no interior do prédio. São tachos, fornos artesanais usados nas casas de farinha, moendas, carros de boi usados no transporte da cana-de-açúcar, etc. As fotos são muitas, espalhadas nos dois andares da casa, construída em estilo colonial português.

A invasão holandesa se deu 20 anos depois de construído o Engenho, em 1634. O Engenho ficou sob domínio dos holandeses até 1730, quando o movimento Terço dos Paulistas expulsou os flamengos da região. Mais de 100 anos depois, em 1847, o coronel Estevão José Barbosa de Moura comprou o Engenho e construiu o casarão que hoje abriga o museu Solar do Ferreiro Torto, no mesmo lugar que o antigo. O casarão passou a receber autoridades, presidentes da província e até a família imperial do Brasil. Por lá eram realizados bailes e saraus que marcaram a Macaíba aristocrata do passado.

Com a morte do coronel o casarão foi vendido e posteriormente abandonado. A Fundação José Augusto desapropriou a moradora, viúva Machado, em 1970, para oito anos mais tarde iniciar a restauração do prédio em ruínas. Concluída a recuperação, passou a funcionar no local o Museu de Arte-sacra, mas foi fechado por falta de visitas e divulgação. Chegou-se a se instalar uma churrascaria. Foi quando o Conselho Estadual de Cultura se interpôs e o domínio voltou a ser da FJA. Com vistas à conservação do prédio, a sede da prefeitura municipal foi instalada lá, entre os anos de 1982 e 1989. Na gestão da prefeita Mônica Nóbrega Dantas é aberto no local o primeiro museu, em 1990.

O fim do mandato da prefeita culminou também com o fechamento do museu. Foi reaberto somente em 25 de abril de 2003, sob convênio entre Prefeitura e Governo do Estado. A área do entorno e o prédio foram reurbanizados. O museu hoje tem caráter didático. Quase que diariamente é visitado por alunos do ensino público. A doação de fotografias mostra o passado áureo da cidade. O museu hoje é símbolo maior da preservação da memória do município. O Complexo Cultural e Turístico do Ferreiro Torto dispõe ainda de sala dos artistas, patamar para apresentações culturais, duas trilhas ecológicas e salas de aula ao ar livre.



Nada se perde nas mãos de Paulo Bezerra

Paulo Bezerra de Macedo, 53 anos, é daqueles que não deixa nada se perder. Uma casca de cebola ele usa como enfeite de abajur. E mais: a casca é colada em um papel já reciclado, que serve para o entorno da lâmpada da peça. Usa também pétalas de rosa para complementar. O suporte para o abajur também é elaborado de restos de material: pó de granito, colados em gesso já com um belo adorno artístico de um homem e uma mulher se abraçando. Paulo chamou de “cara-metade” a peça. O acabamento é em pintura sintética.

Esses são apenas alguns dos materiais usados pelo artesão. No sítio onde trabalha, no distrito de Cajazeiras, por onde se olha tem uma caixa com pedaços de madeira, canos de PVC, resíduos de

minérios (que consegue da mina Brejuí, de Currais Novos), quengas de coco, etc. Ele diz que metade do que produz é feito de restos de material. Mesmo o que sobra de sua própria produção ele reutiliza em outras peças. E tudo feito à mão. A única máquina elétrica é uma lixadeira.

As esculturas em granito são as que chamam mais atenção. Os santos em gesso, em tamanhos variados também são bonitos, bem trabalhados. Mas muitas de suas peças parecem comuns, pouco originais, apesar da beleza. É que a maioria das encomendas que recebe, seja de Natal, Recife ou de estados do Sul já vem com pedido formalizado de escultura. Quando dão chance de Paulo Bezerra criar a peça, aí sim, o resultado é outro.

Muitas das luminárias dos hotéis da Via Costeira, em Natal, são feitas por ele. objetos iguais, padronizados. Mas no sítio do artesão se vê luminárias até em forma de cacto. Paulo colocou lâmpada até na parte interna de uma palmeira imperial. As cores avermelhadas da casca da árvore deram um tom peculiar à luminária, que tem ainda a base feita de tronco de carnaúba. Parece uma obra de arte.

E a marca do artesão é mesmo o improviso. Do papel reciclado que ele mesmo produz, saem peças como luminárias, abajures, caixotes, etc. Da madeira, as peças são incontáveis. Tem até tabuleiro de dama. “Só não faço chover”, brinca.



90 anos adoçando o paladar do potiguar

Um dos poucos engenhos ainda em atividade no Estado está localizado na comunidade de Japecanga, em Macaíba. O Engenho São João há mais de 90 anos produz rapadura artesanal. Nunca mudou de produto. A modificação foi sutil. O processo de moenda da cana-de-açúcar, antes feito em caldeira ou mesmo à tração animal, é hoje elétrico. De resto, tudo continua como nos tempos da Macaíba aristocrata.

A cana é colhida ali mesmo no vale do Japecanga, na propriedade de Luiz Antônio

Gomes, herdeiro contínuo do engenho de seus antepassados. Seu avô, disse ele, era latifundiário na região. Se antes os empregados no engenho eram muitos, hoje são dez. Enquanto uns deceparam a cana outros colocam o bago na moenda. O caldo da cana desce direto para os tachos, onde é fervido a fogo alto. Quando feito mel, a garapa é levada à gamela para ser mexida, até coalhar. Depois é só colocar na forma e deixar esfriar.

A produção é de dois mil tabletes de 450 gramas de rapadura ao dia. Luiz Antônio

vende principalmente para os interiores e Natal. No dia da reportagem, o Engenho passava por uma reforma. É comum, segundo Luiz Antônio, devido o fogo alto, diário, durante 24 horas nos tachos e próximo às paredes antigas do local. Todo ano se faz uma reforma. Mas o processo de produção da rapadura permanece. “Não tem como mudar muita coisa. É um processo natural de produção: engrossar a cana até dar o ponto. É como pirão”.



A receita de Sururu de dona Nair

No distrito de Mangabeira, na entrada de Macaíba e à margem da BR-304 ainda se prova o melhor do sururu da região. Nair Teixeira de Sousa, 83, prepara com gosto. Faz questão de oferecer às visitas um prato farto. E exibe com orgulho. Ver a satisfação da visita em provar do sururu parece trazer de volta as lembranças de menina, de horas, manhãs nas beiradas do rio Jundiá a pescar o sururu para cozinhar para a família.

A fartura parece mesmo ser coisa de antigamente. Dona Nair reclama que os viveiros de camarão estão “escondendo” o sururu. “Está difícil de encontrar”. E quem sofre é dona Antônia, que tem “pra lá de 90 anos”. Quando vem visita, dona Nair encomenda antecipadamente o sururu a ela. E lá vai dona Antônia, carregando o peso da idade, pescar o molusco. Prática de uns 60 anos.

Acometida de virose, há muito que dona Antônia não dá as caras pela casa de dona Nair. Normalmente ela chega com latas de querosene cheias de sururu. Dona Nair explica em detalhes e em bom som: “Quando vai chegando perto o bicho faz assim ó: tac, tac. É o sinal. A pontinha já fica do lado de fora. Tem que ser em maré baixa pra ver. Ai é só botar o dedo dentro da lama e tirar o sururu”.

O sururu é colocado numa vasilha e esquentado do jeito que está. “O caldo chega fica azul”. Depois é tirar do casco, colocar o leite de coco, o tomate, a cebola e o pimentão. Coloca-se no fogo novamente até ficar bem cozido. “Passa o tempo que a gente quiser. Eu gosto de deixar uns 30 minutos. E se botar pouca água fica mais gostoso”, recomenda dona Nair.



Uma tradição que ainda resiste

As Casas de Farinha ainda são uma tradição em Macaíba. Resistem à evolução dos tempos como podem. Hoje são casas de farinha comunitárias. Cerca de vinte ao todo, seis em pleno funcionamento. Estão espalhadas entre comunidades e distritos do município. Geralmente empregam quase toda a família. A farinhada, extraída da mandioca – Macaíba tem a maior área de mandioca plantada do Estado – é a atividade de subsistência mais tradicional do município. São mais de 200 anos nessa atividade.

Sem maiores incentivos, as Casas de Farinha tentam barrar a força inexorável do tempo e resistir ao processo

de industrialização. E se por um lado a produção rudimentar mantém o gosto apurado da farinha de mandioca, por outro a produção é bem menor. O paladar ainda é o termômetro para saber a qualidade do produto. Bota-se a farinha na boca e a experiência é quem diz se está no ponto certo. No processo industrial há máquinas para medir a temperatura do produto.

Os trabalhos nas Casas de Farinha de Macaíba, assim como em outras espalhadas pelo Estado, obedecem certa hierarquia na divisão dos trabalhos. Os homens costumam plantar e colher, prensar na moenda e torrar a mandioca. Mas dona Nair Teixeira de

Sousa, 83 anos, moradora do distrito de Mangabeira, e antiga raspadeira nas Casas de Farinha, lembra que as mulheres também “colocavam a mandioca para passar no rodete: um cilindro de madeira com serras em volta para moer e triturar a mandioca”.

A mandioca ainda é lavada, prensada e torrada em forno, para perder as substâncias tóxicas. Depois, a farinha é colocada em um resfriador para ser pesada e ensacada. Ao final, da massa preparada se faz uma boa tapioca ou os beijú, quentinhos e irresistíveis mesmo àqueles mais acostumados.



A arte de Zé do Couro

José Antônio da Silva, 65 anos, o Zé do Couro é um daqueles sertanejos que conseguiu escapar da roça a muito custo. Sua sina podia ser igual à de muitos: filho de agricultor desde cedo começou a manusear a enxada, a plantar e a colher, nas zonas rurais do município de São Rafael, onde nasceu. Foi lá onde conheceu Manoel Severiano, velho mestre no trato com o couro. O ofício foi passado. Há mais de 50 anos Zé do Couro produz manualmente artefatos de couro os mais variados.

Já aos 26 anos Zé largou sua morada de infância. Pegou a estrada numa boléia e chegou a Macaíba, para trabalhar na agricultura. Mas logo montou um comércio para vender artefatos em couro. Se mantém até hoje, segundo ele, sem muitas modificações. Curiosamente as peças mais procuradas, desde os primeiros trabalhos em São Rafael, são as selas e os arreios. O que se modificou foi o material usado. As que prefere trabalhar são as selas antigas, do tipo Suzana, feita de cor de bode e sova de boi. Mas Zé

bate nas selas mais resistentes como que orgulhoso da cria. E afirma sorridente:

“Hoje o material é melhor. É o camurção. Chama sela cachoeirinha. O material vem lá do Sul. Dá mais trabalho de fazer, mas é mais resistente”. No comércio de Zé, por onde se olha se vê couro. São gibões, calçados, sandálias de cabresto, bonés. “Vejo essas sandálias nas revistas. É 250 reais ou mais. Num tem vantagem nenhuma. Quero ver essas daqui se torar”.

Um moveleiro à antiga

Mestre Augusto é um dos marceneiros mais antigos de Macaíba. Aprendeu a trabalhar a madeira com o pai aos sete anos, e hoje aos 89, ainda não pensa em parar. Dos três irmãos, todos mecânicos, foi o único que levou adiante o ofício paterno. Com o trabalho em obras como o Casario do Arvoredo, o Solar da Madalena e o Solar do Caxangá ajudou a construir a história de sua cidade. “Os próprios filhos de Macaíba ajudam a terra”

Apesar da experiência o trabalho anda escasso. A concorrência das lojas de móveis, que barateiam os custos de produção, atrapalha o negócio, e hoje, a marcenaria de Mestre Augusto trabalha, na maioria das vezes com pedidos de consertos. “As lojas usam madeira prensada com pó de serra; aqui a gente trabalhava com madeira de verdade”.

Sem nunca ter saído de Macaíba e aposentado devido à pressão alta, Mestre Augusto hoje só faz cadeira de palhinha

e amola as serras da marcenaria. As máquinas com que trabalha, serra, desempeno, serra de disco e torno foram todas feitas por ele. Atualmente o negócio é administrado por seu filho, Paulino Cabral, 48.

Além do trabalho na marcenaria Mestre Augusto tocou muitos anos na banda da cidade, primeiro com o bombo, e depois tocando tuba.



Cantos e prantos do poeta

Se as dores da alma machucam lembranças ou atormentam os dias, também podem ser compreendidas como experiência de interiorização profunda e fértil; um estado afetivo propício aos seres que tenham a intenção de entender e modificar o mundo e a si mesmo. O poeta João Batista Xavier de Sousa, 65 anos, é quase cego. Enxerga com 20% da capacidade em um dos olhos. Foi vítima de uma trombose, seguida de intenso derrame nos vasos da retina. Isso aos 52 anos. Desde então começou a escrever compulsivamente. Enquanto muitos se deixam levar pelas circunstâncias, ele transformou a dor em poemas, não apenas para confortar sua alma, mas a dos seus leitores. Tem quatro livros publicados, sendo três de poesia e um mais teórico,



sobre educação. É que o poeta assumiu a secretaria de Educação de Macaíba em três gestões, e por décadas trabalhou junto às escolas ou na área pedagógica.

João Batista nasceu mesmo foi em Natal. Mas, com meses de vida foi morar em um pequeno povoado às margens do Rio Jundiá, hoje distrito de Macaíba. Já aos 5 anos migrou para Mangabeira, também distrito do município. Se considera macaibense. E para ele é o que importa. Aliás, guarda com orgulho o título de cidadão macaibense. Em função da profissão do pai delegado, rodou municípios ainda na infância. Mas voltou a Mangabeira em 1958, aos 17 anos e percorreu toda a fase adulta. Se formou em História pela UFRN e logo iniciou-se na área de educação, uma de suas paixões e por onde dedicou décadas de vida. É que o poeta disse ter lembranças do seu pai analfabeto, que contribuíram como solavanco para sua formação.

“A família é a fonte. A escola é o templo. Da família se nasce. No templo se cresce”. A frase veio de pronto, mas outras mais, articuladas em forma de tese estão reunidas no livro *Uma escola possível*, 2004. Essa escola ideal, mais humana, o professor ainda espera ver. Em três gestões como secretário de educação, não conseguiu concretizar

seu ideal de modificar o atual modelo de escola, centrado no tecnicismo. Mas foi quando se aposentou, forçosamente por causa da pouca visão, que a poesia aflorou mais intensamente em sua alma. Seu primeiro livro reunindo dezenas de seus trabalhos foi *Em Canto*, 1997. Em seguida veio *Pedaços Inteiros*, 2004, de poemas recheados de ausências, a denotar as coisas alma.

No ano seguinte é que o autor se debruça numa produção mais intensa e intimista. O livro *Cantos e Prantos* retrata a efervescência de um homem mais introspectivo e mais contundente. Os títulos de alguns poemas por si só denunciam alguma tristeza interior: “Desgosto”, “Desencanto”, “Engano”, “Desequilíbrio”... Em uma passagem, o autor assim escreve sobre a Prepotência:

Face rude...
Palavra irônica
Favor estratégico
Falso enérgico
Dança cômica

É assim:
Prepotente...
Inútil, aparente
- meio sem fim

Presença sem vida
Ladravaz da harmonia
Angústia e agonia
Esperando guarida.

No autógrafo do livro, a recomendação de João Batista Xavier deixa entrever um pedido que parece requerido por uma alma inquieta e, muitas vezes, incompreendida: “*Cantai os meus cantos e compreendei os meus prantos, para que o espírito se alegre e a calma vos seja mais luminosa*”..



Comunidade negra mantém a dança do Pau Furado

A comunidade de Capoeira dos Negros, a 27 km do centro de Macaíba, abriga uma das maiores representações culturais do município: a Dança do Pau Furado, um folguedo antecessor do coco de roda. De origem africana foi levada à comunidade por uma mulher conhecida como Maria Cabocla. Segundo descrição de José Vicente Bernardo, o Deba, 56 anos, era “uma negra mesmo, do cabelo que parecia pimenta do reino, porque ela não penteava”. De onde ela veio, Deba se abstrai. “Veio do sertão de mei-de-mundo”.

Deba nasceu e vive em Capoeira dos Negros. O caminho para se chegar lá é difícil. A estrada é carroçável. Deba é quem “toma conta” do Pau Furado, juntamente com Neilson Francisco dos Santos, o Tete, 44 anos. O mestre da dança se chama Severino Pedro, conhecido como Bina. É ele quem compõe e sabe das cantorias do folguedo. A dança é praticada a cada duas semanas, geralmente aos sábados. Não há data fixa. Quando estão marcadas visitas de estudantes e pesquisadores eles se reúnem, desde que

avisados antes. Um bom estímulo é uma garrafa de cachaça. O alcoolismo na comunidade é um problema a ser enfrentado por eles e pela Prefeitura.

A dança do Pau Furado ora assemelha-se a uma roda de capoeira, ora ao coco-de-roda. As vestes são em cores azul e branca. Dança-se aos pares. Entram dois de cada vez na roda, embalados pelo som de instrumentos como o ganzá, o zambê e, claro, o pau furado: um instrumento extraído de um tronco de árvore. Após cavada a parte interna, restando as “paredes” do tronco, coloca-se, numa das extremidades, o couro curtido, esticado. A outra extremidade é oca, para sair o som. Por isso chama-se pau furado. Muitas vezes o couro é esquentado junto a uma fogueira para regular o som, que pode ser mais grave ou mais agudo. O folclorista Deifilo Gurgel lembra que em Tibau do Sul também se usa o pau furado nas danças de zambê.

Capoeira dos Negros conta hoje com cerca de mil pessoas. Se há 20 anos só se via negros na comunidade – reconhecida recentemente como remanescentes de quilombo pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) – hoje a miscigenação é freqüente e percebe-se a variação nas tonalidades de peles e fisionomias. A provável origem da formação da comunidade é a de que negros fugitivos, sobretudo das indústrias de açúcar, se enveredaram pelo interior para formarem comunidades fechadas, como ocorreu em Sibaúma, Zumbi, Negros do Riacho, etc.

O caderno História do RN, encartado no jornal Tribuna do Norte, traz o depoimento de Severino Paulino da Silva. Ele conta que a origem da comunidade surgiu quando negros vieram de Assu, talvez por causa de uma grande seca. Faziam parte de uma família formada pelo casal Joaquim e Caiada, e seus filhos, todos negros. O casal vendeu doze cavalos para comprar a propriedade. O Sr. Carrias, antigo dono da Capoeira, enganou seu Joaquim entregando uma procuração em lugar do documento de venda. Quando da morte de Joaquim, Carrias exigiu mais cem mil réis aos filhos do falecido para passar o documento legal da venda do sítio. Os filhos pagaram a quantia e asseguraram a posse definitiva da terra. Os bisavós de Severino Paulino da Silva foram, segundo conta, o núcleo original da população de Capoeira dos Negros.

A área inicial da comunidade era de 36 quilômetros. Diminuiu muito porque alguns de seus moradores venderam suas partes. Durante a semana passam o dia na roça. Produzem mandioca, feijão e milho. Vendem seus produtos nas feiras de Macaíba, no sábado, e na de Bom Jesus, no domingo. A religião predominante é a católica. Há também um sincretismo com credences populares, oriundas de cultos africanos e nativos. Mas a tradição antiga na comunidade é mesmo o pau furado. ■

LIVROS

Carlos Magno Araújo

carlos_magno_araujo@yahoo.com.br

SERTÃO



A Copa do Mundo e mais as festas da época inibiram um pouco os lançamentos literários em junho, mas ainda assim foi um mês de boas notícias: entre os destaques, um novo livro de Aldo Lopes de Araújo, escritor paraibano radicado em Natal há seis anos. Em *Zé, a velha e outras histórias*, ele ressurgiu com seu já conhecido sotaque nordestino, mas nordestino de raiz, a exemplo do que já mostrara no premiado romance *O dia dos cachorros*. Este novo livro integra a Coleção Tamarindo, da Dinâmica Editora, de João Pessoa. A coleção reúne dez obras de autores paraibanos. Aldo Lopes juntou quatorze contos, estilo com o qual, aliás, iniciou sua trajetória literária. Os textos trazem reminiscências familiares e lembranças do modo de vida sertanejo. A obra é permeada de uma certa melancolia, típica de quem tem o sertão na memória.

MEMÓRIA



O escritor Manoel Onofre Júnior lançou uma segunda edição de *O caçador de jandairas*, refundida e aumentada, como descreve. Sai pelo selo Sebo Vermelho e tem 170 páginas. Imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Manoel Onofre Júnior desfila suas lembranças de uma Natal romântica, com tudo que uma capital pequena podia oferecer no início dos anos 50, e de uma Martins, sua terra natal, que resiste ao tempo, apesar da distância.

TEMAS ROUBADOS



Com orelhas do poeta Demétrio Diniz e apresentação do professor de Literatura da UERN, Wellington Medeiros de Araújo, a poeta Anchella Monte lançou

pelo Sebo Vermelho o seu segundo livro de poesia, *Temas Roubados*. Anchella, que já ganhou dois segundos lugares no Prêmio de Poesia Luís Carlos Guimarães, e menção honrosa no Prêmio Othoniel Menezes, é formada em Letra e professora. "*Temas Roubados* é um livro que se faz pelo labor diário da escritora em constante observação do mundo que a rodeia", afirma Wellington em sua apresentação.

ESTAR SENDO. TER SIDO

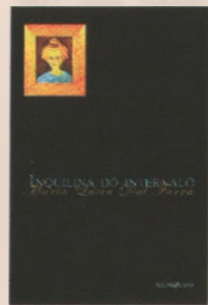
Hilda Hilst



A Editora Globo, que reedita as obras de Hilda Hilst, lança *Estar sendo. Ter sido*, o último texto ficcional da escritora morta em 2004, uma das maiores poetisas do país. O livro, uma espécie de testamento literário da autora, funde temas, gêneros e personagens pertencentes à sua obra progressiva. O relato organiza-se em duas partes, ambas concluídas com seqüências de poemas. Nelas, o narrador Vittorio, de 65 anos, se recorda de suas experiências afetivas e sexuais e prepara-se para

morrer. Ao seu lado, o irmão Mathias, dez anos mais moço, o filho Júnior e a empregada Oroxis, além de outros personagens secundários, como a advogada Lucina, o bispo Dom Deo, o comerciante Bembom e sua filha Rosinha, compõem seu pequeno cotidiano sem acontecimentos relevantes. O texto de Hilda é denso e complexo, mas cheio de beleza.

INQUILINA DO INTERNATO



Pela Iluminuras, chega às livrarias de todo o país o novo livro da conceituada ensaísta e poeta paulista Maria Lúcia Dal Farra. Desta vez, a autora de *Livro de auras* e *Livro de possuídos* (poesias), envereda pelo conto com *Inquilina do Internato*. São 25 contos, escritos com maestria e sensibilidade. O livro é definido assim por Vilma Áreas: "o que surpreende de imediato neste livro é a juventude da voz, infância desabrochando na adolescência, ocupada em crescer, compreender, sentir, confundir-se, perder." Maria Lucia é

autora também de mais de centena de trabalhos sobre narrativa e poesia. Professora universitária aposentada, mora em Sergipe desde 1986.

DISPERSÃO



O poeta Edson Guedes de Moraes lançou em julho uma edição, preparada com esmero por ele mesmo, do seu único livro de poesia "Dispersão", em comemoração aos 50 anos da primeira edição, pela Col. Clube dos XII, Rio de Janeiro. O livro tem apresentação do poeta Jaci Bezerra e comentários dos poetas Francisco Carvalho e Carlos Nejar. Edson se tornou conhecido no país inteiro pelas belas edições artesanais que faz e distribui – gratuitamente – de poetas das variadas tendências e regiões brasileiras.

MAPEANDO A CULTURA BRASILEIRA

Com prefácio escrito por Murilo Melo Filho, da Academia Brasileira de Letras,

e os comentários nas orelhas do cineasta Cacá Diegues e da professora Maria Arisnete, PhD em literatura e docente da UFRN, o livro *Nas Trincheiras da Cultura*, do jornalista José Soares Júnior, reúne cem entrevistas com personalidades marcantes da arte brasileira. Entre os entrevistados estão Zélia Gattai, Zuenir Ventura, Ariano Suassuna, Lucélia Santos, Lobão e Chico César, entre outros. O objetivo do livro é mapear parte da produção cultural realizada nos últimos anos. A obra foi lançada em maio. José Soares é natural de Brasília e radicado em Natal há 20 anos.

CONTOS CEARENSES

Há anos vivendo em Natal, o escritor Francisco Sobreira está entre os autores cearenses selecionados na nova edição de *Caos Portátil – um almanaque de contos*, da editora cearense Letra e Música. É um livro-revista de 64 páginas, com acabamento gráfico moderno. *Uma música para dois* é o conto de Sobreira selecionado pelos editores Jorge Pieiro e Pedro Salgueiro.

PS.

▶▶▶▶ Mais uma Preá na praça. Perseguindo a qualidade e linha que vimos buscando desde o primeiro número. Como as anteriores, uma edição que contempla assuntos e abordagens variadas sobre o nosso fazer cultural e uma agradável estréia, a do contista Bartolomeu Correia de Melo, um dos nossos mais brilhantes escritores. Bartolomeu, que assina o conto *Tira-teima*, é autor do livro *Lugar de estórias*. Na realidade, na ficção são duas estréias, porque, pelo menos na Preá, é a primeira vez que a poeta Carmen Vasconcelos publica um conto. Bastante original, por sinal. A poesia de Carmen já foi enfocada na Preá. Nesta edição temos a poesia de Kalliane Sibelle, ganhadora do Prêmio Luís Carlos Guimarães de 2005, que já havia recebido menção honrosa em outras duas edições do concurso. Trata-se de uma ótima poeta, que junto com os poetas Leontino Filho e Marcos Ferreira, representam o que de melhor Mossoró produz em Literatura.

▶▶▶▶ Cada entrevista tem a sua história. Fatos curiosos, lances às vezes incríveis, que nem sempre chegam ao conhecimento do leitor. A entrevista com José Dias foi pródiga disso tudo. O temperamento irrequieto e passiona do produtor musical já renunciava isso. Durante a entrevista o produtor ficou sentado no chão da sala, mas levantou-se várias vezes, para jogar o cigarro fora e porque não conseguia ficar parado um minuto. Sentados num sofá, próximos a ele, não tínhamos nesses instantes como sair correndo atrás dele com o gravador para gravar o que ele estava falando.

Felizmente, deu tudo certo. Tudo foi gravado direitinho e o resultado vocês conferiram nesta edição.

▶▶▶▶ O fotógrafo Anchieta Xavier já é conhecido de todos os que lêem a Preá. Mas o que quase ninguém sabe é que ele é formado em Letras e foi professor de Literatura. Nesta edição, Anchieta escreve sobre um dos mais elogiados e importantes romances potiguares, *A Pátria não é Ninguém*, do escritor e ex-presidente da FJA, François Silvestre. Romance que o jornalista e cronista Sérgio Vilar considerou com um dos melhores que ele já leu. O livro de François, inclusive, resultou numa tese escrita na França, por uma estudante francesa. Na minha opinião, *A Pátria não é Ninguém* figura entre os melhores romances escritos no Rio Grande do Norte.

▶▶▶▶ Esta edição fala também de outro grande romance *O dia dos cachorros*, do escritor paraibano, radicado em Natal, Aldo Lopes. Exímio contista, Aldo já havia brindado os leitores com *Estátuas de Sal*, saudado como um dos grandes livros de contos editados nos últimos anos no Nordeste. O romance e os contos de Aldo estão num patamar literário bem superior, em temas de prosa, tanto em Natal como na Paraíba.

▶▶▶▶ Nesta edição contamos com a força e o talento da estudante de jornalismo Ramilla de Souza, cinéfila e leitora refinada, com um enorme potencial para o jornalismo cultural.

▶▶▶▶ Viver somente da arte não é fácil no Brasil. Em Natal, são poucos os que conseguem. A reportagem sobre o artista popular Paulo Varela é mais uma demonstração disso. Geralmente, sobra idealismo e falta consumidor. Não é fácil para os artistas, tampouco para bons projetos culturais. A Preá foi enquadrada na Lei de Cultura Estadual Câmara Cascudo e até hoje não conseguiu uma empresa que se interessasse em patrociná-la.

▶▶▶▶ Editar uma revista cultural é uma tarefa prazerosa, mas também cansativa e difícil. Prazeroso se o cara for do ramo

e gostar do que faz. O trabalho em si é a parte mais fácil de administrar, principalmente se a equipe é pequena e coesa. Como foi a Preá desde o início (repórter, fotógrafo, diagramador, estagiário, revisor e editor). O básico do básico. Depois de vinte anos de profissão, sempre ligado ao jornalismo cultural, fazer a Preá foi uma dádiva. Abracei o projeto com paixão e o resultado pode ser conferido nestes últimos quatro anos. Fizemos a revista que foi possível fazer. Agradamos e desagradaamos e não poderia ser diferente, pelas próprias características do trabalho. Quanto às dificuldades, elas começam pelo fato de a revista ser editada por um órgão público, o que requer um jogo de cintura enorme. Porque se é pública, significa que é de todos. Mas para manter a qualidade da revista é necessário selecionar o material a ser editado. Aí é que os problemas começam porque ninguém admite que escreve mal. Todos se acham Machado ou Graciliano e querem o seu texto publicado. Além daqueles que escrevem de forma claudicante, ainda temos os egos e a mesquinha dos intelectuais e pseudo-intelectuais para reger. Esses últimos, se o editor não tiver cuidado, tomam conta da publicação. Por isso, para se sobreviver num cargo de editor há de ter jogo de cintura e muita paciência. Mesmo tendo esses dois atributos ainda se corre o risco de arranjar inimigos perigosos. Prontos para puxar o seu tapete ao mais leve vacilo. É um andar sem tréguas sobre o arame. Sem rede de proteção embaixo. Por isso, manter a Preá circulando por quatro anos (um Governo inteiro), é um marco que devemos comemorar. E a grande vencedora foi a cultura produzida aqui, que neste período, pôde ser levada aos mais distantes rincões (até mesmo do RN, que não se conhece).

Por tudo isso, viva a Preá!

Tacito Costa



A solução em projetos gráficos e diagramação de livros, revistas e jornais.



www.infinitaimagem.com.br
infinitaimagem@infinitaimagem.com.br
(84)3231-3795/8805-1004

“Em nosso governo a cultura mereceu o mesmo tratamento dispensado a outros setores importantes, como Educação, Saúde e Segurança, entre outros. Os números confirmam isso. Chegamos com ações culturais importantes a 50 municípios. Nosso propósito é aprofundar o trabalho iniciado nesses quatro anos e fazer ainda mais pela cultura. Porque o povo precisa de diversão e arte”.

Wilma de Faria